

A romantic couple is shown in a close embrace, about to kiss. The woman has long brown hair and is wearing a light blue shirt. The man has a beard and is also wearing a light blue shirt. The background is a soft, pinkish-red gradient with white bokeh lights. A gold wedding ring icon is placed to the right of the word 'ENTRÉ'.

ALIANÇA ENTRÉ AMIGOS

Um romance por
JESSICA SANTOS



 Aliança
entre.
amigos

Copyright© By Jessica Santos

Dados internacionais de catalogação (CIP)

Santos, Jessica

Revisão: Margareth Antequera

Capa: Jessica Santos

Diagramação: Jessica Santos

1ª Ed

Candeias – Bahia, 2019

1.Literatura Brasileira. 2. Romance. Título I.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998). Está é uma obra de ficção, nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos desta edição reservados pela autora.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Epílogo](#)

AGRADECIMENTOS ♥

PRIMEIRAMENTE, obrigada, Deus, pelo senhor ter me permitido mais uma bênção. *Sem ti nada sou.*

Obrigada, mãe (te amo de montão, você é minha maior inspiração), irmã, tia e amigas leitoras do Whats, principalmente as meninas do SL, autoras parceiras, de guerra! Obrigada a cada um de vocês que estão me apoiando nessa jornada, eu só sei agradecer, *sou eternamente grata!*



Para Lara Moraes, a vida sempre foi cheia de altos e baixos. Uma mulher forte e determinada que aceitou de bom grado o presente inesperado que recebeu do destino e não mediu esforços para criar o seu filho. Ainda que a própria família tivesse lhe dado as costas, ela sempre contou com a companhia do seu melhor e único amigo.

Max é o homem que todas as mulheres desejam ter em suas vidas. Lindo, romântico e cavalheiro, o amigo de infância de Lara é o único que conhece seus segredos, seus medos e seus sonhos.

Sem prévio aviso, a antiga amizade irá despertar novos sentimentos e de uma hora para outra, tudo pode mudar.

Será que entre tantas reviravoltas do destino, Lara e Max conseguirão ficar juntos?



LARA MORAES

Se a minha vida daria um livro? Sim, daria... Um livro enorme que em cada página você derramaria lágrimas pela vida injusta que tenho levado. Eu não sou escritora, mas saberia descrever com pontos e vírgulas toda a minha história. Tornei-me mãe aos 20 anos, criei meu filho diante de humilhações doadas pela mulher do meu tio Marcos, até que ele decidiu me dar uma casa para que eu morasse com Felipe. Os avós paternos do meu pequeno Lipe jamais vieram oferecer apoio ao neto quando Vinicius morreu, o único que soube agir corretamente, apesar de não ter obrigação nenhuma fora Max, meu melhor amigo, que conheci quando estudávamos juntos no ensino médio na cidade de Porto Vermelho.

Max me ensinou a dar banho no meu próprio filho com tutoriais de vídeos no YouTube, nessa época tudo confundia meu coração, era recente o falecimento do meu namorado, eu ainda estava bastante abalada, tanto é que, por um instante comecei a ter sentimentos por meu amigo, esse sentimento começou a surgir quando ele passou a me dar carinho e proteção, porém pus a

cabeça no travesseiro e logo enxerguei que tudo não passava de ilusões que criei como válvula de escape, para tentar esconder o desespero da perda de Vinicius.

— Quero esse relatório pronto antes das 6h — diz meu tio, colocando a pasta em cima da minha mesa. — O Roberto viajou a negócios e quer que você olhe uns documentos amanhã à tarde.

— Tudo bem, serei o mais rápida possível — Roberto é o segundo dono da Centro Móvel, um homem que só por levar um bom sobrenome se acha no direito de vir subestimar minhas virtudes e me oferecer dinheiro para me deitar com ele. — A Marina não pode ver isso para o Sr. Muniz? Hoje tenho sete relatórios para entregar em dois departamentos, tio... Sr. Teles — falo.

— Você é funcionária, Lara, assim como ela — ele começa a falar. — Não me importa o que houve entre vocês dois, só quero que seja profissional, como foi contratada para ser e não se esqueça de que aqui você é funcionária e não escolhe o que quer fazer ou não.

— Claro — Respiro fundo. — O senhor está certo, Sr. Teles.

Eu não entendo o porquê do meu tio e sua esposa me tratarem mal, foi assim desde que fui morar com eles, somente quando o assunto era estudos eles me ajudavam, parece até não se importarem com meus sentimentos.

Meu coração não vai poder suportar tantos danos, é muita coisa para uma pessoa só. A carga só vai aumentando e aos poucos sinto que vou cair e nunca mais conseguirei me reerguer.

— Quero o documento antes das 5h — declara Marcos, dando-me as costas — Mudei de ideia, hoje irei sair mais cedo — sem querer acabo partindo o lápis, com a mão, por ter colocado tanta força.

— Quando isso vai acabar? — murmuro ao me levantar para ir atrás de mais folhas de papéis ofício na sala de Marina, a secretária chefe. Atravesso o

corredor direito onde fica a máquina de café e vejo alguns funcionários jogando conversa fora, os ignoro e sigo em direção à sala de Mari. A porta está semiaberta, mas não entro, bato esperando que ela me responda.

— Quem é?

— Sou eu, Marina — falo, aproximando-me. — Está ocupada? — pergunto por precaução.

— Não, Lara — responde ela — Pode entrar — Faço como pedido e entro no cômodo que é bem aconchegante para o cargo que ocupa.

— Preciso de algumas folhas de papel ofício, as que eu tinha acabaram — Comento a vendo sorrir. Marina Santos é uma mulher muito bonita, parda, cabelos pretos acima dos ombros e olhos castanhos-claros, ela além de ser muito educada é gentil comigo, principalmente nas minhas horas de aflição na empresa. — Desculpe vir incomodar.

— Não incomoda em nada — fala, levantando-se do seu assento. — Tem um pacote fechado, vou te dar, mais tarde peço alguém para conseguir mais para mim, não tenho pressa, esses dias estou trabalhando mais em corrigir alguns relatórios dos novos estagiários.

— Fico grata pela ajuda, realmente eu não queria pedir isso ao Rafael, ele anda muito indiferente esses dias — confesso, vendo-a se agachar diante do armário cinza.

— Precisando é só me ligar ou vir pessoalmente — avisa, entregando-me o pacote do papel ofício.

— Obrigada! — Agradeço, pegando a embalagem de sua mão. — Digo o mesmo para você, precisando de mim não hesite em me procurar.



Quando iremos nos ver. Essa foi a primeira frase que Max disse logo

que atendi sua ligação depois das 4h.

— Esses dias não tenho tido tempo nem para mim, Max — falo, ouvido seu suspiro do outro lado da linha.

— *Muitas vezes fiz questão de trazê-la para trabalhar na empresa da minha família e você na teimosia não quis* — ele reclama e eu sorrio. — *Marcos anda sugando muito você, ruivinha. Ele é seu tio, deveria lhe dar um bom cargo!*

— Ele nunca faria isso, pode esquecer essa possibilidade — falo, tentando abrir a porta do meu carro. — Marcos parece que me odeia e, com relação a ir trabalhar com você... Quem sabe um dia.

— *Quero te ver* — desconversa Max. Eu notei. — *Amanhã estarei na cidade, preciso abraçar a minha amiga.*

— Quanta carência, cadê a Thais? — brinco, conseguindo por fim abrir a porta que estava emperrada. O ruim de ter carro de segunda mão é isso, tem que aturar todas as piores surpresas que possam surgir.

— *Tenho bons motivos para ir a Santa Felipa.*

— Posso saber quais são, Sr. Prado?

— *Você, minha família, Thais e Lipe* — Quase rio com a sua lógica. — *Falando nisso, como anda Lipe no internato?*

— Quero pegá-lo nesse fim de semana para passarmos pelo menos dois dias juntos — manifesto-me, tirando a bolsa do meu ombro e colocando no banco traseiro. — Max, preciso desligar, estou indo para casa, quando eu chegar retorno a chamada.

— *Tudo bem, eu também tenho que assinar alguns contratos aqui.*

— Até mais — Falo ao desligar o celular. Para minha satisfação consegui concluir todos os relatórios antes das 5h e fiz questão de entregá-los pessoalmente ao meu tio.



LARA MORAES

A semana passou rápido e por fim sexta-feira chegou, eu agradei, porque passar a semana toda olhando para cara das pessoas que fazem pouco caso da gente é angustiante. Max chegou na quinta-feira e foi direto para casa de Thais, alegou não querer me incomodar, eles têm um relacionamento tranquilo, ela mora aqui em Santa Felipa, já ele, em Porto Vermelho, fazem o possível para estarem juntos sempre que há uma brecha nas agendas de trabalho.

Decidimos nos ver em um café que tem no centro da cidade para matarmos a saudade. Max disse que finalmente me apresentaria direito a sua tão amada namorada Thais Freitas, apesar de vê-la algumas vezes passando de carro perto da empresa, a animação me tomou só de pensar que abraçaria meu melhor amigo, depois de um bom tempo sem vê-lo.

Estacionei meu carro na entrada do estabelecimento e fiquei

aguardando Max aparecer, ao passar três minutos o vi saindo do seu automóvel, sorri ao notar que ele abaixou um pouco o rosto, logo após ergueu para me encarar com aqueles olhos pretos extraordinários que tem.

Apoio meu corpo no carro, cruzo os braços e sigo os movimentos dele em minha direção.

— Boa tarde, Sr. Max — Cumprimento-o, sorrindo. — Venha me abraçar, o que está esperando? — brinco.

— Não seja uma provocadora, Sra. Lara — ele rebate, sorrindo. — Céus, como é bom rever esse seu rosto lindo — diz ele, vindo ao meu encontro. Antes de ele me abraçar reparo que por algum milagre desconhecido ele não está usando roupas sociais como é de costume.

— O amor está te fazendo bem, meu amigo! — murmuro lhe abraçando fortemente. — Olha esse brilho nos olhos — Arrasto minha mão até sua nuca e afago seus cabelos.

— Você também não está nada ruim — Max elogia. — Quando irá pegar o Lipe? Quero vê-lo antes de partir — confidência, saindo do meu abraço. Meus garotos tinham uma relação de dar inveja, particularmente eu amava saber que Felipe se sentia confortável ao lado de Max.

— Pretendo fazer isso amanhã — Revelo. — Tenho que avisar antecipadamente para a madre Maria liberar a saída dele.

— Vamos? — Convida-me ao abrir um pequeno espaço entre nós.

— Agora que notei, onde está a Thais? — indago, ajeitando meu vestido que levanta quando o vento bate com brutalidade.

— Teve um imprevisto, mas chegará em breve — Fala.

— Então vamos entrar, assim podemos pegar nossa mesa perto da janela — Comento caminhando a passos largos.

— Pode me esperar ruivinha? Seu chocolate não vai sumir — debocha, sabendo que minha bebida preferida é chocolate quente.



Thais não se atrasou alguns minutos como Max previa, ela se atrasou algumas horas, eu odiava quando a pessoa não chegava no devido horário, isso é falta de respeito com as coisas, por mais que fosse para um encontro casual.

— Ela não está atrasada? Já são 7h30, chegamos aqui às 5h50! — reclamo, vendo Max abaixar a cabeça e soltar um riso nervoso.

— Esperar mais um pouco não vai te matar — provoca meu amigo, passando seu dedo indicador na ponta do meu nariz. — Deixe de ser rabugenta, você já tomou duas xícaras de chocolate.

— Max, ela se atrasar assim para algo simples, imagine quando se casar? Deus te ajude que Thais... — Sou interrompida por uma voz feminina.

— Amor, me desculpe pela demora, minha mãe teve que ir ao hospital... Tive que acompanhá-la — Viro o meu rosto para observar a mulher, mas antes disso me recomponho. Diante de mim está Thais Freitas, namorada de Max Prado. — Olá... Você deve ser a Lara! Os seus cabelos já são como referência porque *o meu amor* sempre está te chamando de *ruiva* quando estamos conversando sobre você!

— Sou eu sim — Sorrio encarando Max, que me corresponde com um meio sorriso, em seguida que se levanta para tirar uma cadeira do lugar para a namorada se sentar conosco.

— Como estamos todos aqui podemos fazer o pedido — fala Max, levantando a mão para chamar o garçom que vem sem medir esforços.

— Boa noite, senhores, o que irão querer, o mesmo que pediram mais cedo? — Thais arregala os olhos quando o rapaz de cabelos claros acaba de nos denunciar.

— O da ruiva e o meu sim, mas vou perguntar o que minha namorada deseja tomar — confidência Max, voltando a sua atenção para Thais que sorri carinhosamente. — Querida, o que irá querer? Um chocolate ou outro tipo de bebida? — indaga ele, entrelaçando seus dedos nas mãos dela. Eu assistia a cena de camarote.

— E o que vocês irão tomar? — Ela quis saber.

— Chocolate — respondo, sentindo meu celular vibrar na bolsa.

— Eu também quero o mesmo — relata Thais, acariciando o ombro de Max. — Quero sentir o sabor desse chocolate tão apreciado pelo meu amor e a amiga dele.

— Está decidido então. Pode trazer três xícaras de chocolate quente! — informa Max.

— Eu preciso atender uma ligação, com licença — peço ao perceber que é estranho meu celular tocar sucessivamente neste horário. Levanto-me apressadamente e sinto os olhos preocupados do meu amigo em mim. Tiro o

celular da bolsa e vejo que é do internato, onde Felipe está. Aperto tanto a palma da minha mão que sem demora o ardor não passa despercebido.

O que deve ter acontecido com meu filho?

Ultrapassei a porta e segui em direção ao jardim do estabelecimento, suspirei com aflição ao virar o rosto e ver Max me observando do outro lado da janela de vidro da cafeteria, ignoro nossas trocas de cumplicidades e começo a discar o número da Madre Superiora do internato.

— Olá — Cumprimento a madre Maria assim que ela me atende. — O que houve? A senhora só me liga quando está acontecendo alguma coisa com o Lipe — disparo, tirando meus saltos e os jogando após na grama.

— *Felipe esteve com febre e, também pegou uma tosse desde ontem, mas o Dr. Victor deu um antibiótico, Lipe melhorou, não precisa utilizar mais remédios e nem o levar ao hospital, só liguei para avisá-la porque é a nossa obrigação deixar os pais informados* — fala a Madre.

— O Lipe por acaso ficou na friagem? — interrogo me lembrando que ele já teve início de pneumonia há quase oito meses.

— *Anteontem tivemos uma gincana com os alunos da nossa instituição juntamente com a da cidade vizinha* — confessa a Madre Maria. *Meus lábios tremem e eu fico tão irracional que me jogo na grama.* — O último número deles foi na piscina.

— Quantos minutos ele ficou dentro da piscina? — Meu coração saltitava. O medo estava me tomando. — Me responda! — acabo gritando, foi espontâneo. Meu lado mãe protetora acabara de surgir ferozmente.

— *Se acalme, Sra. Moraes — pede ela. — Ligamos para a senhora porque é a nossa obrigação comunicar aos pais o estado dos seus filhos.*

— Estou indo agora mesmo aí, espero que me deixe entrar — murmuro chorosa. — Vou ver meu filho nem que eu tenha que pular esses muros!

— *A senhora está transgredindo as regras, as visitas só são aceitas pela manhã, então eu peço que tente ficar tranquila.*

— Quando o assunto está relacionado ao meu menino não há regras — balbucio, passando a mão no meu rosto molhado por lágrimas.

— *Mas...* — Eu a interrompo.

— Estou indo aí. Até mais! — Desconverso encerrando a ligação.

— Lara, o que aconteceu? Por que está jogada na grama? — assusto-me com a voz de Max.

— Max, me perdoe pelo imprevisto, mas eu tenho que ir — Falo me levantando. — O Lipe está doente, preciso vê-lo agora mesmo — aviso, atrapalhando-me no chão e deixando minha bolsa cair.

— Posso levá-la — Max se oferece ao pegar minha bolsa do chão. — Thais irá entender.

— Não quero atrapalhar o seu momento, Max — Falo tentando desconstrair a situação. — Pode ficar sossegado, posso pedir um táxi.

— Não seja teimosa, Lara — insiste ele, puxando-me para um abraço. — Seus olhos me dizem que você está toda atrapalhada e nem ao menos sabe

por onde começar — Fala meu amigo convicto.

— E como sabe? Meus olhos falam por acaso? — brinco, começando a soluçar quando Max acaricia meus cabelos e sussurra em meu ouvido.

— Eu sei o quanto ama o seu filho e estaria disposta a pular aqueles muros para vê-lo, acredito que, se eu me encontrasse nesta posição faria o mesmo — Ele me entendia tão bem que às vezes sinto que seria um bom pai, quando se casasse com a Thais e tivessem filhos.

— Por isso que eu te amo — declaro, apertando-o contra meu corpo.
— Você é o melhor amigo que poderia ter.

— Eu também te amo sua teimosa, agora me deixe te ajudar — Rio com a parte "teimosa".

— Qual a explicação que dará à Thais? — indago, não vendo mais a mulher na mesa em que estávamos.

— Antes de vir até aqui, pedi ao Olavo que a levasse para casa — Fala Max, beijando minha testa. — Eu a mandei ir porque sabia da sua preocupação.

— Podemos ir? — Cedo, sentindo seus dedos se entrelaçarem firmemente aos meus.

— Talvez já estivéssemos perto se não fosse pela sua resistência — Articula ele, agachando-se para pegar meus saltos, seguidamente se ajoelha em minha frente. — Vire o pé — Levanto um pé e Max põe um salto e depois põe o outro.

— Agora podemos ir, meu príncipe — brinco, mas no fundo nada está bem, não quando me deparo com meu filho doente.



Sem me importar com as regras da instituição, bato desesperadamente no grande portão cinza de ferro. Com o braço ao redor da minha cintura, Max pede para que eu me acalme.

— Respire um pouco, Lara — pede ele. — Já estamos aqui, agora se acalme — tínhamos demorado cerca de cinquenta minutos para chegar ao internato Santa Maria, que fica há cinco quilômetros de distância da cidade de Santa Felipa.

— Vou tirar Felipe do internato, vou colocá-lo na escola que tem perto do meu apartamento — desabafo ouvindo o cadeado sendo aberto do outro lado.

— Quem vai cuidar dele pela manhã? — Sou pega de surpresa.

— É... Arrumarei uma escola integral — Muita coisa me impedia de levar meu menino para casa comigo, os fatores principais eram seus avós paternos, os abutres acham que depois de anos perdidos podem tomar a guarda de Lipe.

— Se esse é o seu desejo, faça isso — incentiva Max.

— Boa noite, senhores — Cumprimenta José, o zelador. — A madre está esperando a senhora na sala dela.

— Obrigada — Agradeço, aliviada por ter sido pelo menos atendida.

— Com licença — pede Max.

— Me acompanhem, por favor — concordo depressa. Os problemas estavam caindo como uma avalanche sobre mim. Patrícia e Carlos nunca desejaram conhecer o neto, de uns meses para cá eles mandaram um advogado me pressionar que eu deixe Felipe ir vê-los em Pedras Pretas. Atravessamos o jardim, logo após entramos no corredor de visitas.

— Mãe — Lipe sorri ao vir correndo ao meu encontro, atrás dele estava a madre.

— Oi, meu menino — sussurro, agachando-me para ficar do tamanho dele.

— Sra. Moraes, isso não pode acontecer, está ultrapassando os limites — fala a Madre Maria. — Felipe só será liberado amanhã de manhã perto das 9h.

— Lara é a mãe do garoto, além disso ele está doente — Interfere Max.

— As regras são preestabelecidas, caso a senhora não queira segui-las, terá que tirar a criança do nosso instituto — ela informa.

— Vou levar Felipe hoje, na segunda-feira volto para pegar as coisas dele e trancar a matrícula — falo decidida.

— Nós iremos morar juntos, mamãe? — pergunta minha vida, ainda me abraçando.

— Sim, querido — respondo.

— Essa é a sua decisão, está no seu direito — A mãe se pronuncia.
— Mandarei trazer algumas roupas para o Lipe antes que se vá.

— Não é necessário, em casa eu tenho o suficiente até que chegue segunda.

— Tudo bem, mas não pode levar o menino sem assinar um termo, como supervisora tenho que prezar pelo bem-estar do lugar — sou avisada.

— É claro — Apoio. — Max, fique com Lipe, eu já volto — peço, tendo a total liberdade de seguir a mãe até o escritório.



MAX PRADO

Ela precisava de um porto seguro e eu seria, porque a amava. Lara sempre foi uma mulher admirável, criei admiração por ela quando comecei a conhecê-la melhor no ensino médio, na época em que chegamos a estudar juntos. Não foi por sua beleza e nem o status da família que me fez querer construir um elo de amizade, foi sua simplicidade e história de vida. Ontem, senti que Thais havia se chateado com toda prioridade que dei a minha melhor amiga e não a ela com quem eu divido a cama. Seria egoísmo dizer que amo Thais e Lara? Uma eu tinha em meus braços, mas a outra era proibida para mim, ela não me via com outros olhos, minha ruiva só desejava minha amizade, nada mais que isso. Se era amizade que Lara poderia me oferecer, eu agarraria com muita força e não seria louco de deixar a oportunidade fugir, estar ao lado dela, era como estar no céu e no inferno, aquela mulher me trazia paz e tormenta.

— Acordou cedo — Quase derrubo a xícara de café quando ouço a voz de Lara. — Mmm, vejo que fez um banquete — fala ela, se aproximando. Levei um nocaute ao ser convidado para dormir na casa dela quando nós tínhamos acabado de deixar o internato onde Lipe estava por um bom tempo, eu aceitei tão depressa que me surpreendi. Disfarçadamente olho para os detalhes da sua camisola e seus cabelos ruivos presos em uma trança que prendia todos os fios rebeldes, porém, sou impedido de apreciar o tecido ao me sentir sujo por fazer essa imoralidade.

— Eu fiz — falo. — Não tinha muita coisa no armário e na geladeira, mas consegui fazer uma jarra de suco de maracujá, assei alguns pães no forno e fiz salada de frutas porque sei que Felipe ama — O sorriso de Lara iluminou meu coração. Era inexplicável a sensação de vê-la ficar com os olhos quase fechados ao sorrir verdadeiramente.

— Você é um amor! Quando se casar a mulher é toda sua — fala ela.

— Claro que será eu, não pensaria ao contrário — brinco.

— Já ligou para a Thais hoje? — pergunta Lara, já lavando as mãos na pia da cozinha.

— Mandeí uma mensagem para ela assim que acordei.

— Fico mais tranquila — murmura Lara. — Espero que ela não fique chateada com o acontecimento de ontem.

— Thais é uma boa pessoa, irá entender — Suavizo a conversa. — Soube que os pais de Vinicius querem ver o menino.

— Faz um mês — ela revela.

— Eles não têm este direito, Lara — murmuro baixo. — Você cria seu filho sozinha desde que descobriu a gravidez! E olhe só, Lipe tem oito anos agora.

— Estou ciente disso, Max — fala ela, soando triste. — Só que Carlos e Patrícia têm bastante dinheiro para me jogar contra a parede.

— Você tem dinheiro — Tento arriscar. — De igual para igual não faz diferença.

— Max, eu sou pobre, e todos os recursos são dos meus tios! Na realidade eu nunca tive nada... Nem mesmo tive a sorte de conhecer meus pais — Conta Lara, trêmula. — Quem dirá ter dinheiro para enfrentar, meus ex-sogros? Patrícia me culpa pela morte de Vini, diz que o filho dela só começou a trabalhar porque eu inventei de engravidar para dar um golpe.

— Ei, não precisa chorar — peço indo até ela, que se encolhe. — Você tem a mim, ruiva. Vinicius não morreu por sua culpa, ele foi insolente ao se deitar com uma mulher casada e acabou pagando o preço.

— Carlos e Patrícia não querem ver a verdade! — fala ela, agitada. — Desde o início do meu namoro com o filho deles, eu comecei a ser julgada por ambas famílias! Tio Marcos, na primeira vez que me viu aos beijos com Vini o mandou embora da nossa casa e depois me deu um tapa no rosto — Fecho os olhos ao notar que minha melhor amiga chorava e entre soluços se apegava a mim.

— Shhiii, não chore — Praticamente imploro.

— O tio Marcos e Olga nunca sentiram afeto por mim, eles diziam que

me deram teto e cuidaram de mim porque meus pais tinham morrido e como Marcos era irmão do meu pai, faria com que eu viesse ter um bom estudo e uma boa vida até que meus 18 anos chegassem para que o fardo sobre eles fossem para longe — admite Lara.

— Pare de se torturar, por favor — sussurro, angustiado.

— Mãe, onde está a senhora? — Assustada Lara se afasta de mim e ligeiramente de apressa para limpar o rosto molhado.

— Estou na cozinha, meu amor — grita ela, montando um sorriso.

— Oi, tio Max! — Lipe me cumprimenta assim que me avista ao lado da mãe dele. Felipe é um menino grande para pouca idade, ele é um exemplo de criança.

— E aí, quando vou poder reverter o jogo? — falo, lembrando-o da nossa última partida que ocorreu há seis meses, a que nunca vou esquecer! Perdi no videogame para um menino de oito anos.

— Já faz tempo que você perdeu para Felipe, Max! Supera essa! — Debocha Lara. — Venha aqui, amor, quero ver como anda a sua temperatura.

— Podemos ver isso depois, tio — fala ele. — Agora quero comer algo.

— Então vamos nos sentar, porque eu não devo discordar! — exclamo.

— Lipe, quer salada de frutas? Max fez — pergunta Lara.

— Quero mãe — A coisa mais fácil era se adaptar a ter esses dois em

minha vida.

— Depois do café nós três iremos assistir um filme — sugiro.

— Tenho que olhar alguns papéis... — Interrompo as idealizações de Lara.

— Nada disso. O único trabalho que você terá hoje é assistir com nós dois e depois me ajudar no almoço — falo, vendo Lipe divertido.

— Por isso que te amo, tio! — Agradece Lipe animado.

— É um complô? — Ela ri.

— Lara... — Sou cortado.

— Se acalmem, tá? Hoje Lara Moraes é toda de vocês! — Ela verbaliza, dando-nos esperança.



A sala virou uma zona de guerra, Lara e Lipe corriam para o lado e para outro quando eu tentava alcançá-los, realmente não sei como viemos parar numa brincadeira de almofadas, Felipe tinha todo direito de rir e achar divertido, mas o engraçado é que a ruiva e eu também tínhamos embarcado nessa diversão, que nos arrancou muitas gargalhadas.

— Comemos há duas horas, mas com essa correria logo estaremos famintos — fala ela.

— Eu já tenho fome — fala Lipe. — Aquele frango com verduras do

tio Max me deixou querendo mais.

— Oh céus, estou criando um monstrinho! — exclama Lara, fingindo estar assustada. — Não faz essa cara, Felipe, eu estou brincando!

— Estou em fase de crescimento, mãe — resmunga ele. — Não é, tio?

— Sim, senhor! Agora paremos por aqui, a idade não me permite pegar muita picula! — justifico.

— Tenho um doce muito bom na geladeira, Lipe, se você subir agora e tomar um banho bem gostoso, irá comer duas vezes ou três — ela diz.

— Você é a melhor mãe do mundo! — grita Felipe. Olhando o filho sumir no corredor que leva para os outros cômodos, Lara cruza os braços e sorri com a corrida desesperada do garoto.

— O ama muito, não é? — quebro o silêncio.

— Ele é a minha vida — Declara, virando o rosto para me encarar.

— Ele fica mais inteligente a cada dia — Elogio.

— Meu menino é um tesouro — Ela ri de maneira dócil.

— Realmente Lipe... — a campainha interrompe minha fala. — Esperando alguém? — Pigarreio. Faço careta ao imaginar Lara com algum homem.

— Não. Que estranho! — fala ela, indo abrir para ver quem é. — Talvez seja o carteiro.

— Hoje é sábado — Lembro a ela.

— Me esqueci, só que... — Apoiando-se na madeira da porta, ela fica pálida quando vê seu tio Marcos atravessar a porta furiosamente.

— Soube que trouxe Felipe para casa — afirma Marcos. — Por que fez isso? Ele estava bem lá.

— O que o senhor faz aqui, tio? — Foi a única frase que Lara conseguiu produzir.

— O garoto não deveria sair do internato! O que te faz pensar que Felipe terá uma boa educação ao seu lado? — ele não tinha o direito de falar dessa maneira. Ninguém tinha. — Você é mãe solteira, Lara! O que vão pensar? Acha que tem capacidade de trabalhar e cuidar de um filho? — Marcos não se preocupava com os sentimentos da sobrinha.

— Chega, Marcos! — grita ela. — O senhor não cansa de me humilhar e de passar na minha cara que eu sou um peso na sua vida?

— Já chega! — Urro, preocupado com o que Lipe possa presenciar.

— Não se envolva, Max! Sua mãe e eu somos velhos amigos, mas posso esquecer-me disso se você ousar se meter onde não deve — grita Marcos, com as veias do pescoço saltando. — Meu neto volta para o internato amanhã!

— Ele não é seu neto, não pode exigir nada! — vocifera.

— Quem deu teto e alimentação a eles fui eu — discursa Marcos. Seguro-me para não socar a cara do velho. — Eu que criei Lara, ela é como

uma filha.

— Nem o demônio aceitaria ser seu filho, Marcos! Você é um hipócrita, a Lara é adulta, sabe o que faz! — Devolvo com o mesmo tom. — Pais não fazem isso que você faz com ela!

— Chega vocês dois... Eu já não tenho forças para seguir com essa guerra sem fim! — fala ela.

— Vou embora — avisa Marcos. — quero Felipe de volta no internato na segunda-feira, caso não venha a acontecer eu serei obrigado a te demitir e tomar a guarda de Lipe para mim.

— Saia daqui! — grita Lara, fungando. — Te odeio, tio! Odeio! — Ela se joga no chão e começa a chorar.

— Acabou... — sussurro. — Olhe para mim — Uma dor forte afeta meu coração quando vejo seus lindos olhos castanhos esverdeados demonstrarem tristeza.

— Meu tio não merece minhas lágrimas — adverte ela. — Vou ver se Lipe conseguiu tomar banho.

— Lara...

— Depois, Max — É a última frase que ouço quando sou deixado para trás.

Eu vou te proteger, querida.



LARA MORAES

Acordei com meu celular apitando uma notificação, bocejei antes de pegar o dispositivo para verificar quem era logo cedo e dei de cara com o contato de Max.

→ *Não foi trabalhar hoje? Liguei para a empresa e quem atendeu foi outra pessoa.*

→ Não, mas amanhã vou... Hoje não dá, Lipe parece estar feliz por ter passado esses dias ao meu lado, além disso, preciso avaliar algumas decisões.

→ *Por mim já estaria trabalhando comigo em Porto Vermelho, ruiva.*

→ É complicado, Max.

→ *Marcos não te merece, ele é um homem prepotente que vive*

desfazendo do próprio sangue.

→ Realmente, só que quero poder pagar o que Marcos já fez por mim.

→ *Nada mais que a obrigação dele, sendo que o seu pai, como diz Marcos, eram irmãos, então o certo é que lhe ajudasse.*

→ Não quero ficar falando neste assunto, é passado.

→ *Tudo bem, te ligo daqui a cinquenta minutos.*

Se eu corria o risco de ser demitida do emprego por ter faltado em plena segunda-feira? Sim. E ainda seria por justa causa. Marcos não ligava para o nosso grau de parentesco, ele é rigoroso demais para não me mandar embora. Pergunto-me se o que lhe faz tão amargurado foi a perda de um filho há trinta anos ou é a ruindade aglomerada em seu coração.

Ontem, domingo, passou e eu nem percebi, porque acabei todo o meu tempo chorando e ao mesmo tempo procurando ocultar a minha angústia para o meu filho, por mais que Felipe fosse capaz de entender as coisas, ele não merecia ver a mãe dele sofrendo, era uma criança ainda, seria traumatizante para Lipe presenciar um momento tão doloroso. Desnorteada é o significado que define meu histórico de vida. Talvez as pessoas me achem sonsa, inocente ou aquele tipo de mulher que consegue convencer a todos que é a única vítima no meio, porém, é mais triste, eu não sou nenhuma delas, em grandes momentos gostaria de ser a vilã em tudo. Poucos olham o meu lado, mas por que olhariam? O ser humano é hipócrita demais para olhar para o próximo, raramente você encontra alguém que esteja disposto a te dar uma mão para ter como apoio.

O que faço por Felipe não é pela sua falta de amor paterno, isso é ser mãe, é amar incondicionalmente. Quando ouvi o choro do meu menino pela primeira vez, meu mundo se iluminou, senti a esperança se construindo em torno de mim, Lipe me trouxe as melhores emoções. Minha decisão permaneceria em tirá-lo do internato. Meu tio vive com essa psicose em achar que tudo o que diz será sempre o melhor para meu filho.

Com a cabeça encostada no meu braço, Lipe dá início a um interrogatório de longos minutos.

— A senhora me deixa no internato por que não tem ninguém para me olhar?

— Sim, é por isso — respondo.

— Se eu tivesse avó, ela cuidaria de mim? Onde está sua mãe? — O averiguo, com seus olhos pequenos brilhantes.

— Acredito que sim — Cochicho em seu ouvido. — Acho que Ana gostaria muito de cuidar do neto.

— Ela morreu quando a senhora era bebê?

— Exatamente, Felipe — confirmo. Não tive a oportunidade de pronunciar mãe e pai, porque eles morreram quando eu era um bebê, assim relatou Marcos todas às vezes que cheguei a perguntar por eles.

— Mãe, por que a senhora estava chorando de madrugada? — Eu me assusto com a pergunta acentuada.

— Quem disse que eu estava chorando, Lipe? — pergunto.

— Eu não sou mais um bebê! Mãe, tenho oito anos — sua voz infantil fazia meu estômago embrulhar. — Quando foi me ver no banheiro ontem notei que seus olhos estavam tristes, eles não tinham o mesmo brilho quando estávamos brincando com o tio Max.

— Quer saber a verdade? — indago, o apertando para um abraço.

— Sim — Ele sorri e eu rio ao enxergar suas duas janelinhas.

— Mamãe chorou por felicidade, muita felicidade! Sabe por quê? Porque um anjo andou a propulsionando muitas coisas — falo, dando vários beijos em seu rosto.

— Posso saber quem é esse anjo? — ele pergunta.

— Mmm, ele é muito lindo, sabe? Os cabelos são ruivos, os olhos dele são esverdeados e é bem capaz de derreter o coração de qualquer um com o charme que tem — comento o fazendo me olhar estranhamente.

— Meu pai tinha os olhos verdes, não é? Uma vez ouvi a senhora contar para a tia Marina quando ela veio aqui. Eu sou como meu pai? — dispara Felipe. Dizem que sempre chega àquela fase em que as crianças começam a ficar curiosos. Solto uma risada por estar nervosa. Um dia ele iria ter curiosidade sobre a origem do pai, todavia, pensei que demorasse mais um pouco..., na verdade, jamais esperei que Lipe perguntasse tão cedo.

— Filho... — sou cortada.

— A senhora só me contou que Vini foi morar longe daqui — fala ele. Arregalo os olhos com a boa memória de Felipe, eu contei isso quando ele tinha seis anos ao perguntar por Vinicius. — E que não voltaria mais porque

acabou dormindo profundamente.

— O Vinicius te amou muito quando você ainda estava na minha barriga, desde que descobrimos a sua existência, ficamos felizes, mas houve uma fatalidade que o impediu de ter mais tempo para nós — balbucio.

— O que é fatalidade, mãe?

— Algo que poderia não ter ocorrido, mas que infelizmente aconteceu — respondo.

— Então tá — suspiro aliviada por ele ter sossegado. — Meu avô te deixou ficar comigo hoje?

— Não, mas irei ligar para a empresa e pedirei à Mari para avisá-lo — Minto ciente das consequências. Preferi ficar em casa e aproveitar um momento de mãe e filho.

— Quando tio Max volta para a outra cidade?

— Por que não perguntamos para ele? — indago, pegando meu celular debaixo do travesseiro.

— No sábado ele foi embora e nós não o vimos — Comenta Lipe.

— Vou ligar para ele e você pergunta quando ele vai embora — incentivo.

Aperto no contato de Max e ponho para chamar.

— *Lara, o que houve? Você e Lipe estão bem? Desculpe-me, esqueci*

de retornar para você.

— Fique tranquilo, não é para tanto — Rio ao pôr o celular no viva voz.

— É bom ouvir o som da sua risada, isso é sinal que já está melhor.

— Tem alguém querendo falar com você — desconverso.

— Me deixe adivinhar... O nome dele é Felipe?

— Como o senhor sabe, tio Max? — exclama Lipe, sorridente quando eu coloco o dispositivo no colchão.

— Isso é segredo.

— O Lipe quer te perguntar algo — falo, ao notar que tem um pequeno ser ansioso demais para falar com meu amigo.

— Coloca ele na linha.

— Tio Max, o senhor vai embora quando? — pergunta Lipe, todo sorridente ao encarar a tela do dispositivo que brilha com a imagem do Max que eu pus ao salvar o contato dele.

— Vou ficar mais duas semanas.

— Meu tio vai ficar mais duas semanas! — grita Felipe, não contendo a felicidade.

— Agora me deixe conversar com o seu tio — peço.

— Vou ler um pouco àquela história em quadrinhos no meu quarto.

— Está aí, ruiva?

— Desculpe, fiquei distraída — murmuro, voltando a minha atenção para o celular.

— *Tudo bem. Lara, eu quero te fazer um convite, na verdade, são três.*

— Isso tudo? — brinco.

— Minha mãe e minha avó estão convidando você e o Lipe para um jantar aqui em casa.

Nicole e Isabela são maravilhosas.

— Algum evento importante? — indago para me prevenir.

— Vêm alguns amigos próximos.

— Sei.

— *Passo para te buscar às 7h, agora tenho que ir, beijos.*

— Ei, Max! — Eu o repreendo.

— *Também te amo, gatinha! Se prepare antes, porque odeio atrasos.*

— Falou o rei dos atrasos — reclamo ao vê-lo encerrar a chamada.

Minha missão seria arrumar a casa antes de sair e dar banho em Lipe, logo após me ajeitar e esperar Max chegar para nos buscar. Seria bom rever

Nicole e Isabela depois de quase um ano.

— Caramba, vou mandar uma mensagem para Marina — pego o celular e procuro a caixa de mensagens para enviar um texto para Mari.

→ Oi Mari, como está o clima aí na empresa? Envio esperando retorno.

→ *Seu tio te procurou hoje cedo, foi na sua sala, mas não a viu.*

Um dia eu descobriria o porquê de tanto desprezo vindo de Marcos.



MAX PRADO

Deixei a empresa nas mãos do meu vice-presidente e dirigi quatrocentos quilômetros até Santa Felipa só para ver as pessoas que eu amava — as melhores pessoas. Há meses minha avó vem me cobrando uma visita, a que vem se prolongando desde que peguei um cargo importante na empresa da minha mãe, que já foi do meu pai. Moro em Porto Vermelho há cinco anos, mudei-me para administrar o único patrimônio que é de grande valor para dona Nicole, minha mãe. Com muito carinho eu aceitei o pedido de Nic para tomar à frente dos negócios do meu pai, após ele ter falecido, porque além de ter sido a mulher que me deu a vida, ela é um ser humano admirável, que nunca me decepcionou e esteve sempre me apoiando em toda e qualquer decisão.

— Filho, você convidou a Thais? — indaga minha mãe, colocando um vaso de cristal com flores no meio da mesa onde ficará as sobremesas e

alguns salgados. Quando Nicole e Isabela se reuniam para fazerem jantares que diziam ser apenas uma pequena reunião entre amigos, no final, sempre se tornavam um evento com poucos convidados próximos, era impossível delas conterem a animação.

— Hoje ela está muito ocupada no trabalho, disse que se conseguisse sair antes das 5h viria.

— Gosto da sua namorada, assim como da Lara — Comenta minha mãe, recebendo um resmungo da minha avó Isabela.

— Essa tal Thais não me engana! Meu faro de 73 anos de vida não me deixa falhar! — fala minha avó.

— Minha sogra, a senhora diz isso porque a sua preferida sempre foi a Lara — provoca Nicole.

— O Felipe poderia ser meu bisneto, mas o Max foi muito lerdo que deixou o outro pôr a cegonha primeiro! Você é uma vergonha para ser um Prado! — Rio com as insinuações de Isabela.

— Lara e eu somos apenas amigo, vó — Ignoro seu olhar de recriminação.

— Amigos, porque vocês ainda não enxergaram que se amam e por isso ficam com essa coisa de "amor de amigos" — fala Isabela.

— Isabela, a Dani está perguntando onde coloca as taças — Interfere minha mãe.

— Me deixe resolver isso! — Respiro aliviado quando minha avó se

cala e segue em direção à cozinha.

— Filho, não se chateie, sua avó está com idade — Nicole me conforta.
— Ela tem um carinho forte por Lara, é normal toda essa cisma pela Thais.

— O que a senhora acha da minha namorada? — pergunto.

— Eu não devo achar nada, Max — fala minha mãe. — Ela é a sua escolha, e será a minha também até quando você estiver com ela.

— Mãe, mas...

— Filho, ninguém aqui é criança, cada um por si — fala ela, e eu concordo. — Siga o seu coração, faça o que for melhor para si. Nunca deixe a sua felicidade para um segundo plano, às vezes as pessoas se aproveitam disso. Max, faça o que achar que é o certo! Jamais pense que eu iria impor nas suas decisões.

— Eu já disse que te amo? — sussurro, sorrindo.

— Eu sempre soube que me amava — rebate Nicole.

— A senhora é meu anjo! — murmuro orgulhoso. — Ah, Lara vai trazer o Lipe também, dona Isabela vai ficar feliz — declaro.

— Isabela é louca pelo Felipe, ela ficará feliz, irá fazer um ano que não vemos a Lara.

— A vida dela é tão difícil, mãe — Comento baixo ao ver uma funcionária passar por nós.

— Por que não oferece ajuda? A conhecemos desde adolescência, não haveria problema algum em a apoiarmos nessa jornada.

— Minha garota é guerreira, prefere alcançar seus objetivos com seus próprios esforços — Revelo.

— É... Deixa isso quieto! — fala ela, abrindo um sorriso estranho. — Vou até o salão principal ver como anda a organização, mas antes quero te dizer uma coisa.

— O quê? — Inquiro.

— Não tente ocultar seus sentimentos pensando que será julgado, somente faça, e se der errado tente de novo, porque no fim a recompensa vem para prevalecer.

— Não...

— Não me responda agora — avisa minha mãe me deixando sozinho.



Passei a tarde toda ouvindo minha avó perguntar se Lara e Lipe não viriam vê-la, eu ria com sua agonia e ficava preocupado, Thais não iria esconder seu ciúme ao saber que Isabela considerava mais minha melhor amiga do que ela, talvez saber sobre esse fato não seria necessário, desta maneira ninguém sairia machucado.

— Sr. Prado, a Srta. Freitas está na linha — avisa Dani, do outro lado da porta. Faz quarenta minutos que vim para o escritório da minha mãe para resolver umas questões de contratos que Vicente me enviou por e-mail.

— Transfira a ligação para o telefone daqui — peço, pegando o objeto.

— Pronto, senhor, com licença.

— Obrigado, Dani — agradeço, tirando o telefone do gancho.

— *Amor, o seu celular está dando caixa postal!*

— O deixei carregando no quarto, me desculpe, mas como conseguiu o número da casa da minha mãe? — indago, colocando o telefone no viva voz.

— Pedi na empresa.

— Tudo bem, isso é o que menos importa, você vem para o jantar? — Averiguo.

— *Vou sim, consegui acabar aqui.*

— Fico feliz por ter conseguido, será bom tê-la ao meu lado — falo, sabendo que ela deve estar sorrindo.

— *Max, você é um homem maravilhoso, por isso eu te amo.*

— Eu também — murmuro, pensativo.

— *Amor, eu tenho que ir, irei ver minha mãe antes de ir para casa me arrumar.*

— Precisa de mim para te buscar? — Ofereço-me, lembrando de Lipe e Lara.

— *Não é necessário, vou com o meu carro.*

— Como desejar.

— *Até logo. Te amo.*

— Até — Encerro a chamada.

Largo o telefone em cima da mesa e saio do escritório com a intenção de verificar como anda os preparativos das mulheres da minha vida, que parecem estarem eufóricas. Avisto Olavo, o motorista, passar com uma caixa em sentido à cozinha.

— O que é isso, Olavo? — pergunto.

— São bebidas que a Sra. Prado fez pedido — ele responde.

— Tudo bem, pode ir — falo.

— Com licença, senhor — pede Olavo e eu aceno com a cabeça.

A noite seria duradoura.



LARA MORAES

— Mãe, eu não quero usar essa roupa.

— Hoje iremos rever a mãe do tio Max, você não quer que ela te ache bonito? — indago, dando uns beijos estalados na sua bochecha.

— Não quero, mãe! Estou me sentindo um pinguim — ele reclama, puxando a gravata para baixo. Era a quinta vez que eu reclamava com Lipe, ele começou a pirraçar na hora de pôr a gravata e quando tentei pela terceira vez colocar os sapatos, também, tive que jogar sujo, falando que, se não viesse ter um bom comportamento iria ficar sem o videogame e os outros brinquedos que gostava — o que surtiu efeito rapidamente. Nunca bati em Felipe, jamais vi necessidade de levantar a mão para o meu filho, muitos pais acham que bater é a melhor maneira de encontrar a obediência —, mas penso totalmente ao contrário — bater não muda nada, só piora. Costumo educá-lo tendo uma conversa calma na primeira etapa e caso não haja efeito, passo

para o segundo plano, tiro suas diversões por alguns dias.

— Felipe, já conversamos — falo. — Sem rebeldias.

— Tudo bem, mas por que eu não posso ir com uma roupa simples? — pergunta Lipe.

— Hoje é um jantar diferente dos que nós dois costumamos a ter quando estamos sozinhos em casa — Comento.

— Quando volto para o internato?

— Em breve veremos isso, agora vamos pentear esse cabelo — advirto, fazendo-o revirar os olhos.

— A senhora vai me levar para ver meu avô que dia?

— O Marcos é muito ocupado — justifico, indo pegar a escova de cabelo no sofá.

— Vovô Marcos disse que me ama muito, sabia? Disse que eu serei o sucessor dele — revela Felipe, orgulhosamente.

— Que conversa é essa? — indago. Não gostei do que ouvi, Marcos estava ultrapassando os limites. Como pôde ficar colocando coisas na cabeça de uma criança de oito anos?

— Desculpe — sussurra ele. — Vô pediu para manter segredo.

— Ei, olhe para mim — peço. — Nunca, está me ouvindo? Nunca esconda nada de mim, eu sou sua mãe, devo saber de tudo que está

relacionado a você.

— Meu avô falou que a senhora era filha...

Assusto-me com o toque do meu celular em cima da mesa de centro. Largo Lipe sentado e pego o dispositivo e vejo que é Max.

— *Estou aqui fora, já estão prontos?*

— Sim, já saio, não demoro — respondo, preocupada com as declarações dadas. A dúvida era: — Marcos visitava Lipe sem me avisar?

— *Tudo bem, até já.*

— Até — falo, desligando o celular.

— Pegue seu boneco que já vamos sair — aviso. Olho pela última vez o vestido negro moldado em meu corpo e os saltos que o acompanham o mesmo realce da roupa.

— Tá.

— Podemos ir? — pergunto, tirando as chaves da bolsa.

— Sim, eu já peguei meu brinquedo — fala ele, levantando o objeto.



— Gostei do seu cabelo, ele combinou com o colar — elogia Max, olhando-me pelo espelho do carro. — Poderia deixá-lo solto mais vezes, a cor ruiva dele destaca a cor dos seus olhos.

— Seus elogios estão me dando sono — brinco.

— É impossível uma mulher sentir sono com os meus galanteios.

— Uh, anda cortejando quem, para estar tão seguro assim? — Investigo, notando que Felipe está atento nos nossos diálogos.

— Rum-hum — Pigarreia Max, observando uma certa criança ao meu lado que tem os braços cruzados e o rosto virado para janela. — Tudo bem aí, garoto?

— Quando vocês começam a conversarem esquecem de mim! — meu filho reclama fazendo bico.

— Não esquecemos de você, só ficamos animados, meu bem — tento justificar.

— Sei. Falta muito para chegar, mãe? — ele pergunta. — Tio Max, neste jantar vai ter crianças da minha idade?

— Se a Giovana levar o Guilherme — Gui é filho de Giovana, a prima de Max.

— O Gui é mais velho, não serve para brincar! — fala Lipe. Vidrado no retrovisor interno, Max acaba se desconcentrando da estrada e recebe uma advertência.

— Tá louco, cara?! Se não sabe conduzir um carro não pegue no volante, vai acabar matando alguém! — grita o rapaz, buzinando e atraindo outros automóveis que iniciam uma sequência de buzinas pelo deslize do meu amigo que causou um pequeno congestionamento.

— Me desculpe! — exclama Max, dando velocidade no carro.

— Que loucura — murmuro, baixo.



Lipe foi o primeiro a deixar o carro quando Max estacionou em frente ao portão da casa da mãe dele. Meu menino tinha os olhos brilhantes quando viu uma pequena roda de crianças conversando e sorrindo, entre eles estava Guilherme, que notava-se ser o mais velho da turma, porém, era um encanto de pessoa.

— Mãe, posso ir lá? — indaga Felipe, puxando a bainha do meu vestido.

— Pode, mas nada de briga, tudo bem?

— Como a senhora quiser! — exclama ele, correndo com um sorriso fascinante em direção aos outros meninos.

— Pensei que o jantar fosse mais reservado — comento, vendo Max se aproximar.

— Também.

— Pensamos errado, então — sussurro, quando vejo a senhora Isabela vindo em nossa direção.

— Finalmente chegaram! — exclama a avó do meu amigo sorrindo para nós. — Filha como está linda! Já viu esses detalhes perto dos seios dela, meu neto? Que lindeza de mulher! Já arrumou um namorado, Lara?

— Dona Isabela! — Repreende Max.

— Deixe sua avó — Quase me engasgo quando sou puxada pela senhora de idade.

— Faz muito tempo que não a vejo, menina — fala ela no meu ouvido.
— Você se tornou uma grande mulher!

— Fico grata pelos elogios — agradeço, abraçando-a.

— Onde está Nicole? — pergunta Max.

— Com sua querida Thais — resmunga Isabela, sorrindo para mim. — Mas me diga filha, arrumou algum namorado? Se ainda não, me diz! O David está aqui, posso apresentá-lo para você!

— É... — balbucio.

— Lara não quer conhecer David, e o David não quer conhecer a Lara — Interfere Max, pegando em meu braço. — Lara vamos, quero te mostrar algo.

— É-É, vamos! — exclamo, entrelaçando nossos braços. — Me desculpe, dona Isabela, só que eu não estou procurando um relacionamento agora.

— Que nada, querida! Fico feliz por isso! — fala Isabela, piscando para mim como se estivesse aprontando alguma coisa. — Mostre para ela até os cristais do teto, meu filho! Enquanto isso eu olho meu bisneto brincar, podem ficar tranquilos lá dentro.

— Meu Deus, minha avó é demais.

— Ela é muito divertida, é maravilhoso ver uma pessoa da idade dela com todo esse humor contagiante — falo, subindo o pequeno degrau com Max.

— Isabela adotou essa máscara, após a morte do meu pai.

— Como assim? Faz anos que ele faleceu — falo.

— Não sei exatamente descrever, mas minha avó começou a ter esses comportamentos quando perdeu seu primogênito — explica ele, sem olhar para mim.

— Está caçando algo? Não para de observar os cantos — avalio, seguindo seus movimentos.

— Thais me disse que chegaria um pouco mais tarde... — Parando no meio da frase, Max balança a cabeça. — Esquece.

— Tudo bem.

— É, a noite será longa — Idealiza ele, mostrando-me cinco garçons saindo do corredor da cozinha com bandejas de bebidas. A sala principal estava vazia, talvez os convidados estivessem no salão onde a mãe dele costuma fazer os eventos.

— Pode ir ver a Thais, vou andar um pouco pela casa, quem sabe até dar uma observada em Lipe — sugiro largando seu braço assim que enxergo as duas mulheres se aproximando sorridentes. Nora e sogra juntas.

— Amor, sua Nicole é maravilhosa! — elogia Thais, fingindo não me ver.

— Ela é — responde ele, parecendo estar me analisando disfarçadamente.

— Boa noite, Lara. Como está você? Andou sumida! — Cumprimenta-me a mãe de Max.

— Boa noite, Sra. Prado — devolvo o cumprimento. — Estou levando e, a senhora como está?

— Melhorando a cada dia — responde Nicole. — Bom filho, sua namorada está entregue, agora vou dar atenção aos Borges.

— Cadê meu beijo? — pergunta Thais, entrelaçando os braços em volta do pescoço de Max, que se conscientiza e envolve as mãos nos quadris da namorada, logo após a beija apaixonadamente.

— Rum-hum — Pigarreia a mulher ao meu lado. — Vou indo. Lara, quer vir comigo?

— Claro! — concordo, buscando fugir no ninho de amor. Dou as costas para o par e sigo a senhora Nic.

— Ela parece gostar dele — Comenta Nicole.

— Sim.

— E você? — indaga ela.

— E eu o quê? — pergunto, desconhecendo o caminho da conversa.

— Desde que seu namorado morreu nunca a vi com outro homem — sussurra Nic. — Não sente falta?

— De quem? Do Vini ou de um homem em minha vida?

— Dos dois.

— Faz anos que o pai de Felipe morreu, Vinicius é apenas uma vaga lembrança para mim, apesar de ter o amado demais, só que suas ações me fizeram ficar com mágoa de início, ao saber que perdeu a vida por causa de uma mulher casada, mas guardar rancor faz mal — justifico, baixo ao ver duas mulheres que parecem ser funcionárias da casa passar com travessas de vidros nas mãos quando estamos prestes a entrar no cômodo onde estão os convidados.

— Sra. Nicole, a mesa do jantar está pronta, é só nos dar a ordem que começaremos a servir — fala a senhora de cabelos grisalhos. — Berenice pode ir na frente com a salada.

— Sim, dona Dani — fala a jovem, nos deixando a sós.

— Dani, consiga que Maya chame a senhora Isabela lá fora — pede Nicole educadamente. — E, também mande-a trazer as crianças para jantarem na sala que tem perto do salão em que os adultos irão ficar.

— Sim, senhora, só vou pôr este bife na mesa e já faço o que me pediu.

— Obrigada, querida — agradece Nicole. — Pode continuar se quiser — sou encorajada.

— Vinicius e eu tivemos um relacionamento saudável, sem brigas e ofensas, ele era um cara bom naquela época, sabia me trair sem que eu desconfiasse, por anos me fez acreditar em amor verdadeiro, em felizes para sempre — confesso.

— E em relação a ter um homem diferente?

— Faz três anos que me envolvi com alguém, não deu certo, ele não aceitava muito bem a ideia de eu ter um filho — declaro, arrependendo-me de cada segundo que gastei com o hipócrita do João. — Jamais iria abrir mão do meu bem maior por um par de calças qualquer, meu filho em primeiro lugar.

— Está certa, mas nesses últimos tempos esteve tendo paqueras? — insiste Nicole, trazendo-me sérios questionamentos.

— Onde a senhora quer chegar com esse interrogatório?

— Fique...

— Tia Nic! — Coloco a mão no peito por conta do susto.

— Precisando de algo, filho? — exclama Nicole, sorrindo para o homem à nossa frente. Bonito. Muito bonito.

— No momento não — fala ele. — Essa é a ruiva do meu primo?

— Sim, essa é a Lara — confirma ela. — Amiga do meu filho.

— Acho que Lara não deve se lembrar de mim, nos vemos só duas vezes na escola em que ela e Max estudaram em Porto Vermelho.

— Realmente não me recordo — manifesto-me virando para encará-lo.

— Então não vejo problema em sermos apresentados novamente — profere David, pegando minha mão e depositando um beijo. — David Prado, primo de Max, é um prazer revê-la — fala ele, encarando-me com seus olhos negros profundos.

— Lara Moraes — Apresento-me.

— Continua linda, não mudou quase nada — fala ele.

— Obrigada — Sorrio. — Se me derem licença, preciso verificar o Felipe.

— Te acompanho — O homem se oferece recebendo o apoio da tia.

— Se conheçam mais — sugere Nicole, deixando-nos sozinhos. — Vou resolver algumas questões, fiquem à vontade!

— Então, vamos? — pergunta David. Disfarçadamente o olho e noto que ele e Max têm pequenas semelhanças, os cabelos negros e a cor dos olhos também são iguais, a única diferença é que meu amigo não tem esse exagero de músculos como o primo, que é pretensioso por sinal, acha que com sorrisos baratos e galanteios vai me fazer cair aos seus pés.

— Mãe! — assusto-me com o grito de Lipe.

— Atrapalhamos? — pergunta Max, surgindo sem Thais e com a mão nas costas do meu filho.

— Não — respondo antes que o primo dele se manifeste.

— Eu já ia procurar vocês... — murmuro, envergonhada.

— Senhores, a Sra. Prado mandou avisar que é para irem à mesa que já irão servir o jantar — avisa uma moça com traje de doméstica.

— Estamos indo, obrigado, pode ir — fala Max, fazendo a funcionária concordar e seguir em frente.

— Então, vamos? — Interfere David, murchando o sorriso

— Claro — eu e Max respondemos.



O jantar transcorreu bem, muito mais do que imaginei, não houve muita movimentação como é de costume ter quando a senhora Isabela planeja coisas que até Deus duvidaria, mas de alguma forma hoje não me senti deslocada, por estranho que pareça me senti acolhida e bem tratada por todos. No final os convidados foram embora com a noite satisfatória que tiveram, os únicos que ficaram foram Thais e eu.

— Bom, já está no meu horário — fala Thais, olhando-me enquanto eu acaricio os cabelos do meu menino.

— Foi bom tê-la conosco, Lara — Interfere a avó de Max.

— Digo o mesmo, Sra. Isabela, obrigada pelo convite — Agradeço, notando que Lipe quer pegar no sono.

— Vamos? — pergunta Max, surgindo com a mãe dele.

— Amor, você vem comigo? — pergunta Thais, referindo-se ao namorado.

— Vou sim, mas primeiro vou deixar Lara em casa e depois passo lá — fala ele, procurando alguma coisa em seus olhos. O que seria?

— Ótimo, te espero — fala Thais, virando-se para as duas senhoras. — Obrigada pelo jantar maravilhoso, senhoras!

— Volte mais vezes, querida — Incentiva Nicole.

— Claro que sim!

— Podemos ir? Tem uma criaturinha querendo dormir — Comento, fazendo as pessoas em minha frente rirem.

— Mãe e vó, volto amanhã — avisa Max. — Fiquem bem.

Ele iria dormir com ela.

Claro que sim!

São namorados, isso é normal!



LARA MORAES

Duas semanas depois.

Max tinha voltado para Porto Vermelho e com ele fora, Thais que alegou ter sido demitida do antigo trabalho e estaria partindo para a cidade vizinha à procura de um novo emprego. No dia seguinte, fui trabalhar e levei Felipe comigo, chegando no prédio vi Marcos saindo do elevador com um olhar furioso, mas quando viu Lipe ele suavizou o semblante e sorriu, fazendo com que meu menino fosse correndo ao seu encontro e o chamasse de vovô. Quando tínhamos subido de volta para a empresa, Marcos fez questão de levar meu filho para sua sala e me arrastar junto, lá dentro ele ligou diretamente para madre, acionando-a da volta de Lipe ao internato, tentei bater de frente, mas como sempre fui vencida, mais uma vez.

— O que anda se passando nessa cabeça? — pergunta Mari,

terminando de tomar o resto do suco que tinha no copo.

— Problemas — falo. — Muitos problemas.

— Você precisa relaxar um pouco, Lara — fala Marina, encarando-me.

— Não tem como — Rio.

— Hoje à noite terá um encontro de amigos no bar que tem no centro, você quer ir comigo? — Ela convida. Estamos em horário de almoço, viemos almoçar juntas.

— Estou sem cabeça para sair, Mari — murmuro. — Mas obrigada pelo convite.

— Deveria parar de se privar, Lara — incentiva minha colega de trabalho. — Felipe está em boas mãos, não é?

— Sim — Profiro. — Lipe tem um bom estudo e uma boa morada no internato.

— Então! Hoje é segunda, você deveria se desapegar um pouco! O que vai fazer em casa mais tarde? Dormir?

— Talvez dormir — falo, envergonhada.

— O quê? Nada disso, venha comigo! — Mari insiste, deixando-me indecisa.

— Mas...

— Sem mais! Quando sairmos daqui iremos diretamente para minha

casa, te emprestarei uma roupa, tenho um vestido e sapato ideais para você — fala ela, animada.

— Só você para me fazer sair em plena segunda-feira — falo.

— O nosso horário acabou, vamos logo — chama Mari, levantando-se.

— Vamos — concordo, esperançosa.



Eu estava terminando de trancar a porta do escritório quando vi a esposa de Marcos vindo em minha direção com um sorriso falso. Olga Teles era uma mulher bem vestida e com uma etiqueta de alto padrão, ela e meu tio combinavam, ambos egocêntricos, os dois acham que o dinheiro vem em primeiro lugar e assim podem resolver qualquer coisa.

— Boa noite, querida — Olga me cumprimenta ao exhibir um sorriso para mim.

— Boa noite — respondo, passando por ela.

— Queria trocar algumas palavras com você — fala ela, puxando meu braço, impedindo-me de andar. Eu deveria adivinhar, Olga não costuma vir até a empresa do marido, ela não é de perder tempo.

— Se a senhora for rápida — falo. — Estou com um pouco de pressa.

— Soube que os pais de Vini estão querendo a guarda do menino.

— De onde tirou essa informação? — pergunto, indignada.

— Tenho meus meios — rebate Olga. — Vim lhe fazer uma proposta — fala ela, encarando-me firmemente.

— Se puder ser mais clara, eu agradeço — murmuro, incomodada com o rumo das suas intenções.

— Os avós de Lipe têm dinheiro, e você não — Articula a mulher, já abrindo a bolsa de grife. — Dê a guarda de Felipe para Marcos e eu, nós podemos ser bons o bastante para seu filho, lhe daremos tudo do bom e do melhor, ele poderá estudar em casa e quando crescer pode se tornar um grande magnata como o avô.

— Sinceramente eu não entendo essa obsessão do meu tio com meu filho! Marcos não é avô de Lipe, ele pode se considerar, mas da mesma maneira não pode te fazer vir aqui me pôr contra parede para ceder o meu filho, que sofri durante nove meses, para vocês dois! — argumento, trêmula. — Acham mesmo que irei dar meu filho assim? Eu agradeço pelo teto e pela ajuda nos momentos ruins da minha vida, mas eu jamais irei dar meu menino para vocês ou aos pais de Vinicius.

— Não seja orgulhosa, Lara... — avisa ela, tirando um papel da bolsa. — Sabe por que os avós de Lipe não estão vindo atrás de você?

— Não — engulo em seco.

— Sem meu apoio, é claro — resmunga Olga. — Marcos vem pagando àqueles abutres um dinheiro alto para que eles não tenham nenhum vínculo com Felipe.

Olga era venenosa... Por que tio Marcos pagaria aos pais de Vini, se

Carlos e Patrícia tinham dinheiro e as mesmas condições? Essa história está muito errada.

— Leia — pede, dando-me o papel que estava na sua mão, mas agora está na minha. Encaro as letras e reconheço ser a de Carlos Figueiro. — Veja, Marcos está gastando muito, até demais! Se o garoto vir para nossas mãos, ele poderá estar em um lar melhor que o seu!

"O nosso prazo está acabando, Marcos, serei obrigado a mandar meus advogados tomarem o menino da sua querida sobrinha, ela não tem nada que possa me impedir de ter meu neto aqui em casa"

Ergo meu rosto e vejo uma mulher acompanhada de um sorriso convencido e perverso. Sorrio nervosa, mas não choro, tento disfarçar o desespero me mantendo firme.

— Isso não quer dizer nada.

— Tem certeza? — pergunta ela, asperamente. — Me diga, Lara, o que você tem para impedir que os Figueiros tomem o Felipe? Dinheiro? Casa? Um bom emprego? Me diga! Onde estão todas essas coisas?

— Onde a senhora quer chegar? Posso saber o motivo dessa obsessão pelo meu filho? Lipe é uma criança, ele não deve pagar pelos meus erros ou sei lá o que vocês têm em mente! — Urro. — Vou agora falar com Marcos que é para ele tirar essa ideia louca de querer o Felipe!

— Lara, acabei... — De olhos arregalados Mari recua para trás ao ver a esposa do chefe.

— Boa noite, Sra. Teles — Cumprimenta Marina, baixo. — Como a

senhora está?

— Poupe-me, garota — fala Olga, dando as costas para Marina e eu, logo após virar o rosto e me encarar.

— Pense no que eu te disse, Lara — incentiva a megera, deixando-me com o recado malicioso do meu ex-sogro. — Procure Marcos e irá se ver comigo — É a sua última frase antes de nos deixar a sós.

— Céus, como você tolera isso? — pergunta Mari, tocando em meu ombro como se quisesse me confortar. Cadê aquele seu melhor amigo? Por que não se demite e vai à procura de um emprego com ele?

— Parece ser fácil, Marina, mas não é — murmuro. — E aí, vamos?!

— Não é fácil ter que aturar duas pessoas que a humilha sem pensar, Lara! — Ela se defende. — Eu tenho 34 anos, sou vivida, querida! Pense bem no que eu estou de dizendo. Procure outra morada, porque essa já está podre.

— Pensarei nisso — Artigo, convencendo-a.

— Agora podemos ir — exclama Mari. — Vem no meu carro ou no seu?

— Vou com o meu — o da empresa, quero dizer.

...

Os amigos de Mari eram legais, sabiam dialogar sem ofender ou ser o melhor, todos riam, divertiam-se em conjunto, a união entre eles falava mais alto. Depois de uma noite tensa, consegui sorrir de verdade, consegui ter um

momento de paz e acolhimento.

— Onde você escondia essa joia rara, Marina? Por que a escondeu tanto tempo de nós? — pergunta Bárbara, fazendo os dois homens e as duas mulheres gargalharem.

— Eu esconder? — indaga Marina, sorrindo para mim. — Jamais!

— Traga-a mais vezes — Incentiva Luiz, olhando-me. — Lara tem uma boa energia.

— Mmmm — gritam todos juntos, fazendo com que os outros clientes do bar nos olhassem de cara feia.

— Infantilidade de vocês — reclama Luiz, já levando o copo de cerveja à boca.

— E você, Lara — Interfere, Mônica. — Que idade tem? Esses cabelos são naturais mesmo? Ruivo e bonito.

— Estou com 28 anos — revelo. — E a cor é natural mesmo.

— Ela é natural — diz Ítalo, recebendo um tapa da namorada.

— O seu garotão é ruivo também? — indaga Mônica.

— O Lipe também é ruivinho — comento, morrendo de saudades.

— Que fofura — Elogia Mônica.

— Demais — Sorrio. — Com licença, vou atender essa ligação — informo sentindo meu celular vibrar dentro da bolsa.

— Não some — brinca Mari, antes de eu me afastar. Por fim me afastei do som que tocava no estabelecimento para ver quem me ligava, — Na tela do celular brilha o nome de Max, rapidamente passo o dedo para aceitar a ligação.

— *Já estou com saudades.*

Vacilo por alguns segundos, mas não consigo esconder o sorriso, que logo após é acompanhado de uma risada baixa. Lembrei-me de quando estudávamos juntos e aos fins de semana cada um ia para casa, mas era como passasse uma eternidade sem ver o outro, — o nosso retorno sempre era especial, porque a distância de dois dias só fazia fortalecer ainda mais a nossa amizade.

— Assim o meu coração não aguenta com uma declaração dessas — falo, ouvindo-o rir.

— *Gosto de dizer verdades.*

— Também estou com saudades, Sr. Prado — murmuro, notando um casal no andar de baixo se abraçarem e depois se beijarem. Meneio a cabeça para tirar meus pensamentos insanos. Max e eu somos apenas amigos.

— *Daqui a oito dias eu volto à cidade, minha avó resolveu exigir mais atenção, disse que eu ando muito desleixado com a família.*

— A dona Isabela sabe te pôr no eixo — falo.

— *Minha avó é uma grande mulher, assim como você e, a minha mãe.*

— Onde está Thais? — indago, curiosamente.

— *Tomando banho.*

— Ah, tudo bem... — Sorrio sem graça.

— *Ruiva, quando você vem me visitar? Só eu que saio da minha cidade para ir te visitar.*

— Às vezes não tenho tempo nem para mim, Max — confesso.

— *Mas deveria se dar um tempo, você é jovem, deve ter um tempo somente seu.*

— Lara, estamos indo, você vem? — Assusto-me com o toque de Luiz em minhas costas.

— *Você está com alguém, Lara?* — A voz de Max se tornou irreconhecível, ele parecia estar incomodado pelo seu tom de voz. Afasto o celular do meu ouvido e me viro para encarar o amigo de Marina, que tem um sorriso divertido.

— Já estão indo? — pergunto, ao um aceno de mão da Mônica e Marina.

— Sim, iremos cedo hoje, amanhã ainda trabalhamos — revela Luiz.

— Tudo bem, me dê só um minuto, vou terminar minha ligação — peço.

— Iremos te esperar no estacionamento — avisa o homem erguendo o copo de cerveja.

— Desculpe por isso, Max — peço, voltando a minha atenção para o dispositivo.

— *Onde você está?*

— Marina me convidou para sair com ela e os amigos, eu decidi vir.

— *Quem foi esse?*

— Ah, foi o Luiz.

— *Luiz? Namorado dela?*

— O Luiz? A não, ele é só amigo mesmo.

— *Tem outras pessoas com vocês três?*

— Tem sim.

— *Vou desligar, depois nos falamos.*

— Tá, até mais.

— *Lara, eu t... te desejo uma boa-noite.*

— Para você também — falo.

— *Lara... Você sabe que eu gosto muito de você, não é?*

— Eu também gosto muito de você, Max, demais — suspiro.

— *Eu te amo.*

— Te amo também, até logo — sussurro, encerrando a ligação. Olho para o céu estrelado e sorrio, mas de repente uma pontada de ciúme me bate quando lembro que ele dissera que Thais estava no banho — Deus, eu não deveria me prestar a esse papel, eu não poderia sentir nada pelo meu melhor amigo, a nossa amizade vem em primeiro lugar.



MAX PRADO

Eu disse à Lara que a amava. Eu disse isso com todas as palavras enquanto a minha namorada estava no banho, após termos feito sexo. Há um dia percebi que eu sentia ciúme da minha melhor amiga, muito mesmo. Esse sentimento me trazia dor, ressentimento porque na minha vida já havia uma mulher, minha companheira, mas era como se não fosse suficiente para mim, um tanto egoísta da minha parte, admito.

Era noite e chovia muito. Com a cabeça encostada em meu peito, Thais se aconchegava ousadamente em meu corpo despido, e com a mão direita eu acariciava seus cabelos soltos, que deixou após ter tomado banho. Thais e eu nos relacionamos há um bom tempo, mas nós dois nunca cobramos muito um do outro, sempre fomos cientes dos nossos atos, agimos com seriedade no que temos, um namoro maduro o suficiente para que se algum dia ela ou eu viesse querer terminar, nada poderia nos impedir de fazê-lo.

— Você anda tão pensativo, o que está havendo? — indaga Thais, acariciando minha barriga.

— Estou preocupado, só isso — Não expresso a verdade.

— Faz muito tempo que você e ela têm amizade, não é? — indaga ela, já me encarando.

— Sim — concordo.

— E nunca aconteceu nada entres vocês, digo, um beijo? — pergunta, curiosamente. — Lara é uma mulher linda, imagino que quando era mais jovem... Muitos caras corriam atrás dela.

— Nós dois nunca ultrapassamos a nossa amizade — revelo com sinceridade. — Eu sempre respeitei, Lara, além disso, ela naquela época namorava com Vinicius.

— Entendo.

— Lara sempre foi uma garota centrada, ela se respeitava em primeiro lugar, nunca deu ousadia a outros homens, o único homem que tinha o privilégio de se aproximar era eu, porque éramos melhores amigos — confesso. — Vini não se incomodava com a nossa amizade, ele era um cara seguro, às vezes pensei que ele achava que eu fosse gay, porque nunca houve ciúme da parte dele.

— Você gay? — ela ri. — É estranho, porque ela, uma mulher linda... Não deixava o parceiro enciumado... — murmura Thais, pensativa. A conversa estava me deixando desconfortável.

— Quando uma mulher se respeita, ela obtém o respeito de todos ao seu redor, Thais.

— Verdade — responde ela, engolindo em seco.

— Amanhã quero que você me acompanhe na reunião que terá na empresa — informo, procurando mudar de assunto.

— Será um prazer, chefe — brinca, sorrindo. — Max, nunca houve sentimentos a mais da sua parte ou da dela?

— Por que essa chuva de perguntas agora? — pergunto, desconfiado.
— Quer me dizer algo?

— Eu só quero a verdade — argumenta Thais.

— Direi o que estiver ao meu alcance — murmuro. — Houve um tempo que amei a Lara, eu me apaixonei por ela de primeira, ela era novata na escola.

— Bonito a maneira que descreve...

— Ainda tenho as lembranças dos seus cabelos ruivos voando sob o ar quando o vento forte batia, o que me deixava mais babão era seu sorriso pequeno e... — Desfaço meu sorriso que surgiu espontaneamente e paro de falar quando noto os olhos da minha namorada atentos em mim.

— Continue — pede.

— Não. Melhor não, Thais — Artigo. — Vamos dormir? Isso é passado, tudo bem? Precisamos acordar cedo para chegarmos no horário certo.

— Tudo bem, vamos dormir.

Forcei-me a fechar os olhos para que Thais não viesse com mais perguntas, a conversa estava indo longe demais, tanto que, as lembranças do passado começaram a vir à tona, fazendo com que meu coração batesse mais rápido do que o normal. Por um segundo cheguei a me perguntar por que Lara e eu nunca tentamos nada.



Pela manhã acordei cedo e fiz o café antes que Thais acordasse para que pudesse sair comigo já alimentada, bem cedo arrumei alguns documentos no meu escritório e dei uma olhada rápida no meu e-mail, em seguida fiz o que não é do meu costume, tomar um pouco de álcool, esse ato era contra minhas regras, beber pela manhã, mas algo me deixava intrigado, minha cabeça pesava como se tivessem me colocado de cabeça para baixo.

Antes de vir para empresa liguei para minha mãe e recebi todo o seu apoio em relação a querer convencer Lara a trabalhar com nossa família, mas eu sabia que minha amiga é um poço de teimosia seria difícil convencê-la. Assim que as portas do elevador se abriram me deparei com minha secretária vindo em minha direção com um olhar preocupado.

— Sr. Prado, bom dia! — Cumprimenta-me a mulher, sem perceber a presença de Thais.

— Bom dia, Srta. Reis, no que posso ser útil? — pergunto, olhando para minha namorada que tem um sorriso murcho.

— O senhor vice-presidente deixou estes documentos e deixou um recado também — fala Srta. Reis, atrapalhada.

— Respire, senhorita — Mando, vendo-a ficar pálida, após soltar um suspiro cansado. — Pode falar.

— O Sr. Almeida disse que hoje não irá poder comparecer na reunião por causa de alguns imprevistos pessoais.

— E agora, amor? — sussurra Thais no meu ouvido.

— Vou cancelar a reunião, eu preciso da presença dele aqui — falo. — Aline, cancele essa reunião, remarque para semana que vem.

— Sim, senhor — concorda a mulher, atordoada. — Eu já ia esquecendo, tem um recado para o senhor, chegou hoje bem cedo.

— Pode dizer — peço.

— Um homem chamado Marcos disse que era para o senhor entrar em contato com ele urgentemente — explica minha funcionária. — Ele disse que vocês já se conhecem...

Para disfarçar o ódio eu dou um pequeno sorriso e aceno, logo após respiro profundamente antes de soltar qualquer palavra para que não deixe nítido meu desprezo pelo tio de Lara.

— Pode deixar, Aline — digo. — O conheço sim. Assim que houver um tempo irei entrar em contato ele.

— Como quiser, Sr. Prado — Aline concorda.

— Amor, preciso ir ao banheiro fazer uma ligação — cochicha Thais.

— Vá em direção ao corredor da esquerda — aviso. — Vou lhe esperar em minha sala, não demore, por favor.

— Claro, querido — Antes de me deixar Thais não deixa de fazer o que já se tornou um costume, beijar-me.

— Aline, me acompanhe — peço, caminhando às pressas até à minha sala.

— S... Sim, c... chefe — Ela gagueja, mas faz o que mandei.

— O miserável não entrou no assunto? O que ele quer comigo? — pergunto empurrando com tudo a porta do meu escritório.

— Sim, ele disse que queria que vocês dois se encontrassem no restaurante que tem no centro... Como da última vez — confessa ela. — Só não quis dizer isso na frente da sua namorada... Porque achei que o senhor pudesse não gostar, me desculpe.

— Fez o certo, Aline — murmuro.

— Ah, Marcos disse que se você não aparecer ele iria vir pessoalmente vê-lo.

— Velho desgraçado! — Urro, nervoso.

— Se acalme... O senhor quer um pouco de água?

— O que quero é matar aquele abutre! — Deixo escapar. — Aline, quero que me faça um favor.

— É só falar, chefe — a mulher exclama assustada.

— Estou saindo agora, preciso que você distraia Thais por algumas horas até que eu esteja de volta — Comento. — Pode fazer isso por mim?

— Sim... Sim — ela concorda, de olhos arregalados. Há quase dois anos Aline trabalha para mim, ainda me lembro de como era atrapalhada de início, cheguei até a contar as vezes que derramou café na minha camisa, só não a mandei embora pelo fato de conhecer a sua história e também por saber que tem uma filha especial e o emprego estava lhe ajudado muito, então se eu tivesse a demitido seria uma grande injustiça que eu iria ter cometido na ocasião.

— Diga à Thais que um dos meus sócios, de Londres, ligou e eu precisei ir urgentemente encontrá-lo — Idealizo a mentira. — Caso ela questione demais fale que na vida pessoal do seu chefe você não se envolve.

Rapidamente puxo as chaves do meu carro e corro em direção ao corredor a fim de ficar cara a cara com Marcos Teles, o homem que a vida toda vez a minha Lara sofrer por tanto desprezo.



Ao entregar as chaves do carro para o manobrista corro em direção ao restaurante onde tem uma boa quantidade de pessoas, de longe o vejo conversando "educadamente" com o gerente do estabelecimento, insatisfeito me aproximo.

— Marcos — Pigarreio impaciente. Eu estava visivelmente nervoso, tanto que comecei a erguer as mangas da minha camisa social, logo após afrouxei meu colarinho.

— Realmente você veio — Debocha o mais velho se virando para me encarar. — Gonçalo me dê licença, preciso ter uma conversa com meu amigo.

— Max, seja bem-vindo mais uma vez — Gonçalo me cumprimenta antes de sair.

— O que quer comigo? Tenho coisas importantes para fazer, não posso me dar ao luxo de ficar aqui ouvindo suas baboseiras — Sou direto.

— Calma aí, garoto — ele ri.

— Por favor, Marcos! — Eu dou uma gargalhada. — O garoto que você conhecia lá atrás cresceu, sinto em te dizer isso, mas é verdade. Aquele garoto que não podia fazer nada e nem aumentar o tom de voz para você quando desfazia de Lara se tornou um homem, que agora pode fazer mais do que imaginava por ela! Se acha que irá me comprar com suas palavras baratas está muito enganado.

— Que discurso lindo, mas é uma pena que não me atinge — o tio de Lara retruca. — Tenho uma proposta para você.

— O que veio fazer em Porto vermelho? — Corto-o.

— Vamos nos sentar — sugere o homem. — O que tenho para falar é importante.

— Sentados ou em pé não muda o que sinto por você, então seja rápido — Ignoro-o e me mantenho firme na palavra. — O que quer de mim?

— Eu quero que você se afaste para sempre da minha sobrinha — revela Marcos Teles, mostrando o quanto é podre. — Lara pode ter 28 anos, é adulta e mãe, mas ela não sabe nada da vida, não como eu sei.

— Faça-me o favor, Marcos! Esqueça o passado e foque no presente! Lara é uma mulher adulta, ela sabe fazer as próprias escolhas e não vai ser você que irá me afastar dela — aviso. — Nunca deixarei minha melhor amiga somente porque você ordena que eu o faça.

— Depois não diga que eu não avisei — Ele rosna como um cão.

— Perdeu o seu tempo e gastou só em vir a essa viagem, eu não vou fazer o que deseja — Lembro-o. — Eu amo a sua sobrinha, ela é muito importante para mim, assim como o filho dela, então, nem você e nem ninguém pode destruir o que temos.

— É o que veremos, Max Prado! — Marcos urra. — Acha que peço isso sem intenção alguma? Você sabia que os malditos pais do namorado de Lara estão me chantageando por causa da guarda de Felipe? Nesses últimos meses eles já me tiraram muito dinheiro! Acha que sou banco?

— E o que os pais de Vinícius tem a ver com o que você quer? Me responda — pergunto sem rodeios.

— Olga se envolveu onde não devia e disse a Carlos que eu não daria um centavo se quer a eles! Agora os malditos estão partindo para o lado sujo! Você esqueceu que a sua amiga é mãe solteira? E é assalariada? Acha mesmo que um juiz daria a guarda para ela?

— Merda... Merda... — murmuro pensativo.

— Aí que você entra — ele diz. — Acharia justo minha sobrinha passar vergonha em um tribunal só por que é mãe solteira?

— Seja direto, porcaria! — acabo gritando.

— Com você por perto minha sobrinha não terá como arrumar um marido.

— O quê? Juro que não ouvi isso — exclamo.

— Pretendo arrumar um marido à altura da minha sobrinha e com você por perto será impossível. Com Lara casada os pais de Vinícius não poderão tomar meu neto.

— Você é doente — Cuspo, enciumado. — Uma mulher para ser mãe não precisa ter um homem ao seu lado, não precisa ser casada, ela só precisa ser ela mesma.

— Acha que não sei dos seus sentimentos? Você é um homem de 33 anos, e ainda não procurou se casar por qual motivo? — Marcos insiste em descascar minha ferida.

— Motivo esse que não te diz respeito — respondo virando as costas

para ele o deixando para trás. Que absurdo. Quem ele pensa que é para forçar a sobrinha a casar-se? Chega de tanta hipocrisia! Lara teria que abrir os olhos antes que fosse tarde demais.



LARA MORAES

Com a viagem misteriosa de Marcos a empresa estava em paz, principalmente a maioria dos funcionários, mas existe aquele ditado que alegria de pobre dura pouco. Ontem o infeliz do Roberto voltou de outra viagem, o homem fazia questão de estar a manhã toda mandando a secretária dele me ligar para que eu ajeitasse alguns documentos, o que não fazia parte do meu setor, mas, meu tio sempre fez as vontades do sócio, então eu não seria louca de me negar a fazer o trabalho, afinal, manda quem pode e obedece quem tem juízo.

— Lara, o chefe está te chamando na sala dele — Assusto-me ao notar que Marta entrou na minha sala sem eu perceber. O quanto me encontro distraída? Marta é a secretária particular de Roberto, aquela que faz tudo por ele. Tudo mesmo.

— Mm, sabe me dizer o que o Sr. Muniz quer? — Investigo, desconfiada.

— Não. — fala ela. — Ele só disse que quer que você vá vê-lo — diz

rispidamente antes de me dar as costas.

— Deus que me ajude — resmungo. — Quando diabo não vem, ele manda o secretário!

Levanto-me e por pouco não caio de cara no chão, ao me levantar meu pé entortou para o lado, isso que dá fazer as coisas apressadamente. Abro a porta e caminhando em passos largos até o corredor que dá para a sala de Roberto. A cada passo que eu dava pedia aos céus para que Roberto não viesse me perseguir mais do que já fazia.

— Sr. Muniz, posso entrar? — Bato à porta.

— Entre — Sua voz era rude, mas já não me afetava tanto. Respiro fundo e entro no covil de predador. Engulo em seco ao ver que a postura do homem é arrogante, assim como seu olhar de desdém.

— Marta disse que o senhor quer falar comigo.

— Sim, sente-se — ele aponta para a cadeira em frente à sua mesa. Tento olhar para tudo que é canto só para não poder ficar o encarando, porém, sou surpreendida ao sentir o seu toque nas minhas mãos ao apoiá-las à mesa. — Tenho uma proposta para você, Lara.

— Espero que ela seja de trabalho — Tento soar tranquila ao retirar bruscamente suas mãos de cima das minhas.

— Há uns dias andei conversando com seu tio e ele me disse sobre a sua situação — O homem me encara vitorioso.

— E onde o senhor entra nessa história? — indago, revoltada com as atitudes errôneas do meu tio Marcos.

— Você é jovem, bonita, inteligente... E solteira.

— Roberto, eu não vim aqui para que pudesse me elogiar ou se intrometer em minha vida pessoal, e por mais que você também seja o dono da empresa eu não sou obrigada a ouvir o que me deseja dizer, não quando se

trata de palavras que acho totalmente erradas para minha e a sua posição — falo.

— O que existe de tão errado em elogiar uma mulher? — Ele ri, ao começar a desabotoar o blazer.

— Entenda uma coisa — digo rispidamente ao me levantar. — Eu sou mulher e exijo respeito! Então peço que me dê licença porque estou de saída.

— Você vai se arrepender! — Roberto avisa áspero.

— Não há nada para que eu possa ficar arrependida — Devolvo no mesmo tom. — Pelo amor de Deus! Você tem idade para ser meu pai, meu pai! — Você vai se arrepender, Lara... E quando isso acontecer poderá ser tarde demais! — Pragueja.

— Com licença, Sr. Muniz — falo, firmemente — Quando o senhor precisar de algum documento é só me acionar — Dou minha última palavra e saio sem nem ao menos fazer questão de obter resposta. Homem louco, achava mesmo que eu iria me sujeitar a ele? As suas investidas nojentas? O meu problema não é a idade dele, o único fato é que Roberto Muniz me enoja, desde o dia em que me sugeriu se deitar com ele por benefícios.



— Como anda o seu menino? — pergunta Marina assim que nos sentamos na cantina da empresa. Já estávamos em horário de almoço, agradei por isso e pelo meu estômago que roncava bravamente.

— Lipe continua no internato — falo, ao pegar uma bandeja em cima do balcão.

— Você não disse que o tiraria de lá?

— São tantas coisas que me impedem a fazer isso, amiga — suspiro ao lembrar de Carlos e Patrícia.

— Por céus, Lara! Cadê aquele seu amigo maravilhoso que é dono de

uma empresa em Porto Vermelho? Querida, desapega! Isso aqui não é futuro para você! — reclama Mari, indignada. — Queria eu ter um homão daquele a minha disposição.

— Realmente... — murmuro, pensativa. — Max é um amor de pessoa, um homem incrível.

— Que se sairia um bom namorado, marido, amante ou o que você desejasse! — exclama Marina.

— Está louca? Max é comprometido, fora que somos melhores amigos.

— E por que vocês não fortalecem essa amizade? — a mulher sugere, deixando-me de olhos arregalados.

— Mari, você tem noção do que está dizendo?

— Estou ciente dos meus atos, e você também deveria estar! — Ela alfineta.

— Esqueça isso, Mari — murmuro. — Max e eu somos só amigos, nada mais do que isso...

— Já ligou para ele hoje? Já perguntou como anda sendo o dia...

— Você é impossível, Marina! Não posso fazer o que está sugerindo! Meu amigo tem namorada — aviso, constrangida.

— Tudo bem, tudo bem... Lara, eu vou ser direta agora, pensei que a nossa conversa poderia ser mais saudável, mas não tem como! Você é muito cabeça-dura — Engulo em seco com a sua comparação. — Alguma vez já tentou dizer para ele o que sentiu no passado?

— Não — nego trêmula.

— Acha mesmo que Max irá adivinhar sobre os seus sentimentos? Querida, a vida é feita de escolhas! E se você disser a esse homem o que sente, tudo pode mudar, tudo! *Amore*, você é uma mulher adulta, é centrada,

mas quando o assunto é amor você é péssima — constata minha amiga. — Abale o coração de Max Prado! Esse cara te ama!

— Maluca — sussurro sorrindo, ao ver que Mari se calou. Eu sorria, porém, minha cabeça não parava de trabalhar com as considerações de Marina. Nada, quer dizer, somente a Thais, impedia-me de tentar algo com Max. Como seria conviver com um homem que além de tudo é o que uma mulher desejaria ter: atencioso e ama uma criança que nem dele é?



MAX PRADO

Eu sabia, até demais que o que estava fazendo era uma grande loucura, mas eu não poderia evitar esse instinto de proteção — não quando se tratava de Lara. Muitas das vezes cheguei ao ponto de me perguntar o que impedia Lara de deixar Marcos e suas humilhações para trás e, vir morar comigo em Porto Vermelho, mas por tanto analisar percebi que minha amiga se sentia na obrigação de "pagar" o que ele fez por ela. Só que esse preço estava sendo caro demais. Porcaria, não é possível que uma pessoa do próprio sangue odeie a outra desta maneira tão masoquista, quer dizer, existem coisas piores no mundo, porém Marcos criou Lara desde pequena, assim como dizia ele, então é impossível que o homem não tenha algum afeto de pai por ela. O quanto pode ser podre? Minha intuição nunca falhava... Marcos Teles escondia algo grandioso por trás daquela máscara ranzinza que ele costuma usar, para afastar as pessoas ao seu redor.

Tomei a decisão de voltar a Santa Felipa após ter uma conversa nada agradável com Marcos, um dia depois do acontecimento pedi para Aline ligar para minha casa e entrar em contato com minha mãe para que enviasse Olavo até Porto Vermelho porque eu não estava em condições para dirigir, minha cabeça estava muito cheia, e desconcentrado eu poderia causar um acidente na estrada, então a melhor maneira de evitar isso foi me comunicando com

Nicole. Mais uma vez, mesmo que sempre dissesse que as minhas escolhas eram somente minhas, minha mãe me questionou do porquê de ter deixado mais uma vez minha namorada para trás e ter voltado para Lara que estava a 400 km distante de mim, foi nesse momento que eu não soube como desenvolver a resposta, a única coisa que fui capaz de fazer foi dizer "conversamos sobre isso depois".

— Sr. Prado, estamos quase chegando — confirma Olavo, o motorista da minha família.

— Tudo bem — concordo, procurando alguns contatos importantes na minha agenda. — Olavo, antes de irmos para casa quero que passe na empresa C&M.

— A Centro Móvel, onde aquela sua amiga trabalha? — inquire ele.

— Sim — falo, antes de começar a digitar o número de Romeu no meu celular. Romeu Borges era um conhecido de infância, há alguns anos descobri que o cara tinha se tornado detetive particular, algo que agora poderá me beneficiar bastante.

— Romeu Borges — No quinto toque fui atendido.

— Bom dia, Romeu. Sou eu, Max Prado — conclui, ansioso.

— Quem é vivo sempre aparece — pude ouvir sua risada.

— Devo concordar.

— Precisando de serviços, Max?

— É exatamente isso, Romeu — Tento seguir em frente com a ideia, por mais absurda que seja.

— Alguma namorada trapaceira? Funcionário ladrão? — O homem soltou as sugestões.

— Nem que fosse — resmungo. — Quero que você investigue toda a

trajetória de Marcos Teles.

— Esse não é o maior empresário de Santa Felipa?

— É ele mesmo. Romeu, eu quero que descubra tudo sobre o passado dele, até sobre um filho que morreu há quase trinta anos.

— Parece que o assunto é muito sério — ele constata, parecendo estar ansioso pelo trabalho.

— Demais. Então peço total sigilo da sua parte, estou confiando em seus serviços, porque se depender de mim ninguém vai saber — Dou um aviso prévio. — Te pago o dobro, Romeu, mas me traga as repostas que procuro.

— Esses dias estou fora do país, vim entregar um relatório aqui na Alemanha, mas esta semana estarei de volta ao Brasil.

— Me passe o seu e-mail por mensagem de texto, mais tarde te enviarei tudo o que quero saber sobre o homem.

— De acordo. Em cinco minutos te mando. Até logo — fala Romeu ao encerrar a ligação.

Uma das primeiras coisas que eu o mandaria fazer é saber mais sobre o irmão de Marcos, algo que nunca mencionei, mas sempre duvidei era da paternidade de Lara, nada me tirava da cabeça sobre o estranho fato de Teles jamais comentar sobre o pai da minha amiga, era como se ele nunca tivesse existido na vida.

— Se acha que sempre estará à frente está enganado, Marcos Teles — murmuro baixo, ao tirar meu notebook da mochila.



Depois de Olavo ter estacionado na Centro Móvel, apressei meus passos para poder alcançar Lara no horário de almoço, pelas horas que constava em meu relógio o horário de refeição já tinha batido há oito

minutos.

— Senhor, está indo para o lado errado — avisa um homem vestido de segurança. — Os escritórios são na parte de cima.

— Eu sei disso, mas o que quero não está lá em cima — falo, ao continuar a andar apressadamente.

— Sinto muito, mas só os funcionários da empresa que podem ter acesso a cantina... E pela sua aparência não parece ser um dos empregados — diz o homem em um tom ameaçador.

— Se você julga pela aparência, peço que me deixe seguir meu caminho porque tenho muita influência lá fora, acredito que você não gostaria de conhecê-las — devolvo no mesmo tom, porém, com mais arrogância.

— É... É... O meu t... trabalho — Ele gagueja. — Me diga pelo menos o seu nome.

— Max Prado — falo, seguindo meu caminho. A cantina ficava na parte de baixo do prédio, era mais fácil ter contato com Lara sem que o *senhor poderoso* não nos visse, aliás, não teria como, já que Marcos Teles não pisa no mesmo local onde seus empregados costumam frequentar.

De longe a vi. Lá estava meu passarinho vermelho sendo amparada por uma amiga, mesmo com uma diferença de distância eu conseguia ver seu nariz avermelhado e os olhos inchados como se tivesse se banhado em lágrimas, engoli em seco e não me contive, não suportava ver meu bem maior sofrendo, encorajado ultrapassei meus passos e fui ao seu encontro.

— Shiii... Falei que era para dar um chute nessa merda toda e você fez isso, amiga! Chore, mais chore de felicidade! Esse choro se chama libertação! — fala a mulher morena.

— Lara — Chamei-a, conseguindo infelizmente a atenção dos demais. Minha ruiva tremia tanto os lábios que não pensei duas vezes e a puxei para os meus braços, involuntariamente acariciei seu pescoço e sussurrei em seu ouvido "estou com você, meu bem".

— Como entrou aqui? — pergunta, fungando.

— Tenho meus meios — comento, sem largá-la. — O que houve? Por que chora?

— Pedi demissão — fala ela, com a voz embargada. — Talvez fosse porque a pressão estava sendo forte demais.

— Fora que o nojento do Roberto anda assediando-a! — Intrmete-se a morena. — Prazer, me chamo Marina! Sou amiga dessa teimosa aí.

— Me chamo Max, melhor amigo de Lara — digo, vendo-a arregalar os olhos.

— Eu já sabia — A mulher sorri. — *Uma pessoa* costuma falar muito sobre você.

— Lara, vamos pegar as suas coisas, você não fica neste lugar nem mais um segundo — afirmo, sem rodeios. — Onde está aquele abutre do seu tio? Quem assinou a sua demissão?

— Marcos não está na empresa, ele viajou há alguns dias — revela Marina. Quer dizer que o velho não voltou ainda. Melhor assim.

— Não existe melhor notícia do que essa. Com licença, Marina — peço, contendo-me para não ir atrás de Roberto Muniz e arrancar os seus olhos.

— Max, o que está fazendo? — pergunta Lara, quando me vê a puxando para fora do lugar.

— Você vai pegar suas coisas e pôr no porta-malas do carro lá fora — Instruo-a. — Olavo está te esperando.

— Farei isso, mas primeiro preciso ligar para a Mãe... Tenho medo do que Marcos possa fazer com relação ao meu filho, Max — confessa ela. — Eu vou sair daqui de cabeça erguida, meu amigo... Chega disso, foi por um fio! Ontem, Roberto me disse coisas feias, e hoje me procurou na minha

sala e tentou me beijar, a única saída foi pedir demissão porque eu sei que Marcos não fará nada quando souber o que o sócio dele fez a mim.

— Desgraçado — Rosno, cerrando os punhos. — Faça o que pedi e me espere dentro do carro.

— Depois precisamos conversar, Max — avisa ela e eu concordo. Espero que Lara siga em direção ao andar de cima, em seguida avisto o segurança distraído e passo correndo até o elevador com a intenção de deixar bem claro para Roberto Muniz onde ele se meteu.



LARA MORAES

— Isso dói, ruiva — reclama Max, quando eu passo a bolsa de gelo no canto do olho dele. Eu conhecia Max tão bem quanto ele a mim, não foi por acaso que fingi ter o ouvido para depois segui-lo. Quando tive acesso ao corredor do andar de cima me deparei com uma cena aterrorizante, meu amigo esmurrava Roberto com sede de vingança, tiveram que arrumar três seguranças da empresa para tirar Max de cima do sócio de Marcos. Assim que saímos do meu ex-trabalho pedi ao Olavo, o motorista da família de Max, para que nos trouxesse para a minha casa porque daria um jeito no murro que Max levou.

— Mas é para doer — reclamo me afastando um pouco, vendo-o fazer careta e em seguida sorrir. A posição em que nos encontrávamos era perigosa, pelo menos para mim. Max estava sentado na banquetta alta do balcão, da minha cozinha e, eu entre as suas pernas passando a bolsa de gelo no machucado que Roberto conseguiu deixar.

— Venha aqui — Max me puxa pela cintura, fazendo-me ficar mais próxima do seu corpo. — Olhe para mim — Ele coloca as mãos uma de cada lado do meu rosto para que eu pudesse encará-lo, engulo em seco antes de buscar forças para olhar em seus olhos.

— O que está fazendo? — sussurro, paralisada. Sim, eu sabia o que iria acontecer, mas me negava a deixar isso claro, céus, quão errado estava sendo os nossos atos.

— Hoje é dia de loucuras — A intensidade do seu olhar me estremecia, os meus sentimentos começaram a ficar embaçados, a cada palavra meu coração traidor batia fortemente.

— Não podemos fazer isso, Max — aviso, balançando a cabeça.

— Shiii, são tantos anos de amizade... Nós nunca tivemos a oportunidade — Ele se cala e começa a acariciar minha nuca por debaixo dos meus cabelos soltos. Fecho os olhos e aproveito a sensação de acolhimento.
— Eu te amo, Lara — Max sussurra suavemente.

— Eu também te amo, meu amigo — confesso tentando quebrar o clima, ainda de olhos fechados, para que não possa existir nenhuma pista de que eu queria dizer ao contrário, com relação a palavra “amigo”. Sinto o frio bater na barriga quando meu amigo trilha os dedos nas minhas costas. — Mas esqueça o que está pretendendo fazer, é errado.

— Você é uma pessoa incrível, e saber que têm pessoas que são cruéis com você me deixa louco — releva. — Às vezes a acho tão boba por deixar que te façam mal.

— Não posso sair gritando e nem esmurrando quem me machuca verbalmente, Max — falo, abrindo os olhos. — Acha que não tenho vontade de jogar tudo para o alto e ser impulsiva pelo menos uma vez na vida? Max, quando a mulher se torna mãe tudo muda, principalmente os conceitos... Antes de fazer qualquer coisa eu penso em meu filho, Felipe é a minha fraqueza, entende? Ele é meu ponto fraco, meu menino é tudo o que tenho.

— Não chore, não gosto de ver lágrimas nesses lindos olhos — pede, fazendo carinho nas minhas bochechas. — A sua vulnerabilidade me afeta, fico de coração partido em vê-la tão quebrada.

— Estou quase te pedindo em casamento — brinco, logo após ouço a sua risada abafada.

— Se casaria comigo se não fôssemos amigos?

— Sim. E se fosse solteiro também — Acrescento.

— Estive com Marcos em Porto Vermelho.

— Não acredito! — exclamo me afastando de Max. — O que ele queria?

— Ele quer casar você — diz Max, não escondendo a fúria e ciúme.

— Isso já é demais — Rio ao levar as mãos na cabeça. — O que ele pensa que sou? Meu Deus, eu o odeio!

— Me escute — Suplica Max.

— Preciso da sua ajuda — Entro em desespero. — Chega disso tudo! Eu tenho 28 anos, sou uma mulher adulta, nem Marcos e nem ninguém vai mais interferir em minha vida.

— Vem comigo — ele sugere. — Venha com Lipe para Porto Vermelho, more comigo.

— Calma, Max — peço. — Tem a Thais ... A sua privacidade, não posso pegar uma criança e invadir a sua vida.

— Quando vai perceber? — Ele me olha e eu me aproximo.

— Não há nada para perceber — Sigo firme.

— Tem certeza? — Max insiste. SIM. Tinha muitas coisas para perceber, para saber e falar, porém, não me vejo sendo uma traidora.

— O que está acontecendo? O que deu em você? Brigou com a Thais?

— Há muito tempo eu comecei a criar sentimentos pela garota ruiva que todos os dias quando chegava à aula estava com aquele sorriso tímido nos lábios — narra ele. Atraindo a minha atenção porque de alguma maneira

eu sabia que se tratava de mim. — Minhas expectativas foram embora quando soube que ela namorava... A amei secretamente, infelizmente fui burro demais para não ter corrido atrás do que queria.

— Amou? — balbucio, notando que não fui a única a ter um sentimento unilateral, apesar de cada um ter gostado do outro em épocas diferentes.

— Sim, Lara — Consigo a sua resposta. — Eu te amei, e ainda te amo.

— Como é possível? — As lágrimas não foram impedidas dessa vez.

— Não é difícil amar alguém tão especial, alguém como Lara Moraes.

— Max... Max... Eu não sei o que falar — sussurro gaguejando, seguidamente levando as mãos aos lábios e chorando.

— A conversa com Marcos me fez enxergar o quanto fui imaturo por ter escondido o amor que sinto por você, minha ruiva — declara ele, levando-me para o abismo.

— E Thais? A sua família... As pessoas?

— Thais e eu sempre tivemos uma relação aberta, o nosso relacionamento é saudável e maduro — fala Max. — Lara, quando soube que Roberto tentou agarrá-la para lhe roubar um beijo ou sabe-se lá o que aquele nojento tentaria te fazer me deixou insano, me trouxe uma personalidade que nunca imaginei ter...

— Por que está me declarando isso só agora? Houve tantos momentos que poderia ter me contado isso — Solução.

— Por respeito, medo e insegurança — Urra, como se estivesse se crucificando. — Olha, eu não estou te forçando a nada, nem querendo que fique comigo... Só achei que fosse necessário tirar este peso do coração, chega de mentiras.

— E ela? — pergunto, sem rodeios. — A sua namorada, a ama

também?

— Eu... Eu gosto dela, tenho um carinho por Thais. Não sei... é diferente os sentimentos que tenho por você.

— Max, eu não te perguntei isso — Soou um tanto grosseiro da minha parte. — Não somos mais adolescentes, não temos mais idade para ficar nessa coisa de é e, não é.

— Não complica, ruiva — Praticamente implora como se estivesse sentindo alguma dor.

— Eu sou mãe, solteira e tenho uma criança para criar — Começo meu discurso. — Meu filho precisa que eu lhe dê orgulho e não mau exemplo, Max.

— Por que diz isso? — Inquire, em baixo tom.

— Não posso embarcar com você nessa aventura — falo. — Jamais, jamais pense que estou te propondo que termine com Thais para ficar comigo, só que não tem como existir algo entre nós já que existe outra pessoa em sua vida.

— Eu posso acabar com tudo, me deixe tentar.

— Max, me ouça! Se fosse há algumas semanas, sem que meu tio fosse procurá-lo para dizer do meu suposto casamento você estaria aqui hoje? Estaria me pedindo para ser sua?

— As coisas são diferentes — diz ele.

— Não, não são — discordo. — Antes de qualquer coisa, a mulher com quem você dorme e divide seus momentos é um ser humano, tem sentimentos e te ama! Eu não posso simplesmente cair na loucura de destruir o que construíram nesses anos.

— Como fala isso? — Max se enfurece. — Lara, desde sempre quem estive na minha vida foi você, você é a única mulher...

— Nem tente, por favor — peço, decidida. — Poderíamos mudar de assunto?

— Vai aceitar se casar com outro homem?

— Não vou me casar, Max — digo. — Vai me arrumar um emprego, Sr. Prado? — Tento mudar de assunto rapidamente antes que ele, ou eu, saíamos machucados.

— O que é meu é seu — Idealiza, finalmente me entendo. — As portas da empresa, da minha família estão abertas para você, é só me dizer quando deseja ir.

— Preciso ver Felipe no internato, vou solicitar a saída dele de lá — confesso, encorajada.

— Na empresa oferecemos apartamentos para alguns funcionários, acho que tudo está ao seu favor.

— Realmente — falo, desviando os olhos. — Por onde posso começar?

Procuro colocar um sorriso para não demonstrar o quanto estou afetada pelas declarações de Max, ele não pode deixar tudo por mim, apesar de me amar como homem e melhor amigo, e eu também amá-lo, mas devemos viver com os pés no chão, acredito que a mãe dele não concordaria com suas decisões, por mais que Nicole dissesse que o filho era adulto e o dono do próprio nariz.



MARCOS TELES

Minhas idealizações de 28 anos estavam indo por água abaixo, maldita hora que permiti que Max Prado se aproximasse de Lara, ele é o único culpado pela nova forma como ela age, mas, da mesma maneira não a deixaria viver em paz, não longe dos meus olhos.

— Não é possível, Marcos! — grita Olga quando eu acabo de contar o caos que Max e Lara causaram na minha empresa.

— Abaixе o seu tom de voz para mim, mulher — Mando, impaciente.

— Agora não é hora de bancar o grosseiro — rebate minha esposa.

— Ela está decidida a ir embora, Lara não pode fazer isso! — Rosno jogando o vaso de vidro no chão. Jamais a deixaria tomar à frente da situação, por anos a manipulei como uma criança obediente, não pode ser agora que a perderei para aquele abutre que se acha inteligente o suficiente.

— Falando desse jeito parece até que é apaixonado por ela! Mas aí me

lembro que é impossível disso acontecer já que você é o... — Lanço um olhar ameaçador para Olga que no mesmo instante se cala. Estávamos na sala, a qualquer momento algum empregado poderia entrar e nos ouvir falando do assunto que é proibido há tempos dentro da minha casa.

— O tio dela — finalizo.

— Ainda acho uma tolice esconder a verdade, o que Lara pode fazer? Me diga, querido? — Minha mulher poderia ser má quando quisesse, porém, eu não apostava tanto nela, dar-lhe asas para voar seria como estar criando um monstro, para que mais tarde, destruísse-me. Olga é ambiciosa, sempre soube disso, desde que a mãe de Lara morreu, nem esperou a amiga descansar no caixão e já correu para dar em cima de mim.

— Cale-se! — peço.

— Já se passaram tantos anos! Ela não vai se importar se você disser o porquê da raiva, meu querido esposo.

— Basta, Olga! — Levo as mãos na cabeça e começo a cogitar como seria se Lara descobrisse por que a trato mal. — Jamais volte a se intrometer em algo pessoal, meu.

— Você vai acabar se afundando nessas suas mágoas!

— Me deixe sozinho — sussurro, ao engolir seco.

— Como desejar *majestade*.

— Deixe de ser sarcástica, nem você e eu temos idade para agir com imaturidade — Brando, vendo-a sair do cômodo com a maior cara de satisfação.

Aproveito a ausência de Olga e começo a procurar o número de um amigo meu, advogado que tem bastante influência no mercado, sem demora encontro a agenda entre os livros na prateleira. Quando estou folheando as páginas da agenda ouço os passos se aproximarem.

— Senhor, me desculpe interromper, mas o senhor Roberto está na linha — fala Dália, minha empregada, com o telefone nas mãos.

— Me passe aqui — peço, estendendo a mão. — Agora pode se retirar.

— Sim, senhor — Espero a mulher sair para que eu possa ter mais privacidade.

— Alguma coisa importante? — pergunto assim que levo o telefone ao ouvido.

— Finalmente me atendeu.

— Seja rápido e objetivo, Roberto — Ignoro-o.

— Ser rápido me fez ganhar socos de um merda que tem idade para ser meu filho.

— Foi merecido, não o mandei assinar a carta de demissão da minha sobrinha — lembro-o.

— Aquela vagabunda levou o macho dela para me coagir! Dentro da minha empresa, da nossa empresa! Fui humilhado na frente dos meus funcionários.

— Nunca mais fale de Lara, ela não é uma vagabunda, não a compare com as mulheres que você sai, peço que tenha mais cuidado quando for mencionar a minha sobrinha, Muniz — ameaço, em baixo tom.

— Por que a defende agora? Não foi você que me deu passe livre para perturbá-la? O que há meu amigo? A consciência está doendo?

— Não me provoque, diga logo o que quer.

— Não vou poder comparecer a reunião de hoje, os hematomas estão feios, prefiro evitar ser alvo de gente curiosa.

— Você não pode me deixar na mão, Ivan Makarov está vindo da

Rússia para fechar o contrato com a empresa.

— Dane-se!

— Para um homem de 52 anos você anda muito irresponsável, Roberto! A nossa empresa está crescendo a cada dia com a chegada de novos investidores, não aceito que fique agindo como está agora.

— Verei o que posso fazer.

— Não veja, faça — falo, encerrando a ligação.

Hoje teríamos o privilégio de estar com o maior empresário da Rússia, Ivan Makarov, herdeiro da maior empresa de arquitetura em Moscou, o homem é um galo de ouro, entrar para a M&C irá nos trazer grandes chances de crescermos ainda mais.

— Tem alguém querendo te ver, Marcos — avisa Olga, surgindo já toda arruma e como sempre banhada nas joias, e roupas de grife, fútil, mas o que posso fazer? É o gosto dela.

— Quem é dessa vez? — pergunto, querendo me trancar em meu escritório e não sair tão cedo de lá.

— A Madre Maria — diz minha esposa com ênfase como se quisesse dizer "eu tinha razão".

— O que aconteceu dessa vez? — suspiro.

— Boa tarde, Sr. Teles — Cumprimenta-me a Madre aparecendo atrás de Olga. — Precisamos conversar seriamente.

— Estou saindo, volto mais tarde — avisa Olga, e eu a ignoro, após, ter nos deixado sozinhos.

— Onde está meu neto? — Inquiro, indo ao ponto que me interessa. Meu neto.

— A sua... Sobrinha o levou — confessa a Madre Maria. — Foi inevitável, ela me pôs contra a parede... O senhor sabe que Lara tem todo o direito sobre o menor já que é a mãe.

— EU PAGO UMA FORTUNA, UMA FORTUNA PARA MANTER MEU NETO LÁ DENTRO, FORA O QUE DOU A SENHORA POR FORA PARA NÃO DEIXAR LARA TER PODER SOBRE FELIPE LÁ DENTRO! — grito, alterado.

— Se acalme, Sr. Teles! — pede a Madre, visivelmente assustada. — Não pude fazer nada... Lara apareceu no internato sozinha pedindo para retirar o menino, e que a decisão era permanente, mas avisei que não seria possível porque o senhor que era o responsável pela matrícula do garoto...

— Tinha alguém a acompanhando? — Luto para não me alterar.

— Após eu ter lhe negado a saída do menino ela foi embora dizendo que as coisas não ficariam assim, mas algumas horas depois veio novamente com dois homens, um era advogado e o outro a ouvi chamando de Max.

— E o que um advogado poderia fazer? — Rio amargamente.

— Praticamente fui ameaçada, o advogado me disse que a cliente dele poderia abrir um processo contra mim e a instituição, porque ando negando os direitos de uma mãe.

— Me diga o que quero saber — solicito. — A senhora fechou a matrícula dele ou só o deu para ela?

— Infelizmente tive que fazer o que a sua sobrinha ordenou, eu fechei a matrícula dele — ela conta. — Felipe não estuda mais no internato Santa Maria, ele já não é mais um membro da nossa instituição.

— Tudo bem, a senhora pode ir embora, já fez o bastante — falo. — Daqui para frente quem resolve as coisas sou eu.

— Me perdoe... Sr. Teles.

— Hoje mesmo minha secretária irá ligar para pedir o número da sua conta — aviso. — Amanhã será depositado a quantia em dinheiro como havíamos planejado.

— Obrigada — Vejo o sorriso surgir na velha. — Passar bem, senhor.

Parece que o jogo está mudando.



MAX PRADO

Thais não estava conformada com a minha decisão, dois dias quando eu trouxe Lara e Felipe comigo para Porto Vermelho encontrei minha namorada com um olhar indecifrável assim que atravessei pela porta do meu apartamento, era madrugada e ela ainda não tinha ido dormir, o que me surpreendeu já que tem costume de ir dormir cedo. A questioneei sobre estar com insônia, mas acabei sendo rejeitado assim que ela se deparou com minha amiga e o filho dela no cômodo, por outro lado Lara mantinha uma postura rígida e envergonhada, senti-me mal por isso, para não piorar o clima decidi dormir no quarto de hóspedes assim que a acomodei com Lipe em um quarto que sempre é limpo pela minha funcionária. No dia seguinte acordei cedo e fui à procura de Thais no meu quarto, ao entrar a vi de frente para o espelho com os olhos avermelhados e os lábios trêmulos.

— A ama, não é? — ela me questionou assim que reparou a minha presença.

— Thais ... — hesitei.

— Não minta para mim, Max... Sou mulher... Uma mulher sempre sabe quando a relação está em risco — diz, ao limpar as lágrimas. — Você largou a empresa para ir atrás dela em outra cidade!

— Por qual motivo está se comportando assim? O nosso namoro sempre foi saudável — falo, aproximando-me dela.

— Eu estive cega durante esses tempos — Thais ri baixinho. — Vocês se amam... É impossível não ver isso! As trocas de olhares e sorrisos, o acolhimento...

— Não sou um moleque, e muito menos mentiroso — esclareço. — Eu a amo sim, por anos tentei reprimir esse sentimento, mas Lara não é apenas uma mulher para mim, ela é mais do que isso.

— Por que dizia me amar se nunca me amou? — Fui recriminado.

— Eu também te amo, mas de uma forma diferente, entende?

— Quer dizer que ama Lara mais do que a mim? — Inquire a mulher, com a postura ereta.

— Thais, eu tive que seguir com a minha vida... Lara tinha a dela e eu precisei respeitar o seu espaço — Desconverso para não a machucar.

— Esse tempo todo eu simplesmente fui a substituta?

— Entenda uma coisa — irrita-me. — Jamais te usaria, esse seu pensamento sobre mim é totalmente errado.

— Max, você chegou a se ajoelhar em um estabelecimento público para pôr os saltos dela! Quando fez isso por mim?

— Como soube? — pergunto, surpreso.

— Precisou uma colega minha de trabalho me contar que viu meu namorado ajoelhado na grama colocando com a maior delicadeza do mundo os sapatos de uma mulher linda que o olhava com admiração — revela

Thais.

— Estamos mudando o rumo da conversa aqui.

*— Max, olhe para mim — pede ela, assim que me vê de rosto virado.
— Nós somos adultos, devemos tomar decisões corretas... Você me deixou sozinha, nem me contou sobre sua ida para Santa Felipa, logo após surge de madrugada com sua melhor amiga e o filho dela na nossa casa...*

— Me diga qual é a sua decisão sobre nós — Sou direto.

— Não existe nós, nunca existiu — Thais diz firme.

— Está errada — discordo.

— Enquanto você não decidir quem quer eu não irei me submeter a dividir o mesmo teto com a mulher que deseja.

*— Você nunca gostou da minha amizade com Lara, não é? —
Investigo.*

— Qual mulher em sã consciência gostaria de ver o homem que divide a cama babando por outra, e que finge respeitar o espaço dela, mas na verdade a quer...

— Tio Max, onde o senhor está? — Assusto-me com a voz de Lipe ficando próxima. — Tio, cadê o senhor?

— Estou aqui — o respondo em alto tom, em seguida Thais revira os olhos e me dá as costas.

— Vai lá dar atenção para as pessoas que realmente quer na sua vida — rebate amarga.

Diante de mim estavam duas pessoas sorridentes e animadas, as quais eu amava, Lara e Felipe riam ao tomar café enquanto eu trabalhava na bancada da cozinha com meu notebook. Hoje decidi trabalhar em casa, assim ficaria mais perto dos dois e os faria companhia.

— Onde está a sua namorada, tio? — pergunta Felipe, deixando a mãe surpresa.

— Ela foi fazer uma viagem — respondo.

— Ela é bonita, mas a minha mãe é mais — fala ele baixinho, como se Thais fosse chegar a qualquer momento, não aguento e gargalho. — O senhor não acha isso?

— Menino esperto — Pisco para ele. — As duas são lindas, mas a *nossa* ruiva é a que mais chama atenção.

— Oh, Max, pare já! — reclama Lara, com as bochechas vermelhas, fazia anos que não a via ficar neste estado.

— Tenho uma novidade para vocês dois — aviso deediato.

— Amo surpresas, tio! — Explode ele, batendo palmas.

— Consegui uma vaga para você em uma escola perto do apartamento onde irão morar — revelo, sorridente ao encarar Lara que tem um brilho nos olhos. — Amanhã faremos uma visita no imóvel, ele faz parte da empresa.

— Mas pensei que nós três moraríamos juntos... — fala Lipe, triste.

— Amor, o Max tem a vida dele, não podemos invadir o espaço dele — Lara tenta confortar o menino.

— O tio Max é como um pai para mim... E quando ele está por perto eu me sinto tão seguro — sussurra Lipe, abaixado a cabeça como se quisesse chorar.

— Um pai? — Gaguejo, emocionado com a declaração. Eu sempre sonhei em ser pai, não importava da forma de como eu seria, mas eu só desejava ter um filho para orientar e dar muito amor, e amor.

— Sim, tio... O senhor é como um pai para mim, e minha mãe sabe disso — disse ele se levantando, olhando para Lara que arregala os olhos.

— Eu amo muito você, menino — digo, chamando-o para que se aproxime. — Também o vejo como um filho, e quando houver chances eu sempre irei estar ao seu lado.

— Eu sei que Vini é meu pai, mesmo que eu nunca tenha o conhecido porque ele foi para o céu — murmura Lipe. — Só que o senhor me dá tanto amor, trata minha mãe bem...

Com as mãos na boca percebo que Lara tenta conter as lágrimas, só que se perde na batalha quando eu e Felipe nos abraçamos. Calmamente deposito um beijo na cabeça de Lipe, que sorri com o meu ato espontâneo.

— Gosto de cuidar das pessoas que amo — confesso, pedindo para que Lara venha até nós com apenas uma troca de olhar.

— É crime me fazerem chorar uma hora dessa — diz ela, sorrindo, mas também chorando.

— Vem, mãe, abrace o tio Max também — pede nosso menino. Desconfio que temos um cupido ao nosso favor.

— Como quiser, meu amor — diz Lara, sem tirar os olhos de mim. Passo o braço ao redor da cintura dela e ponho meu rosto na curva do seu pescoço e inalo seu perfume, quando nota meu ato se arrepia.

— Estou sendo apertado — reclama Lipe, fazendo-me soltá-lo, porém a mãe dele continua nos meus braços. — O senhor quase me esmagou, tio!

— Hum-rum... Quer jogar um pouco, filho? — pergunta Lara.

— Sim! — Lipe concorda, animado, ontem mesmo montei o videogame dele. — Quer ir comigo, tio Max?

— Agora não, garotão, tenho alguns documentos para analisar.

— Tudo bem — ele concorda. — Posso ir, mãe?

— Claro — diz Lara.

— Gosto de vê-lo feliz — comento.

— Obrigada por tudo que anda fazendo por mim e meu filho — ela agradece, abraçando-me.

— Faço tudo pela felicidade de vocês.

— Eu acredito... Você já fez muito por nós, ficarei grata a vida toda — confessa. — Nem sei como te pagar por isso...

— Ficar ao seu lado é o suficiente para mim — sussurro, fechando os olhos e a apertando contra meu corpo.

— Max... Eu... Eu — Ela gagueja tão brutalmente que não consegue expressar o que quer dizer.

— Você o quê? — insisto.

— Eu a... a... amo você como homem e, também como amigo, mas eu não consigo me ver machucando a Thais — declara, fazendo meu coração palpitar. — É errado traí-la... Ela o ama, não devemos quebrar o seu coração, seríamos egoístas em pôr nossos sentimentos pelo outro à frente de tudo... Não desejaria que Thais saísse machucada.

— Me daria uma chance para consertar as coisas? — pergunto esperançoso.

— Eu lhe daria todas — confidencia, acariciando meu rosto.

Faria as coisas certas, eu teria Lara como minha mulher, mesmo que demorasse, mas ela seria a mãe dos meus filhos.



LARA MORAES

Eu estava liberta, depois de anos encontrei a minha liberdade, sentia-me tão em paz, dentro do meu coração parecia que tinha flores brotando. Ao ter aceito o emprego na empresa da mãe de Max decidi que no mesmo dia iria embora do lugar onde Marcos me abrigou, desde os meus 20 anos quando tive Felipe, as únicas coisas que vieram comigo foram nossas roupas e documentos, o resto deixei para trás, nada era meu, não havia motivos para trazê-las. Antes de partir liguei para Marina e a pedi para me fazer o favor de entregar as chaves da casa para Marcos, desse jeito ele não teria motivos para vir atrás de mim.

Ao ver meu filho declarando o seu amor pelo meu amigo fez com que eu enxergasse o quanto estive cega esse tempo todo, não sei, mas eu percebi que amo Max, não pelo fato do afeto que demonstra pelo meu menino, e sim, porque o que senti há alguns anos está retornando de uma forma tão agressiva que às vezes penso estar ficando louca. Todas as vezes que fechos os olhos eu lembro dos nossos momentos do passado e do presente; os olhares dele direcionados para mim, o jeito que alisava meus cabelos e dizia que me amava muito, e que eu era a pessoa mais incrível do mundo — um tanto exagerado, mas as suas palavras soavam tão sinceras que eu me perdia nelas.

— Como está se sentindo? — Comenta Max, ao se sentar do meu lado no sofá.

— Feliz, e muito cansada — suspiro, ao bocejar.

— E parece que está com sono também. Vem se deita aqui — diz ele, batendo as mãos no colo. Minha ansiedade em perguntar onde Thais estaria era tão enorme, mas me contive.

— Isso é muito bom, vou acabar dormindo... — Cochicho, quando Max começa a fazer carinho nos meus cabelos.

— Essa é a intenção — Confessa, como se quisesse dizer algo a mais, só que se controla. — Está preparada para viver uma nova vida?

— Acho que sempre estive, mas nunca tive coragem o suficiente para fazer isso — sussurro, fechando os olhos.

— Eu estou com você, serei o seu apoio até que não queira mais — diz ele, fazendo-me abrir os olhos e olhá-lo. Max é muito bonito, cavalheiro, companheiro, romântico e um bom homem, tudo o que uma mulher desejaria ter. Claro que ninguém é perfeito, todos nós temos um defeito, porém, Max sabe como agradar alguém.

— Preciso te colocar dentro de um potinho — brinco, e acabo ganhando uma gargalhada sua como resposta.

— Seus lábios são lindos — Comenta ao trilhar dois dedos por cima da minha boca, e eu congelo.

— Lipe está no quarto aqui perto... — Gaguejo.

— Toda vez que olho para você me faz lembrar o quanto é forte e ao mesmo tempo tão frágil — revela Max, tocando em meu rosto. — Eu te admiro pelo o que é, Lara.

— Eu também te admiro, Max, você é um homem... — sou interrompida pela sua ousadia ao me calar com seus lábios. Ao sentir sua

boca amaciando a minha, espantei-me, era a primeira vez que tínhamos nos tocando intimamente. Sem diálogos me envolvi em seu toque carinhoso e caloroso.

— Não fala nada, só deixe acontecer — pede-me Max, afastando-se, e em seguida tocando em meus lábios trêmulos.

— Me perdoe... Só estou nervosa — sussurro, passando as unhas em sua nuca e acariciando seu pescoço. — Vamos tentar de novo — Eu fechei os olhos no mesmo instante, Max parecia estar tentando me acalmar, porque trilhava beijo pelo meu rosto, minhas pálpebras e logo após ele me beijou delicadamente, foi então que me rendi, tomei à frente da situação, porém, tentando não parecer tão nervosa. Com afeição beijei seus lábios. Sem demora o sinto colocar a língua na minha, e essa era a explosão que eu precisava, passo a mão por seus cabelos negros e seguro com firmeza ao sentir o calor do corpo dele vibrando sobre o meu. Beijo com tanto fervor como se essa fosse a única vez que eu faria o que desejava. Esse era o tipo de calor que o meu corpo ainda não tinha vivido, jamais imaginei que desse lado saísse tanta intensidade, eu reconhecia a sensação, a que não sentia há tempos.

— Isso foi como sempre imaginei — sussurra Max, com a boca encostada à minha. — Os lábios são tão doces como a dona deles — Ele se afasta para tomar fôlego, e não satisfeito ele me toma novamente em seus braços, abafa o grito de surpresa para não acordar Lipe, quando ele me puxa para sentar em seu colo. Por alguns segundos nos encaramos, trocamos sorrisos silenciosos, sempre, desde sempre isso era o suficiente para nós dois, com apenas um olhar conseguíamos entender um ao outro.

— Talvez devêssemos continuar depois — sugiro, quase soltando um gemido quando ele apoia a palma das mãos em meus quadris e me lança aquele sorriso safado que eu o via fazendo para conquistar as garotas no ensino médio. — E não me olhe assim porque já conheço esse truque.

— Péssima ideia se relacionar com melhores amigas que sabem de tudo sobre a sua vida — fala Max, brincalhão. — Acho que terei de mudar minhas táticas de conquista.

— Você é mesmo um bobo — Dou uma risada baixa ao encostar meu rosto na curva do seu pescoço, enquanto isso ele enfia a mão dentro da minha camisola.

— Se o Lipe não estivesse aqui nós poderíamos nos divertir mais — diz ele, ao puxar o elástico da minha calcinha, e para minha derrota deixo um gemido baixo sair. Eu não sabia explicar, mas com Max era diferente, talvez porque já fôssemos amigos e a confiança já existisse.

— Nunca pensei que veria o lado safado de Max Prado — falo, tentando sair do seu colo, porém, sou impedida.

— Estou pegando leve nas safadezas, porque além de ser minha amiga é a mulher que desejo passar o resto da minha vida ao lado — Meus olhos enchem de lágrimas ao ouvir a declaração.

— Deveria ser pecado falar esse tipo de coisa para as mulheres — Gracejo.

— Não é considerado pecado quando o cara diz isso pela primeira vez para a mulher que ama verdadeiramente — devolve ainda me alisado.

Não havia saída. Nunca haveria uma. Max já me tinha.



— Mãe, é verdade que amanhã começo a estudar na nova escola? — indaga Lipe, ao sentar-se no meu colo.

— Sim, o tio Max disse que o levaria no seu primeiro dia — confesso, conseguindo arrancar um sorriso lindo do meu ruivinho.

— Isso é muito legal — exclama, Felipe me dando beijo na bochecha.
— Mãe, posso perguntar uma coisa a senhora?

— Sim, meu amor — concordo.

— A senhora gostaria de se casar com tio Max e me dar irmãozinhos

para que eu não seja filho único? — Arregalo os olhos com a tamanha inteligência do meu filho. De onde ele tirou tantas ideias?

— Casar? — Gaguejo, envergonhada quando Max surge vestido com o seu terno preferido. Ele parecia estar nervoso que nem notou a nossa presença na sala, os seus dedos estavam brancos de tanto apertar o celular. — O que houve? — pergunto preocupada.

— Não é nada grave — Ele mentia, eu via que sim, eu sentia. — A minha assistente me ligou dizendo que tenho uma reunião, acabei me esquecendo, tenho que ir — diz se aproximando.

— Claro, tenha um bom dia.

— Vocês também. Volto mais tarde — Deseja Max, agachando-se ao nosso lado e beija nossos rostos, logo após corre até à saída sem olhar para trás, deixando-nos sozinhos.



MAX PRADO

Filho da puta. Desgraçado egoísta. Insolente. Todos esses xingamentos eram direcionados para Marcos, o miserável além de ter tido a coragem de exigir da minha avó que eu ficasse longe de Lara para meu bem, ele ameaçou a minha família, o desprezível Marcos Teles acha que tudo é questão de poder, para ele a vida das pessoas é medida somente por dinheiro. Pela manhã eu tinha planos de levar Lara e Lipe para conhecerem o novo restaurante que fora inaugurado semana passada, logo após levaria nosso menino para brincar um pouco no parque, porém, com a ligação da minha mãe me contando o que havia acontecido, e em seguida a do Romeu Borges tive minhas idealizações por água abaixo.

— Bom dia, Sr. Prado — Cumprimenta minha secretária depois de eu ter a pedido para se dirigir até o meu escritório, não demorou muito para aparecer, e como sempre desajeitada. — Hoje o senhor tem algumas coisas...

— Cancele todos os meus compromissos, só me chame ou passe ligação se for relacionada a Marcos Teles ou Romeu Borges — ao falar, a mulher me olha surpresa, claro que iria, durante esses tempos eu ando cancelando muitas coisas, o que não era acostumado a fazer, mas eu tinha algumas pendências, e elas eram mais importantes.

— Sim, senhor — ela concorda. — Deseja um café, um lanche, alguma coisa?

— Não tenho fome, mas se me conseguir um café estou aceitando — falo, voltando a minha atenção para meu notebook.

— Em minutos mando alguém da copa trazer — avisa.

— Aline, espere — peço, ao me lembrar que ainda tenho outros problemas vindo pela frente. — A Thais esteve por aqui?

— É... É... — Aline começa a gaguejar e eu perco a paciência.

— Te fiz uma simples pergunta, trate de me responder rápido porque tenho muito o que fazer — Calo-me rapidamente quando percebo que tinha a tratado grosseiramente. — Me perdoe, Aline, só não estou bem hoje.

— A sua namorada entregou uma carta de demissão ao RH antes de partir — revela Aline, com a voz baixa. — Não entendi muito...

— Isso já era de se esperar — falo, passando a mão no rosto. Meu dia seria longo e estressante. — Obrigado pelas informações, agora me deixe sozinho, por favor.

Fiquei a manhã toda trabalhando sozinho, sem interrupções no meu escritório, certamente Aline fez o que solicitei, enfiar a cara no trabalho me trazia paz, com ele eu conseguia me esquecer dos impasses que permaneciam querendo me invadir para me deixar descontrolado. Eu me encontrava nervoso, e vir à empresa com certeza me faria bem e, também me impediria de demonstrar o quanto ando abalado, Lara não merece sofrer mais do que já sofreu, aos poucos revolveria as nossas vidas, o meu primeiro passo seria abrir o jogo para Thais, a deixar desenganada. Não minto que, por muito tempo achei que amava as duas mulheres, ambas me faziam bem, mas estar tão próximo de Lara novamente me fez ver o quanto me enganei em relação aos meus sentimentos, eu soube que amava somente a ela quando correu para meus braços me pedindo ajuda, naquele momento notei que eu moveria céus e terras para poder lhe dar o que merecia; uma vida tranquila com o filho e muito amor.



As horas passaram rápido demais, já era quase 5h30 da tarde. Estava sendo impossível me concentrar nas minhas tarefas, a ansiedade me tomava, há vinte minutos Aline me ligou avisando que Romeu Borges estaria vindo até a empresa para me ver, minha secretária não entrou em detalhes, só fez dar o recado, só que os minutos foram se prologando e lá se foi uma hora, minha cabeça estava uma merda.

— Sr. Prado, o Sr. Borges está aqui — Foi a primeira coisa que ouvi quando atendi o telefone às pressas.

— Deixe-o entrar — ordeno ao terminar de preencher a tabela no notebook.

— Boa tarde, Max — fazia anos que eu não o via, mas continuava com o mesmo humor.

— Entre, Romeu — peço ao me levantar para cumprimentá-lo. — Aline, nos deixe sozinhos, por favor — minha secretária concorda e pede licença antes de sair.

— Durante esses dias consegui algumas informações - fala ele, me mostrando a valise. — Consegui voltar antes, mas já tenho pelo menos algo para te mostrar.

— Ótimo, espero que elas possam ser úteis — falo. — Sente-se — mostro a cadeira.

— Trouxe um pequeno dossiê para que possa analisar.

— Mostre-me — peço assim que ele abre a valise.

— Irá se surpreender com o que descobri sobre Marcos Teles — Tomo o envelope das mãos dele e já rasgo o selo.

Só de olhar a primeira linha do dossiê meu corpo gela, releio para conferir se é mesmo o que estou vendo, olho para Romeu e ele balança a

cabeça confirmando.

— Ela é... — gaguejo de olhos arregalados.

Engulo em seco.

Não era possível. O cômodo se tornou silencioso, eu só conseguia ouvir minha respiração pesada. O único interesse no momento era no nome com a marcação vermelha, como se fosse o mais importante... E era, porque a pessoa que estava envolvida era Lara.

— Tudo o que tem aí é verdade, não sei se é bom, mas as fontes são seguras — Aperto o papel com força e volto a ler novamente o pequeno texto.

"Conforme as descobertas das investigações realizadas voltadas para o grande empresário, Marcos Teles, chegamos à conclusão final que Lara Moraes Teles desde muito nova fora criada como sobrinha e não filha, mesmo que o pai tivesse total certeza da paternidade. Lara Moraes, nascida em 1990, reconhecida como sobrinha de Marcos Oliveira Teles, que é casado com Olga Ruiz Teles, foi criada desde os seus dois anos de idade sob o teto dos supostos tios, e fora registrada por Gabriel Oliveira Teles, o irmão de Marcos, a pedido dele para que não houvesse conflitos na sociedade pelo real motivo dos dois irmãos terem namorado a mesma mulher ao mesmo tempo, sendo que a mãe da criança foi bem clara no nascimento do bebê ao revelar que Marcos tinha total direito sobre a menina por ser o verdadeiro pai, o fato surpreendeu a todos."

— Como conseguiu essa informação? — murmuro, pensativo. Minha Lara era na verdade filha do desumano que a maltrata tanto? Não seria verdade.

— Max, você me procurou e não eu — diz ele. — Faz anos que trabalho como detetive particular e nenhuma dessas vezes eu falhei, caso ainda exista dúvidas procure outro para trabalhar para você, ou termine de ler as outras informações e faça a sua própria conclusão.

— Certo — Balanço a cabeça. — Me desculpe pela desconfiança, só

acho que é muito brusca essa declaração.

— Faremos assim — Olho para Romeu que tem uma indignação nítida nos olhos. É claro que eu não queria desvalorizar os serviços dele, porém, eram descobertas demais para eu digerir sozinho. — Leia tudo que conseguir no dossiê com calma, e junte cada peça e verá que eu fui totalmente correto.

— Preciso fazer isso — digo. — Obrigado por tudo — Agradeço antes de fechar e deixar o documento.

— Qualquer coisa que precise entre em contato — diz ele.

— Sim, eu o farei — falo, o vendo me dar as costas. — Romeu, me esqueci de mencionar sobre o pagamento.

— Prefiro que meus pagamentos sejam transferidos para a minha conta, é mais seguro — fala Romeu. — Com o mundo em que estamos vivendo hoje tudo é motivo para matar ou morrer, então andar com a carteira cheia na rua está fora de cogitação.

— Não se preocupe, o seu dinheiro já foi efetuado, fiz isso hoje mesmo de madrugada.

— Não pensaria o contrário. Até logo, Prado — Quando Romeu deixa a sala eu rapidamente volto a ler o restante do texto.



Cheguei a casa às 7h30 da noite, Lara e Felipe me esperavam na sala de jantar para que pudéssemos comer juntos, após termos jantado eu continuei sentado no meu canto com a cabeça baixa pensando nas merdas feitas por Marcos que consequentemente afetarão Lara quando ela souber. O que mais me deixou abalado foi saber que Olga Teles era melhor amiga da ex-namorada do marido, a mãe da minha ruiva. A mulher também tinha um passado nada bonito, nem esperou a melhor amiga descansar no caixão para começar e investir firme em uma relação com o imprestável, mais conhecido como Marcos.

— Ei, o que você tem? — A voz calma da mulher da minha vida preenche meus ouvidos e sinto que estou no céu. — Parece estar muito cansado — diz, massageando meus ombros.

— Chegou a conhecer sua mãe ou seu pai? — pergunto, fugindo das suas perguntas. Eu tinha as respostas para todas as dúvidas dela, mas eu não podia fazê-la sofrer.

— Ah não, quer dizer, eu tenho uma foto deles que consegui escondido de Marcos há muito tempo — ela revela.

— Como sabia que era eles mesmo?

— Atrás da imagem tinha uma dedicatória... — fala ela, tão baixo que quase não ouvi. — Meu pai que dedicou a minha mãe... A caligrafia dele era linda, Max.

— O que dizia? — indago curioso.

— Não soube decifrar corretamente, mas tinha assim "mesmo que tentasse me convencer que o seu amor era só meu, eu sabia que não era verdade. Sinto que desde o início fui o seu refúgio quando ele fazia merda, e você vinha atrás de mim porque sabia que eu jamais a deixaria para trás" — nesse momento me lembro que quando cheguei no finalzinho do dossiê descobri que entre irmãos somente um era o verdadeiro amor da senhora Moraes, que infelizmente escolheu o irmão errado.

— Você odeia mentiras, não é? — inquiri, puxando-a para um abraço.

— O que está havendo, Max?

— Se lembra que me disse que o seu tio tinha perdido um filho há quase trinta anos? — minhas perguntas estava a deixando assustada.

— Claro — Lara concorda. — Talvez esse seja o único motivo de ele ser um homem rancoroso.

— E se eu dissesse que sei toda verdade?

— Como assim? — questiona Lara, assustada.

— Atrapalho o novo casal? — A voz debochada de Thais preenche a cozinha. De olhos arregalados Lara se afasta de mim e em seguida abaixa suas vistas. Eu entendi muito bem a sua reação.

— O que faz aqui? — pergunto ao ver minha “ex” com as mãos na cintura e um sorriso sarcástico a acompanhando.

— Vim conversar civilizadamente com você, mas vejo que soube me substituir rapidamente — Devolve Thais, com fúria ao encarar Lara que tomou postura e tinha a cabeça erguida. — Mas parece que sua preferência sempre foi essa ruiva.

— Com licença — pede Lara, visivelmente chateada. — os deixarei sozinhos para que possam conversar melhor.

— Você fica, Lara — falo firme. — Thais, nós já deixamos claro que a nossa relação já acabou.

— É dessa maneira que se comporta comigo, Max Prado? — minha ex-namorada, eleva o tom de voz. — Você viajou para outra cidade e me deixou sozinha! Se foi sem me dizer um “oi”, acha que não sou digna da sua sinceridade?

— Me perdoe pelo comportamento infantil, Thais, mas o que eu tinha para fazer era mais importante — murmuro. — Por isso pedi a Aline que lhe avisasse sobre minha saída.

— Faça-me o favor! — A mulher se exalta. — Acha que é o suficiente para mim? Max, meu amor, eu sou uma mulher vivida! Jamais aceitarei migalhas em troca!

— Não estou te reconhecendo — falo desacreditado. — Você sempre foi tão calma.

— Vamos fazer um acordo. Eu irei pegar o restante das minhas coisas no guarda-roupa e depois vou embora — sugere Thais, entre lágrimas. —

Para mim já chega... Cansei de vê-lo correndo atrás de outra, sendo que já me tinha.

— Não é bem assim — Interfere Lara, pela primeira vez depois de ter ficado bons minutos calada. — Peço que não interprete errado.

— A santinha agora tem papas na língua? — Thais gargalha. — Desde que te vi soube que por trás dessa carinha de sonsa tinha uma leoa louca para sair da jaula! Vamos lá, ruivinha do Max! Solte-se! Nada mais lhe impede de fazer isso, afinal conseguiu ter meu namorado para você.

— Em primeiro lugar peço que fale mais baixo porque tem uma criança no ambiente e ela está dormindo — Surpreendo-me com a resistência de Lara. — Em momento algum quis roubar o seu namorado! Max e eu somos amigos há muitos anos e dentre todos esses anos nós nunca nos envolvemos.

— Como iriam se você estava preparando o terreno primeiro? — rebate Thais, raivosa. — Querida, desde aquele dia no café de Santa Felipa desconfiei dos seus sentimentos por ele! As trocas de olhares, os sorrisos, as escolhas de bebidas iguais... O carinho...

— Já chega, Thais — Eu a corto. — Pegue o que tem para pegar e caso queira conversar melhor me procure amanhã, porque do jeito que está não tem como.

— Não me surpreendo com esse seu jeito de me tratar! Era de se esperar, não é? A Lara Moraes sempre foi a sua escolhida! Ela tinha que estar em todos os nossos momentos, mesmo que estivesse ausente.

— Preciso respirar um pouco, me deem licença — avisa Lara, mais pálida que o normal.

— Vai fugir da realidade ou a consciência está pesando? — insiste Thais, pegando no braço de Lara quando ela tenta passar para fora da cozinha.

— Nada que Max e eu tenhamos feito será capaz de me deixar com a

cabeça pesada, Thais — Articula Lara. — Quero que saiba que quando houver algo mais íntimo entre nós dois vai ser maravilhoso, porém, quando esse dia chegar desejo que você esteja fora da vida dele, porque não vou me deitar com Max sabendo que ainda existe algo entre vocês dois, aí sim seria um motivo para que eu ficasse com a consciência pesada. Apesar de qualquer coisa sou uma mulher que se respeita e sabe quando deve sair de cena.

— Bravo?! — Batendo palmas Thais sorri. — Melhor discurso do ano.

— Pegue as suas coisas e saia da minha casa — Mando, impaciente. — Amanhã antes que volte para onde pensa em ir, iremos ter uma conversa.

— Quando acabar me procure, Max — pede Lara, se soltando do toque de Thais e saindo em seguida.

— Pegue sua roupa e depois devolva minhas chaves.

— É assim? Não significa mais nada para você, Max? Há alguns dias eu era a sua namorada, tínhamos planos! — grita Thais, chorando. — Mas aí vem a mulher que você diz amar e estraga tudo! Não devo me surpreender, né? Desde sempre foi ela.

— Sim — concordo. — Lara é a única mulher que amo. Sinto muito Thais, mas a nossa história acaba aqui.

— Nunca houve uma, Max — ela reclama. — Eu acabei de perceber que fui usada todos esses anos.

— Pare...

— No final as mocinhas inofensivas que ficam com os heróis, não é? É sempre assim — Thais limpa o rosto e volta a me encarar. — Tudo bem... Aceito que te perdi.

— Um dia irá encontrar um homem que te ame de verdade — Idealizo.

— Nenhum outro homem será capaz de me fazer sentir o que me fez... Infelizmente ainda te amo — murmura ela, triste. — Por favor... Nos dê uma

chance... A Lara não vai ficar com você quando descobrir que mentiu para ela...

— O que disse? — indago, desconfiado.

— Nada, Max, não é nada — diz ela.

— Claro — não me dei por convencido, mas para descobrir a verdade seria necessário se fingir de desentendido. — Podemos nos ver amanhã?

— Acredito que seja melhor — fala Thais, já calma. — Ando nervosa... deve ser os hormônios, me perdoe.

Alguma coisa não estava certa, e eu descobriria mais cedo ou mais tarde. Só não entendi o porquê de Thais surgir no meu apartamento sem avisar e ainda insultar Lara e em seguida mencionar sobre uma suposta mentira vinda de mim.



MARCOS TELES

— Te paguei caro para fazer esse serviço e você volta para Santa Felipa me dizendo que aquele abutre terminou com você para ficar com a minha sobrinha? — em um ato furioso joga o copo contra a parede, em seguida pego Thais pelos ombros e a sacudo furiosamente. — Mandei que fizesse drama, sua burra! DRAMA para que aquele idiota caísse como um patinho.

— Me solte, Marcos! — a mulher grita, empurrando-me. — Eu fiquei com Max um bom tempo por causa de você que me procurou e sugeriu que fizéssemos um acordo!

— E como uma interesseira aceitou de bom grado — respondo rapidamente.

— Só aceitei o seu dinheiro e esse papel porque minha mãe é doente, e o meu salário não seria o suficiente para o tratamento dela — Thais se defende chorosa.

— Suas lágrimas não me comovem, senhorita — falo friamente. — O meu único objetivo se chama Lara.

— Por que não diz logo a ela que é o pai dela?

— Isso não é da sua conta sua enxada! — Urro. — Pegue o cheque com a minha secretária e suma da minha vista.

— Eu nunca me senti bem ao enganar Max... Ele é um homem bom, e ama a sua filha — comenta Thais, soluçando. — Eles se amam, mas você jamais deixou que pudessem viver esse amor! Que durante todos esses anos você fez questão de apagar.

— Suma da minha frente, agora — ordeno, impaciente. — Faça isso ou não terá nem um teto para pôr os trapos velhos da sua mãe inválida!

— Você é tão cruel, Marcos Teles — A pobre coitada chora. — Não entendo por que pessoas como você que tem poder se acham no direito de comprar as pessoas, de pisar em qualquer um que atravesse seus caminhos.

— Do que reclama? Se lembra que era apenas uma copeira e eu que lhe enxerguei? Quem te deu a oportunidade de tornar uma secretária? Quem pagou o tratamento da sua mãe? — Afronto-a como um sádico.

— E por que eu? — murmura, entre soluços.

— O ambiente que Max pisava era o mesmo que o seu, isso é óbvio —

reviro os olhos, logo após rio. — Ele sempre foi um idiota romântico, um homem cheio de virtudes que não media esforços para ajudar ao próximo, então quando a vi naquela sala de reunião oferecendo cafezinhos e achei que fosse o alvo perfeito para fazer Max se apaixonar e largar do pé da minha menina.

— Não vou carregar essa culpa sozinha, Sr. Teles — Thais grita, e eu gargalho. — Perdi o meu namorado por sua causa! Ele não precisava saber de nada, de nada!

— O que pretende fazer? Ir chorar no colo do “ex” e subir numa montanha e dizer que te paguei para namorar com Max e estar sempre o impedindo de ter aproximação da minha filha? — Aproximo-me dela que se encolhe, e em seguida arregala os olhos ao perceber minha intenção.

— Espero que um dia descubram o quanto você é podre — A mulher cospe em meu rosto. — Que você tenha um espaço no inferno, porque é o único lugar que merece estar... No inferno!

— Abra a sua boca para contar meus planos para Max ou Lara que eu acabo com a porcaria dessa sua vida, querida! — Ameaço, apertando seu pescoço.

— Me largue... — Thais gagueja, entre tosse.

— Ah, não precisa implorar por um emprego, você já o tem como havíamos combinado — falo a soltando e seguindo para meu assento. — Sou um homem de palavra, apesar de não ter seguido como lhe recomendei, mas irei honrar o que prometi: uma casa, um carro, um emprego e o tratamento completo da sua querida mãe.

— Só vou aceitar porque minha mãe só tem a mim — Seus olhos refletem puro ódio.

— A ambição fala mais alto, não é? Bom, não vou fazer julgamentos porque te entendo, você é jovem e pensa em ter uma boa vida.

— Não... — ela nega. — Eu penso todos os dias em acordar ao lado da mulher que me deu à luz, e que por anos passou limpando banheiros podres para me sustentar... Até que um dia ela pegou pneumonia e não pôde ir trabalhar... então a demitiram injustamente e ficamos por quase dois anos passando fome, e correndo o risco de sermos despejadas por não ter dinheiro para o aluguel.

— Pensando bem a sua história de vida é bem triste — Sorrio. — Infelizmente nem todos nasceram para ter dinheiro.

— Sr. Teles, a reunião já está começando — avisa minha secretária do outro lado da porta.

— Antes de ir embora passe na mesa da minha secretária e pegue o cheque — Mando, levantando-me. — Outra coisa. Em hipótese nenhuma conte a Max ou a Lara que você sempre foi uma farsa criada por mim.

— Seu...

— Se eu descobrir que você abriu a boca acabo com a vida da sua mãe, e com a do seu ex-namoradinho, logo depois te deixo sem emprego, casa e reputação, se é que existe uma — Passo por ela, mas antes seguro firme em seu rosto para que me encare. — Posso ser pior do que possa imaginar, menina.

— Claro que sim — responde-me, engolindo em seco.

— Se Max te procurar diga que nunca o amou e que está esperando um filho do homem que sempre amou — incentivo. — Ah, o machuque bastante! Diga que ele é um homem asqueroso, grudento que jamais o amaria.

— Não posso fazer isso — diz Thais.

— Diga a ele que nenhuma mulher seria capaz de amá-lo, e que Lara só está ao lado dele porque o vê dando amor ao pequeno Lipe — acrescento, sorrindo. — Captou tudo ou quer que eu desenhe?

— Entendi... — ela balbucia, então só assim saio satisfeito para ir à reunião na empresa.



LARA MORAES

Quando completei 13 anos comecei a desconfiar de Marcos e Olga, eles me tratavam mal, meu tio nem tanto, mas parecia que a esposa dele me abominava duramente. A cada passo dando por mim era um julgamento vindo de Olga, qualquer coisa que eu fizesse que não lhe agradasse era motivo de discussão e intrigas, e todas as vezes eu saía como ruim, a ingrata. Recordo-me de uma vez que Olga mentiu para mim, pediu-me para ir ao escritório de Marcos pegar uma caixa de joias que havia esquecido lá dentro, como uma boba fui, deixei-me levar pelo seu sorriso supostamente carinhoso e fui à procura do objeto, porém, deparei-me com uma caixa de sapato cheia de fotos, nelas continham imagens minhas quando bebê ao lado de Marcos, na outra era uma mulher ruiva que se parecia um pouco comigo que sorria lindamente enquanto encarava a barriga enorme, porém, meu encanto acabou quando meu tio se deparou comigo no seu ambiente de trabalho, jamais

esquecerei da sua reação bruta.

Minhas mãos tremiam enquanto Marcos me encarava raivosamente, trêmula tentei explicar o porquê de estar ali, mas não consegui extrair nenhum som, para o meu azar.

— Por que está com essa caixa nas mãos, sua enxerida? — ele grita, fazendo-me arregalar os olhos. — Me responda!

— E... eu... e... eu — da minha boca não saía nada com nada.

— Lara, me responda agora ou ficará de castigo até o fim do mês! — Urra Marcos, aproximando-se. — Como descobriu essa caixa? Quem te deu permissão para pegá-la?

— Não peguei... Tio! — exclamo, querendo chorar. — Tia Olga me pediu para fazer um favor para ela... e eu não achei problema algum fazê-lo.

— Você não parece estar mentindo — murmura incerto. — O que Olga falou para você, menina?

— Disse que havia deixado sua caixinha de joias aqui dentro e como estava ocupada era para eu vir pegar para ela — revelo, amedrontada.

— Olga, pare de escutar atrás da porta e venha até aqui — Assusto-me ao ouvir Marcos pronunciar rudemente.

— O que houve, amor? — Inquire a mulher, lançando-me um olhar ameaçador ao entrar no cômodo.

— Me responda uma coisa — pede ele. — Por que tirou a caixa do

meu cofre e a deixou jogada?

— Eu não faria isso! Nem sabia que estava em seu cofre, querido — A mulher pisca os cílios e sorri falsamente.

— Odeio mentiras. Você sabe disso — Pondera Marcos, secamente. — Lara não mentiria.

— Está defendendo essa fedelha? Você sabe que ela mexe em tudo! Desde pequena é uma intrusa... Desde que nasceu! — grita Olga. — Maldita hora que eu aceitei criar essa órfã! Filha de outra mulher...

— Retire tudo o que disse agora — ordena Marcos.

— O quê? — ela pergunta, chorosa. Observo silenciosamente a discussão.

— Tenho sérios problemas em repetir a mesma coisa, querida — ele sustenta firmeza na voz, então decido intervir, não desejo ser a culpada de uma briga.

— Parem já! — acabo gritando mais alto do que imaginei.

— Lara, vá para o seu quarto — Manda Marcos. — Só saia de lá quando eu te chamar.

— Tudo bem — sussurro.

— Me dê isso — ele pede e eu fico sem entender. — A foto.

— Mas..., mas... é minha — Sou interrompida.

— *Não é nada sua, agora vá — concordo, querendo chorar.*

Um toque quente em meus ombros me faz despertar das lembranças ruins, forço um sorriso e limpo os vestígios de lágrimas, não queria que me vissem assim, não no primeiro dia de aula de Lipe, ele estava tão feliz, e eu realizada.

— Você está tão calada — sussurra Max, no meu ouvido.

— Não é nada de importante — Minto, fechando os olhos ao sentir a sua respiração quente.

— Eu sei que é um assunto particular seu, mas odeio ver esses lindos olhos tristes — revela Max, fazendo-me sorrir.

— Só foram lembranças, nada demais — Comento. — Quando iremos? Estou ansiosa.

— Quando o nosso menino aprender a amarrar um cadarço sem se atrapalhar — brinca ele e eu gargalho ao me virar para encará-lo. — Ajude-o, enquanto isso eu vou ajeitar algumas coisas na valise para levar.

— Como quiser — Dou ênfase antes de pegar em sua gravata e puxá-lo para perto. — Não está esquecendo de algo, querido? — provoco.

— Estou? — Ele ergue a sobrancelha divertido.

— E como está, Sr. Prado — faço bico.

— Tenho uma memória fraca, pode me fazer lembrar o que é? — Olho para a cara sonsa do meu amigo e namorado, e em seguida sorrio.

— Claro, será uma honra — Passo as mãos no rosto de Max, e de repente me emociono, porém, não choro, mas o coração palpita violentamente. Silenciosamente tratei de levar minhas mãos em sua nuca e ali acariciei, logo após senti um toque afetuoso em minha cintura, então uma troca de olhar me fez saber que ao lado do homem que amo estarei segura sempre. Vagarosamente Max sela seus lábios aos meus, só assim soube que os sentimentos mais fortes que possa existir estavam concentrados em nós. Ansiosa pelo toque mais intenso, acabei gemendo quando ele penetrou a língua em minha boca, sem demora o correspon-di. Ofego ao perceber a maneira quente e habilidosa que Max me beija, seus lábios se fundem com perfeição aos meus, e só precisou disso para que eu tivesse certeza que nunca mais deixaria Max Prado ir embora da minha vida.

— Eu te amo — sussurra ele, já me dando selinhos.

— Também te amo — Correspon-do.

— Estamos bastantes atrasados minha ruiva.

— Com toda certeza — Afasto-me do seu toque vicioso.

— Mãe, eu já disse que não gosto de gravatas! — Lipe inicia um protesto veemente quando entra no mesmo cômodo que eu e Max estamos, procuro disfarçar para que ele não note que acabara de acontecer. — Fala para ela, tio! Por favor, convence a minha mãe que eu fico lindo até sem essas roupas feias.

Max encara meu filho, chocado. Deve estar se perguntando de onde sai tantas palavras concretas.

— Isso é assunto seu e da sua mãe — fala Max, levantando as mãos em modo de rendição. — Falando nisso, eu vou pegar algo que esqueci, se quiser podem esperar lá fora.

— Vamos, já estamos de saída — aviso, antes de apertar as bochechas do meu ruivinho, e em seguida beijá-las. Apresso meus passos e sigo em direção à sala e pego a mochila de Lipe, logo atrás de mim ele vem seguindo meus passos.

— O seu lanche está na parte do meio da mochila — concluo, ao pôr minha bolsa no braço.

— Entendido, senhora!

— Esse é meu garoto! — Pisco para ele, que sorri.

— Mãe, a senhora e meu tio estão namorando de verdade? — Engasgo com a pergunta inesperada de Lipe.

— O que... de onde tirou isso? — pergunto, tentando tomar fôlego.

— Estão ou não? — Lipe insiste apertando os olhinhos claros.

— O senhor é muito novo ainda para se envolver nesses assuntos, agora ponha a mochila nas costas e vamos — falo, vendo-o concordar por fim e caminhar até a saída.



MAX PRADO

Antes de sair de casa liguei para minha mãe para saber como ela e minha avó estavam, Nic me disse que as duas estavam bem e que sentiam a minha falta, em seguida prometi que em breve estaria de volta, satisfeita com minha promessa Nicole me disse que soube que finalmente Lara e eu havíamos nos acertado, não nego que me surpreendi ao ouvir suas palavras. Nunca imaginei que minha mãe me apoiaria, não que ela algum dia se impusesse em minhas decisões, mas me surpreendi por tê-la ouvido dizer que me abençoava e era para eu deixar meu coração me guiar, e que se Lara era a mulher que eu amava, de verdade, era com ela que eu deveria ficar.

— Lipe, vamos! Seu tio e eu precisamos chegar ao trabalho hoje! — exclama minha ruiva, com as mãos na cintura enquanto espera nosso pequeno aparecer para que possamos deixá-lo na escola e depois disso iremos diretamente para empresa, porque hoje Miguel e eu iremos passar uma proposta para os nossos investidores.

— Estou terminado de ajeitar minha gravata, mãe! A senhora disse que fico lindo nela — a resposta de Felipe me fez rir, porém, com esse ato acabei

levando uma almofadada no rosto.

— Não ria, Max! Ele só está usando gravatas porque a professora o elogiou no primeiro dia de aula! — reclama Lara, emburrada. Ainda sorrindo me aproximando dela e rodeio meus braços na sua cintura, logo após beijo a curva do seu pescoço.

— Que mulher cheirosa eu tenho — sussurro, sentindo-a tremer com meu toque carinhoso.

— Parece que você ama me provocar em momentos constrangedores como esse — ela murmura, virando-se para mim e sorrindo.

— Eu sei que você gosta — provoco. — Admita — levo minha mão em seu rosto e acaricio.

— O que ganho com isso? — ela devolve a provocação.

— Pode ganhar o que quiser...

— Quero um beijo — sussurra, roçando os lábios aos meus e em seguida me beijando. A boca dela é tão macia e quente que me faz querer tomá-la nos braços e levá-la para meu quarto e fazer amor com ela até que saia dos seus lábios um belo “eu te amo”. Quando nossos lábios se encostam eu reprimi meu gemido para que Lipe não entrasse na sala e se deparasse com a cena. Eu conseguia sentir a nossa conexão, Lara e eu formávamos um par perfeito, por mais que nos conhecêssemos há anos parecia que um dia após o outro, jamais seria suficiente para os nossos sentimentos, que por muito tempo escondemos, mas agora estamos procurando recuperar aquilo que perdemos de viver no passado, porém, não vou criticar porque Deus escreve certo por linhas tortas.



— Senhores, espero que possam pensar melhor com relação a nossa proposta — Miguel e eu estávamos encerrando uma reunião quando começamos a ouvir gritos vindo do lado de fora, no corredor.

— Eu preciso falar com ele!

— O Sr. Prado está em uma reunião importante, Srta. Freitas — protesta Aline, minha secretária.

O que Thais fazia em Porto Vermelho? Há dois dias eu havia lhe ligado para conversar melhor e pedir perdão pelo nosso término, mas ela agiu com muita estranheza, simplesmente disse "tudo bem" e logo após desligou na minha cara. Compreendo que foi repentino demais o fim do nosso relacionamento de alguns anos, porém, desde o início tivemos a consciência de um namoro aberto e sem muitas cobranças, afinal tínhamos confiança um no outro.

— Não é a sua namorada? — Cochicha meu sócio.

— Ex-namorada. Thais e eu não temos mais nada — respondo. — Senhores, me perdoem pela agitação, mas tenho que me retirar agora.

— Pode ir lá, eu resolvo as coisas por aqui — Miguel me tranquiliza, e eu concordo. Disfarçadamente me afasto dos investidores e caminho em direção à saída.

— O que está acontecendo aqui? — pergunto, indo diretamente ao que me interessa.

— Olá, Max... Eu preciso falar com você — fala Thais, em baixo tom. — É importante — Balanço a cabeça concordando.

— Me acompanhe até a minha sala — peço, e ela não nega. — Aline, não deixe que ninguém nos interfira — aviso.

— Sim, senhor — diz Aline. — Com licença — quando Aline se afasta de nós, eu passo na frente de Thais e sigo para minha sala. Essa conversa deveria ser breve porque marquei com Lara para almoçar com ela.

— Soube que não esperou nem um segundo para se envolver com a sua suposta melhor amiga — O tom magoado de Thais denunciava algo, mas sua voz embargada me fazia esquecer qualquer pensamento oposto.

— Por favor, Thais — murmuro, empurrando a porta e entrando na minha sala.

— Ela também trabalha aqui, não é? — Ela sorri, ao se sentar afastada de mim.

— Sim. Mas o que você quer? — Inquiro.

— Vai ficar me tratando com indiferença? Acha que anos de relacionamento são dias? — Thais pergunta, sem esconder a raiva.

— Sou um homem adulto e não um moleque, Thais, eu já lhe disse — retruco. — O que tínhamos para resolver já foi resolvido, e Lara não tem culpa alguma, eu decidi dar um fim ao nosso namoro.

— Para ficar com ela! — a mulher exclama alterada. — Há quanto tempo estão tendo um caso pelas minhas costas?

— Lara não é desse tipo — lembro-a.

— O único culpado aqui sou eu, não tive capacidade para determinar de verdade a mulher que eu queria viver o resto da minha vida.

— Suas palavras são tão duras que me fazem querer chorar, Max — sussurra Thais, encarando-me com os olhos cheios de lágrimas.

— Não quero te machucar, Thais... Eu nunca tive a intenção — suspiro. — Só estou sendo sincero. Você gostaria que eu mentisse para você? Acha mesmo que se eu fosse um canalha eu terminaria com você para ficar com ela, seria mais fácil ficar com as duas, não é?

— Max... — ela gagueja.

— Não, eu não aceito que venha no meu trabalho me coagir e me acusar sem provas! Sim, eu errei em ter escondido meus sentimentos sobre Lara, mas não foi proposital — digo, tentando ficar calmo. — Me diga. O que quer de mim?

— Nem eu sei... — Ela passa a língua nos lábios e depois engole em seco ao desviar os olhos dos meus. — Me perdoa... Droga, eu aguentei isso por muito tempo.

— O que está te deixando perturbada? — Aproximo-me e Thais se assusta.

— Eu menti para você — ela sussurra. — Nunca fui o que você pensou.

— Me explique melhor — digo, já sério.

— Estou grávida, Max — Thais solta, deixando-me paralisado.

— V... V... Você está o quê? — Gaguejando, eu cambaleio para trás.

— Grávida — Repete, entre soluços. — Me perdoe por isso e outras coisas.

— O que eu fiz? — Levo as mãos na cabeça desesperado. — Quando isso aconteceu? Tem pouco tempo que a gente... E sempre usávamos proteção.

— O filho não é seu — Gelo com a informação brusca da minha ex. — Ele é do meu ex — A última frase sai cortada.

— Como assim? — Rio secamente ao encará-la. — Você me traiu. É isso?

— Sim. Eu te traí... Foi um momento... — Não a deixo completar as palavras.

— Existe até momentos para trair? — pergunto.

— Max, faz alguns dias que você e o nosso relacionamento não existe mais — ela diz o óbvio. — Eu queria lhe contar, mas algo muito sério me impedia de fazer isso.

— O que de tão sério poderia impedi-la de me contar que mantinha vínculos com seu ex? — Inquiro, ao perceber que sempre estive enganado.

— Tem alguém... — diz, trêmula.

— Certo. E o que esse alguém tem a ver com essa história?

— O Marcos... — Confuso eu peço silêncio ao erguer a mão para que pare de falar.

— Max, eu consegui resolver aquele assunto na escola do Lipe... — Lara para de falar assim que vê Thais dentro da sala. De olhos arregalados minha ruiva sorri envergonhada e recua, dando passos para trás. — Me perdoem. Max, eu não sabia que estava ocupado.

— Não, tudo bem — suspiro. — Você não incomoda. A Thais estava...

— Contando que estou grávida — Thais toma à frente e responde por mim.

— G... Grávida? — Lara sorri meio perdida. — Meus parabéns! — Sua voz sai melancólica.

— Não se preocupe, Lara — Thais lhe assegura. — Não é de Max. Vim a Porto Vermelho para esclarecer algumas pendências.

— Não estou entendendo nada — Lara sussurra, chocada.

— Depois te explico — Devolvo no mesmo tom.

— Posso pedir um favor a vocês? — Thais volta a ter nossa atenção.

— Por favor — diz Lara, ainda estática.

— Não confiem no Marcos — pede Thais. Ela tinha conhecimento do Marcos? Desde quando falava desse homem com tanta certeza e raiva?

— Marcos... O meu tio? — Lara pergunta, estranhando.

— Sim — Thais assente. — Não posso dizer tudo porque tenho medo do que ele possa fazer, mas preciso que vocês confiem em mim... Por mais que seja estranho o que estou fazendo e falando. Confiem em mim.

— Você está me deixando assustada — Lara avisa, preocupada. — O que meu tio fez? Ele te procurou? Te fez algo de ruim?

— Vindo aqui estou pondo a vida das pessoas que amo em risco..., mas ao descobrir que serei mãe — Thais respira profundamente e depois me olha como se estivesse pedindo perdão, mais uma vez. — Tudo mudou... Não sei, mas acho que o medo está me dominando tanto que não tenho para aonde correr se não te pedir ajuda, Max.

— Thais, para eu te ajudar preciso saber o que Marcos tem a ver com você. O que ele fez? — pergunto.

— Você sabe do problema de saúde da minha mãe — Balanço a cabeça concordando, em seguida olho para Lara que está encostada na parede com o rosto pálido. — Eu menti..., mas não sobre ela. Menti quando não te contei a verdade, Max.

— Sem rodeios, por favor — peço, impaciente.

— Quem pagou esse tempo todo o tratamento da minha mãe não foi a empresa que trabalhei, foi Marcos Teles — a revelação da minha ex-namorada me deixa abalado.

— E por que ele faria isso? — Lara se manifesta, intrigada. — Marcos não é uma pessoa boa. O que ele te pediu em troca?

— Vou chegar lá — diz Thais. — Em troca ele me pediu para que eu me aproximasse do Max e tentasse deixá-lo mais longe possível de você.

Enquanto eu conhecia Thais tão bem, ela não sabia nem a metade sobre mim. Só precisou que eu olhasse em seus olhos e ficasse calado para que ela tremesse e continuasse a narrar sua história.

— Continue — murmuro, sem expressão alguma.

— Claro — Thais aceita, voltando a falar onde parou.

— “Desde o início Marcos sabia que, dê alguma maneira vocês dois tinham sentimentos recíprocos pelo outro, mas ele sendo podre como é me contratou para separá-los, antes que algum dos dois chegassem a conseguir se declarar, para Marcos um empecilho entre ambos seria perfeito para seus planos. No começo eu não tive escolha... Minha mãe era, quer dizer, ainda é doente e, com o que eu ganhava não dava nem para pagar seus remédios, quem dirá seu tratamento. Então em uma reunião seu tio me viu, Lara, ele estava para fechar negócios com meu chefe, e em seguida vi aquele homem elegante se aproximando de mim e me perguntando que cargo eu exercia na empresa do Sr. Ruiz, até achei que conseguiria alguma posição boa dentro da empresa para que assim pudesse cuidar melhor da única pessoa que tenho na minha vida e que me ama mais que tudo.

“Não nego que também sou culpada por ter entrado na história de vocês dois... Admito que esse tempo todo fingi que nunca conheci Lara de perto, na verdade, Marcos já tinha me passado quase tudo sobre a sobrinha antes que eu tentasse investir em você, Max. Marcos fez muito estrago e eu o ajudei, me sinto culpada e amedrontada também. Entrei no jogo daquele homem moribundo e agora estou sendo ameaçada. Para iniciar meu trabalho tive que abrir mão do meu namorado, era isso ou não teria como sustentar minha mãe e colocá-la em uma clínica boa para que pudesse se tratar.”

— Já chega — ordeno, secamente. — Eu preciso pensar no que acabou de *falar*.

— Max, por favor! Eu vim aqui te implorar por ajuda — Thais começa a chorar. — Eu sei que as pessoas não mudam da noite para o dia, mas eu estou tentando pelo meu filho... Pelo amor de Deus, me ouça, tente me entender.

— Você não poderia ter sido simplesmente sincera comigo, droga?! — Grito, alterando-me. — Que mal te fiz para que se aproximasse de mim e me usasse em troca de dinheiro?

— Como se você estive se importando para isso! Afinal a única pessoa

que é importante para você é a Lara! Por ela, você move montanhas — minha ex rebate, e Lara se comove com a cena.

— Max, escute ela — Lara pede, séria. — Por favor, estou te pedindo.

— Isso é uma merda... Não tenho cabeça para ouvir mais nada — suspiro.

— A escute agora ou eu saio por essa porta e não volto mais — Lara ameaça me deixando surpreso, não só eu, mas a Thais também que respira aliviada.

— Por que a defende? — Inquiro, perturbado.

— Não se esqueça que também sou mãe, — diz Lara, com a voz embargada. — Quando a mulher se torna mãe ela é capaz de tudo pelo filho, ela enfrenta fome, frio, humilhações e até mesmo o perigo para proteger a cria... Por anos vivi aprisionada às escolhas do meu tio para que Lipe pudesse ter um lar e quando acordasse pela manhã tivesse o que comer e, quando chegasse à noite tivesse uma cama macia com lençóis limpos para dormir.

— Me desculpe, estas revelações estão sendo duras para mim, eu confiei nela — falo. Balançando a cabeça Lara pede silêncio com apenas um olhar.

— Talvez as pessoas me achassem sonsa, falsa ou que gosto de me fazer de coitadinha na frente daqueles que estão ao meu redor, mas quando se está de fora da situação não sabe o que é ter esse sentimento, — minha ruiva engole em seco, e deixa as lágrimas caírem — Então jamais me entenderá, por causa disso peço que ouça a Thais... E antes de qualquer coisa não esqueça que dentro de você existe um bom coração e não esse homem gelado que está tentando demonstrar.

— Nunca pensei que fosse me defender — diz Thais ainda não acreditando na firmeza de Lara.

— Não estou te defendendo, só tenho consciência, e sei que estamos lutando pela mesma causa — fala Lara a encarando dessa vez.

— Pela primeira vez, sim — minha ex-concorda, com os olhos avermelhados. — Pode me ouvir agora, Max?

— Claro — respondo. — Só vou pedir a Aline que peça dois almoços para Lara e eu — informo a contragosto. Marcos que me aguardasse, faltava pouco para que Romeu me entregasse o restante do dossiê sobre as suas sujeiras. Dessa ele não escaparia, e em breve Lara saberia o que seu tio era de verdade. Chega de Marcos Teles fazendo as pessoas de marionete.



MAX PRADO

Após tantos rodeios finalmente Thais contou todos os planos de Marcos e Olga direcionados para mim e Lara, mas quem mais tinha parcelas de culpa era o velho, que estava a ameaçando pelo fato de eu ter terminado nosso relacionamento, um que agora aos meus olhos nunca existiu, pois fui cegamente feito de trouxa. Ao ter ouvido tudo que Thais tinha para dizer eu a mandei ficar tranquila e tentar enrolar Marcos até que eu pudesse dar um jeito nele, prometi que a ajudaria no que fosse possível, e que ele não iria fazer mal a ela e nem a sua mãe, por mais que fosse complicado me envolver nisso, eu faria, por ser um homem de palavra. Depois de muitos pedidos de perdão e lágrimas me vi um pouco convencido da “inocência” da minha ex, mas não significava que eu havia a perdoado pela traição e mentiras que construiu ao nosso redor durante esses tempos que estivemos juntos.

— Não estou no clima...

— É a primeira vez que ficamos assim — falo, beijando o ombro dela.
— Não gosto desse clima pesado entre a gente.

— Não, não é bem assim — ela se defende. — Só que esses acontecimentos estão me pegando de surpresa, aos poucos estou enxergando *o monstro* que meu tio sempre foi — já passava das 10h, mas mesmo cansados, Lara e eu, estávamos na sala conversando, e Felipe já dormia há algumas horas, hoje nos disse que havia feito esporte na aula de educação física. Assim que chegamos a casa Lara o pôs para tomar banho, deu café e o colocou para ir dormir.

— Está certa — suspiro vencido pela sua insistência. — Pedi a Thais que viesse amanhã aqui, para que possamos conversar melhor.

— Posso te perguntar uma coisa? — Lara me olha com os olhos curiosos e eu tenho vontade de sorrir com seu ato.

— Claro.

— Como se sentiu quando Thais disse que o filho não era seu? — Inquire.

— Meu primeiro pensamento foi egoísta — confesso. — No fundo, mesmo não sabendo a verdade ainda, eu desejei que o bebê não fosse meu.

— Por quê? — ela engole em seco.

— Meu coração ficou apertado com as declarações da Thais... Primeiro porque nunca havíamos planejado de uma maneira direta ter filhos — falo, em baixo tom. — Segundo... Meu lado egoísta só pensou em você... Em nós dois.

— Max, entenda uma coisa — pede. — Se essa criança fosse sua nada mudaria em nossas vidas, independentemente de qualquer coisa nos amamos, isso é um fato, porém, eu nunca deixaria que abrisse mão de um ser inocente por egoísmo ou medo de me perder.

— Você é tão perfeita — confesso, envergonhado.

— Estou longe de ser — Ela balança a cabeça discordando. — Só estou sendo pelo certo...

A campanha toca no momento exato que eu havia combinado, faço-me de confuso, em seguida olho para Lara e depois vou atender a porta, ela jamais imaginaria o que tem atrás dela.

— Quem deve ser a uma hora dessas? — murmura Lara, estranhando. Faz dias que planejo algo decente para nós dois, espero que dê certo.

— Vou ver agora — Minto, escondendo o sorriso.

— Vou dar uma olhada no Lipe, não demoro — diz ela, como se quisesse fugir ao sair em disparada no corredor que dá para os quartos.

— Sr. Prado? Entrega para o senhor! — exclama o rapaz baixo com a farda da empresa que contarei o serviço.

— Sou eu. Obrigado por atender meu pedido tão tarde assim — agradeço. — Mas antes tome aqui um bônus pelo seu serviço — digo ao puxar as notas do meu bolso.

— Imagina, senhor! Nosso prazer é atender com excelência nossos melhores clientes — fala ele, entregando-me as sacolas e o buquê de flores.

— Mais uma vez obrigado — Assentindo com a cabeça o rapaz me dá as costas e segue até o elevador. Ao perceber que Lara demora aproveito a oportunidade para arrumar tudo antes que ela possa notar o que ando aprontando. Preciso dizer ou melhor, mostrar a ela o quanto a desejo e a quero bem.

Na sacola continha uma caixa com pétalas brancas, para decorar o chão, queria que se sentisse uma princesa pisando em nuvens, uma dúzia de velas aromatizadas com fragrância de lavanda e jasmim, e um lindo buquê de rosas azuis, as preferidas de Lara na época da faculdade.

Rapidamente tiro os itens das sacolas, apoio o buquê no sofá, logo após pego a caixa com pétalas e as espalho pelo chão da sala, e faço um caminho de velas até a porta do corredor para quando ela voltar.

— Sou péssimo *nessas coisas* — Começo a suar nas mãos.

— Tadinho do Lipe, ele continua dormindo, parece que ele foi atropelado por um caminhão... — O som da voz da minha namorada some assim que nota o que está acontecendo. Lara com olhos arregalados e cintilando, posso jurar que eram lágrimas gritando para escorrer. Corro até o buquê e o pego, logo o estendo para que ela venha até mim.

— São para você, meu amor. Espero que ainda goste de rosas azuis — digo com receio do que ela pode vir a responder, sei lá, sinto-me um adolescente tentando conquistar a namoradinha, apesar de que quando se trata dela eu me torno qualquer coisa. Eu deveria ser mais maduro, mas como aprende isso depois de tanto tempo fingindo ser melhor amigo do amor da sua vida?

— Max... Max... Nossa nem sei o que falar — sussurra minha ruiva linda, com as mãos na boca e rindo baixinho.

— Diz que aceita o buquê ao menos? — peço nervoso, e ela vem até mim.

— Obrigada... Você realmente não existe — Encaro seus lindos olhos castanho-esverdeados. — Sabe o quanto eu amo rosas azuis, e sei que é bem difícil de achar nessa região, como conseguiu essas proezas?

— Por você, eu iria até ao infinito para encontrar o que fosse possível para ver esse lindo sorriso nos seus lábios — declaro.

Abraçando-me apertado, Lara respira tão profundamente que posso jurar que ela estava pensando o mesmo que eu, o que fazer após um abraço. Bem devagar ela foi desfazendo o abraço e nossos rostos se aproximaram o suficiente para que eu desse nela um beijo terno que foi afastado com delicadeza e olhares confusos, e agora a iniciativa foi dela me puxar pra si me dando um beijo mais intenso.

Era possível sentir todo amor que a mulher da minha vida guardou por tanto tempo. O beijo de Lara era quente, ardente, intenso e apaixonante, parecia ter sede do calor que emanava dos meus lábios, eu não tinha nada mais a fazer, a não ser retribuir toda essa onda intensa de sentimentos que nos pairava.

Minha mão estava sobre sua cintura, ela colocou a dela em minha nuca puxando cada vez mais para si os meus lábios, uma mão tão suave e macia passava pelos meu corpo e entre lábios ela disse baixinho.

— Você é o homem mais incrível que conheci em toda a minha vida — dou um breve sorriso e ela retribui. Sentia meu coração saindo pela boca de tanta agitação. Só pensava em beijar cada vez mais, sempre quis ter essa liberdade e agora não deixaria passar a oportunidade de tê-la em meus braços, e fazê-la minha mulher na cama.

Já sentia minha ereção dar sinal, de leve Lara trouxe as suas mãos até meu abdômen, aumentando a tensão que eu sentia dentro das calças, sem desgrudar nossos lábios ela desceu mais um pouco e tocou sobre a calça meu pau, que me fez vibrar de excitação, o sentia latejar de tanta excitação, minha ruiva o acariciava de leve e com cautela, parecia estudar o que estava fazendo.

O tesão era grande demais para esperar o próximo ato de Lara, puxo-a pela bunda para encostar sobre meu corpo mais um pouco, sentido a sua pele em minhas mãos, a suspendendo em minha cintura, surpreendendo-a com o aperto de minhas mãos, sentamos no sofá e ela sobre mim, ainda explorando cada parte da minha boca. Eu com o prazer de apalpar todo seu corpo sobre o tecido fino de sua camisola, com ousadia subo o tecido até sua cabeça e o jogo atrás do sofá, dando livre acesso aos seus seios lindos e empinados que pediam para que os beijasse, sem demorar os tomo para mim, os chupo com voracidade dando leves mordidas e massageando o outro. *Sua pele macia e seu perfume suave estavam me levando à beira da loucura.*

— Por que demoramos tanto tempo? — sussurrando, ela pergunta, entre os dentes com um ar de prazer.

— Também gostaria de saber, querida — falo, com muito tesão. — Mas agora gostaria muito de provar mais de você.

— E o que está esperando? — desafia-me, porém, paro assim que lembro do nosso menino lá no quarto.

— E o Lipe? Tem chances de ele entrar na sala e nos ver? — Inquirio

preocupado.

— Não... Eu sei que ele não vai acordar mais hoje, está muito cansando... E, também encostei a porta, caso ele saia ouviremos daqui — confessa, olhando-me vidrada.

Engolindo em seco e concordando, eu abro o zíper da calça sem tirá-la do meu colo, posso sentir o calor que Lara emanava entre as pernas.

— Tem certeza? — pergunto, já tocando no tecido da sua calcinha fina.

— Preciso de você — diz saindo do meu colo e em seguida desce sem vergonha alguma, o tecido que cobria a sua intimidade até o chão, me dando um vislumbre do paraíso que tanto sonhei em conhecer. — Desejo ser sua, Max.

— E eu desejo tomá-la para mim — devolvo com um tom carregado de desejo ao puxá-la para meu colo. Já com meu pau para fora o roço na entrada molhada e quente de Lara, que tem o corpo entregue. Vagarosamente entro nela, sentindo as paredes se apertarem em meu membro, suspiro em puro deleite. — Sou todo seu, *meu amor* — sussurro, em seu ouvido.

Pegando o ritmo, subindo e descendo ela se movimentava, enquanto isso apoio minhas mãos em sua bunda para ajudar no movimento, era a sensação mais deliciosa que já havia experimentado na vida, que mulher gostosa. Domado pelo prazer, com uma mão pego no pescoço de Lara e faço com que ela o vire para o lado para que eu possa ter total acesso, sem demora raspo meu nariz na sua pele molhadinha pelo suor.

Seu corpo é tão cheiroso, seus olhos são como estrelas, não paravam de brilhar, essa sempre foi a mulher dos meus sonhos, que agora tenho em meu colo gemendo deliciosamente.

— Oh... Max... — Minha gatinha geme baixo.

— Eu não sei, mas não quero perder mais nenhum segundo sem você — Lara conserva o movimento de vai e vem no meu pau, meio cansada me abraça, descendo uma trilha de beijos no meu pescoço, deixando-me ainda

mais louco pelo seu toque.

— Sempre imaginei estar com você assim — revelo, movimento-me calmamente dentro dela. — Mas nunca pensei que iria além do que idealizei... Lara, eu amo você, quero construir uma família ao seu lado e com seu filho.

Com cara de surpresa ela me encara sorrindo e com os olhos cheios de lágrimas, porém não me responde nada, prefere continuar com os movimentos. Inverto as posições, a jogo sobre o sofá e me mantenho por cima dela, encarando seus lindos olhos, neles vejo uma mulher que jamais notei, ela é plena, completa e estonteante.

— Eu aceito estar ao seu lado... e construir uma *família* — sussurra, com a boca entreaberta quando o clímax nos atinge. Aos poucos encontraríamos o caminho da felicidade, só o que me bastava era ser sincero com ela e lhe contar tudo sobre a sua verdadeira origem.



MARCOS TELES

Ainda me lembro como se fosse hoje, quando vi a Ana pela primeira vez em minha casa, de cara me apaixonei pelo seu sorriso tímido e olhar iluminado, quando eu ouvia meu irmão Gabriel só falando na namorada que tinha arrumado nunca criei interesse, sempre achei que era uma garota feia, desleixada e do mesmo meio dele, de nerds da faculdade, por isso jamais levei a sério esse relacionamento. Mas, em um dia inesperado Gabriel decidiu levá-la sem nos avisar, a levou para apresentar aos nossos pais, nesse dia passei o dia todo admirando-a, apesar de saber que ela era comprometida com meu irmão, foi inevitável não a notar, foi inevitável não a querer para mim.

Gabriel desde sempre fora um cara inocente, o irmão que fazia tudo para o bem das pessoas, mas eu nunca consegui ser o bobo da corte, a minha vida fui o vilão, egoísta e calculista, quando queria algo lutava até conseguir para mim, poderia estar a milhares de quilômetros, mas eu conseguia. Da mesma forma aconteceu com Ana, eu a seduzi aos poucos, fiz-me de bom moço por meses, fui um cunhado atencioso, doei-me por inteiro quando meu irmão saía para a faculdade à noite e deixava a namorada aos meus cuidados, esse foi o erro dele, ter me deixado com a linda ruiva de sorrisos tímidos.

Após tantos meses conquistando a confiança da ruiva por fim consegui alcançar meus objetivos, foram nove meses para que Ana me cedesse um beijo, aproveitei-me da sua fragilidade quando Gabriel deixou a ex o beijá-lo na festa do aniversário de um amigo nosso, nesse dia parecia que tudo estava ao meu favor, houve até um temporal, que me favoreceu muito, no final da noite fui o cara que Ana escolheu para deixá-la em casa, só precisei disso para invadir o campo minado e fazer meu gol.

Conforme o tempo foi passando comecei *a beirar* Ana, só que ela sempre se afastava de mim, dizia que o nosso beijo havia sido um erro, eu ria quando a garota me olhou com os olhos arregalados quando me ajoelhei e pedi para que me perdoasse, e disse que já estava apaixonado e a culpada era ela por ser linda e meiga, minha encenação tinha sido perfeita, até acreditei que era verdade, as aulas de teatro na faculdade me fizeram bem. Depois de ter se passado um ano lutando para ter meu desafio em mãos, por fim a garota cedeu, não perdi tempo e a levei para cama, fiz coisas com ela que o meu irmão nunca faria, falo que nunca faria porque Gabriel era um cara recatado demais para ser um delinquente.

Ana conseguiu duas coisas com os irmãos Teles: Um namorado bobo que a amava e, por outro lado um amante que a idolatrava na cama e a deixava ter sensações quentes e picantes. Foram anos fazendo a namorada do meu irmão de troféu, mas as escondidas, até que um dia eu comecei a sentir ciúmes do relacionamento deles, fiquei louco ao saber que Gabriel pretendia se casar com Ana, na mesma noite invadi o quarto em que nossos pais a hospedavam em nossa casa e gritei com ela, a ameacei, falei que se cassasse com meu irmão iria se arrepender, porque Gabriel nunca seria capaz de lhe dar o que eu poderia em poucos minutos, só que bastou essas palavras para que eu percebesse que o perdedor naquele jogo, que eu mesmo criei era eu, me vi apaixonado e obcecado pela mulher que seduzi e achei que fosse apenas uma garota boba.

No final não houve um final feliz para mim, depois de dois anos nossas vidas mudaram, ela o escolheu, e eu fui deixado para trás, perdi meu mundo quando descobri a gravidez da mulher que eu amava. Foi então que Lara Moraes nasceu, em 1990, aquela criança havia sido reconhecida como minha sobrinha, mas, na verdade, eu era o seu pai, infelizmente só soube da minha

paternidade em seu nascimento, porém, por ter feito muita burrada não me arrisquei em pedir para assumir minhas obrigações como pai, e também não deixaria meu irmão mais manchado do que já estava na sociedade. Gabriel infelizmente descobriu meu caso com Ana e ficou revoltado, numa tarde de domingo bebeu como se fosse a última vez, em seguida me esmurrou e correu para a garagem, logo após só ouvi os pneus cantando na estrada, mas perdi meu chão quando vi os cabelos de fogo através dos vidros do carro, tentei ir atrás deles, mas tive que recuar ao ouvir o choro de uma certa criança, fiquei com pena e decidi cuidar da menina, só que esse meu ato me fez perder as duas pessoas que eu amava e odiava: Ana e Gabriel. Eles se foram por causa de um acidente de carro, meu irmão morreu sem me perdoar e Ana me odiava por tudo que a fiz passar.

— Vai mesmo insistir nessa história? — pergunta a víbora da minha esposa.

— Não se envolva nas minhas coisas — falo saindo e a deixando falar sozinha, porém, a megera me segue.

— Essa culpa que você leva no coração ainda vai te matar — diz ela.

— Eu morri no dia que eles se foram — Acabo deixando sair.

— Nunca imaginei que ouviria isso saindo da sua boca — Não me limito para responder e saio.



— Decidiram dar as caras? — pergunto ao ver Carlos e Patrícia sentados à minha espera assim que entro no meu escritório. A rebeldia de Lara já estava me deixando furioso, ela poderia ser adulta, mas enquanto houvesse meu neto na jogada eu agiria da maneira mais errada, Felipe é o filho homem que nunca pude ter, quero que ele seja o meu espelho.

— Sim, afinal foi você que nos chamou aqui — diz a mulher sendo petulante. — O que quer de nós?

— O que eu sempre quis — falo, sem esconder a malícia na voz.

— Nós nunca tivemos interesse no menino, e não vai ser agora que teremos — fala Carlos, quebrando o silêncio.

— Mas eu tenho — retruco. — Sempre tive.

— Sabemos disso, não é por acaso que nos procurou quando o menino nasceu para nos comprar — rebate Patrícia. — Ainda não entendo a sua obsessão por uma simples criança.

— Como podem ser tão frios em relação ao Felipe? — Inquiri. — Ele é neto de vocês.

— Quando o nosso filho morreu por causa de um rabo de saia... Nós decidimos quebrar todo vínculo que existia com o Vini — responde Carlos, friamente, mas não me abala.

— Não queremos tirar o filho da Lara, eu e Carlos já decidimos isso — Patrícia me encara soberba e eu começo a gargalhar.

— Acha mesmo que vou deixar barato caso vocês me deixem na mão agora? — pergunto os fazendo arregalar os olhos. Pobres inúteis, acham que podem ser superiores a mim, mas não sabem que eu sou pior do que um inimigo quando quero agir.

— Já fizemos o que nos pediu, está tudo O.k. — Carlos se atreve a dizer.

— Agora entendo o porquê Vinicius tenha morrido como um qualquer lá fora. Provavelmente ele deve ter tido uma péssima educação — Alfineto, vendo o homem avançar contra mim. — Um passo em falso eu acabo com a sua carreira de merda.

— Você é podre! — grita Patrícia esquecendo a sua postura de grã-fina. — Não basta ter nos feito perder tempo com advogados para coagir a pobre coitada, que ainda por cima é do seu sangue?

— Esse homem tem problemas psicológicos! — exclama Carlos.

— Podem dizer o que quiserem, mas nesse momento vocês dois farão o que eu pedir — aviso. — Meus planos anteriores não resultaram em nada, Lara está com aquele verme do melhor amigo dela agora, aquele homem a faz ficar mais forte e ser mais corajosa.

— Sempre soubemos que você a fazia de marionete, se aproveitava da fragilidade dela para poder fazê-la pensar que seu acolhimento deveria ser agradecido eternamente! Coitada, a vida toda sendo manipulada por um crápula como você — provoca Patrícia. — Mas como comprovar algo se você a deixava tão vulnerável ao ponto de ela se tornar a sua submissa e de Olga?

— Menos — Bufo, cansado do papinho de coitadinhos. — Vocês têm que entender que meu jogo só está começando. Quero meu neto ao meu lado, ele deve crescer aos meus cuidados.

— O que vai dizer à Lara sobre essas suas idealizações? Já pensou em dizer que é o pai dela? — Interfere Carlos.

— Isso não é da sua conta — respondo. — Amanhã eu quero que Patrícia e você viagem para Porto Vermelho e ameacem minha querida sobrinha até que ela chegue ao ponto de pensar que o namoradinho dela seja incapaz de protegê-la.

— E no que isso pode te favorecer? — pergunta Patrícia, curiosa.

— Aí eu entro na história — sinto finalmente o sabor da vitória. — No dia seguinte viajo até Porto Vermelho e lhe ofereço auxílio e peço perdão pelos anos que fui frio, e, também faço um discurso meloso e ela vai me perdoar rapidinho.

— Aonde fomos nos meter... — Ouço a mulher falar, logo após fica pálida.

— Recado dado. Agora podem fazer suas malas que o resto é comigo — aviso, tentando esquecer das lembranças ruins que ainda levo comigo.



LARA MORAES

Tudo parecia se encaixar bem, muito bem. Minha noite com Max me fez perceber que perdemos muito tempo para conhecer o outro intimamente, mas como dizem “pra tudo tem um tempo certo” e ontem com certeza foi o nosso, amei ter os lábios dele passeando pelo meu corpo, senti-me aquecida e amada como nunca fui de verdade, Max Prado entrou na minha vida para ficar, e eu não vou o deixar nunca, só se me pedisse. Após nosso momento íntimo ter acabado fomos até o quarto dele e tomamos um banho em seu chuveiro, depois foi tudo por água abaixo, porque meu namorado parecia insaciável, atacou-me antes que eu conseguisse passar a toalha em meu corpo, a nossa sorte era que Felipe sempre teve o sono pesado, poucas vezes meu filho acordava à noite, mas ontem eu sabia que Lipe não acordaria, ele estava bastante cansado com o exercício que teve na escola.

— Bom dia, amor — falo, ao beijar as bochechas vermelhas do meu pequeno Lipe.

— Bom dia, mãe — diz ele, bocejando e em seguida me dando um sorriso mais lindo, que faz meu dia ficar melhor ainda.

— Descansou? Ontem parecia que um caminhão passou por cima de você meu pequeno homem — brinco, sentando-me ao seu lado na mesa.

— Dormi bem sim — ele diz, encarando-me. — Mãe posso perguntar uma coisa a *senhora*?

— Claro — concordo, concentrada na nossa conversa.

— Meu tio Max vai ser meu pai? — Assim que capturo as palavras me engasgo com a minha própria saliva, nesse momento Max surge na cozinha sem camisa e não deixo de notar os pingos de água descendo pelo abdômen, deixando-me mais nervosa ainda.

— O que perdi? — pergunta Max, risonho ao se aproximar mais, porém, eu continuo tossindo.

— Ela está engasgada, tio! — exclama Felipe de olhos arregalados. Procuro respirar fundo duas vezes e sinto minha cabeça latejar, nem precisa olhar em um espelho para saber que meus olhos ficaram vermelhos.

— Estou... Estou... Bem! — digo, tentando me recompor.

— Posso me juntar a vocês? — indaga Max, já puxando uma cadeira.

— Tio, o senhor é namorado da minha mãe? — pergunta Felipe, me surpreendendo mais uma vez pela manhã.

Max sorri e balança a cabeça para nosso pequeno.

— Estamos namorando, meu pequeno, mas eu tenho as melhores intenções com a mulher da minha vida — Max abre o jogo e Felipe tem uma reação que nunca pensei que teria, ele estava festejando.

— O senhor vai ser meu pai, não é? Vamos poder sair aos fins de semanas para fazer o que pais e filhos fazem? — Meus olhos se enchem de lágrimas com tantas perguntas disparadas que Lipe joga em cima de Max. No fundo tenho medo da resposta de Max, mesmo sabendo que ele jamais magoaria meu filho, porém, Felipe é carente de uma imagem paterna.

— Eu... Eu... — Sem saber o que dizer Max começa a gaguejar me olhando desesperado. *Por favor.* Imploro mentalmente ao morder os lábios.

— O senhor não quer ser *meu pai*? — Lipe começa a querer chorar. — É por que tenho outro pai?

— Ei, venha aqui meu garoto — pede o homem, abrindo os braços. — Não é isso, só estou surpreso por tamanha inteligência... Você é um garoto bem desenvolvido para a sua idade.

— Filho, a sua aula é daqui a pouco, ainda falta calçar o tênis — aviso, buscando aliviar o clima.

— Lipe, eu quero muito ser seu pai, amigo, tio ou o que quiser — acho que sou muito sensível porque chorar é a minha única ação. — Mas nunca esqueça que o Vinicius é o seu pai de sangue, apesar que você queira que eu ocupe esse posto tão importante em sua vida...

— Mas eu nunca conheci o Vini... Já o senhor me trata com carinho, me dá presentes, me abraça e diz que me ama... — fala Lipe.

— Sim, eu te amo, assim como amo a sua mãe — Max concorda, me chamando para perto. — Posso te pedir uma coisa, meu menino? — Ele já muda de assunto ao perceber meu estado.

— Sim — sussurra Felipe, encostando o rosto já molhado no peito de Max.

— Me daria a bênção para que eu me case com a mulher mais linda que existe em nossas vidas? — Congelo com a confissão e pedido de Max.

— Por acaso essa linda é a minha mãe? — pergunta Lipe, fazendo-me rir de nervoso quando me sento no colo de Max.

— Sim, é ela — Os diálogos dos dois homens preenchem meu coração de orgulho.

— Podem se casar hoje mesmo, mas o senhor já perguntou se ela quer

se casar? Tem mulheres que não querem se casar nunca — diz Lipe em modo de birra.

— Anda me escondendo algo? — brinco, o cutucando na barriga e ele balança a cabeça e gargalha.

— Eu pedi a Angelina para casar comigo e ela disse que não, e também falou que somos muito jovens para casarmos — fala Felipe, emburrado.

— Ela está certa — falo. — Vocês são crianças, devem pensar em brincar e estudar e só depois, quando estiverem grandes pensar na possibilidade do casamento.

— Tá, a senhora está certa — por fim meu príncipe aceita. — Então estamos combinados?

— Só preciso que ela me *diga sim*, *aí* tudo vai estar resolvido — Cochicha Max, sorrindo e eu reviro os olhos igual a uma boba.

— Lipe, vai buscar seu tênis no seu quarto — Mando e em seguida Max o solta para que vá. — Que ideia é essa?

— Não quer ser minha *esposa*? Já estou até pensando em fazer uma fábrica — Ele passa os braços em volta da minha cintura assim que vê que Felipe sumiu do nosso campo de vista.

— Posso saber para que essa fábrica? — faço-me de desentendida.

— Para fabricar os nossos filhos — Começo a rir com a idealização. — Podemos ter quatro ruivas e quatro morenos, o que me diz?

— Pelo amor de Deus, Max! — Gargalho, baixo. — Ah, merda!

— O que eu fiz?

— Transamos sem camisinha! Duas vezes! — quase grito.

— Se acalma — ele pede. — Não é para tanto.

— Fomos descuidados! Estamos começando agora e engravidar não está nos meus planos... Não agora — Engulo em seco.

— Não se preocupe, hoje mesmo quando deixarmos o Felipe na escola eu te levo ao médico — diz ele, carinhosamente. — Se essa é a sua decisão eu respeito, mas daqui a alguns anos não vou abrir mão de ter um filho com você.

— Eu te amo — sussurro, abraçando-o. — Te amo muito... Obrigada por fazer dos meus dias, os melhores.

— Eu também te amo, e acima de tudo te respeito minha ruiva — Max se declara. — Casa comigo, meu amor? Não me diz que é cedo ainda, porque não é... Nos conhecemos a vida toda.

— Eu aceito ser a sua esposa — respondo. — Me caso com você, *Max*.

Se fosse possível o daria milhares de sim. As chamas do nosso amor estavam se acendendo a cada dia que passava. O nosso amor não tinha fronteiras.



Quando deixamos Lipe na escola algumas mães dos coleguinhas do meu filho olhavam para mim e Max atravessado, não entendi e, também não fazia questão de entender o motivo dos olhares estranhos. Hoje o sol brilhou para mim, estava tudo maravilhoso, até fui elogiada pela professora de Felipe, ela disse que meu menino era muito inteligente. A sra. Silveira disse assim mesmo: " Felipe é um garoto obediente e muito inteligente, está de parabéns", as palavras dela me fizeram refletir o tempo que perdi deixando Marcos interferir na educação do meu filho.

— Tenho algo para te mostrar — avisa Max, quando entramos no elevador da empresa. — É muito sério.

— Está me deixando curiosa — falo o encarando. — É uma coisa muito ruim? Deve ser um pouco...

— Porque acha que deve ser "um pouco" — ele ri me agarrando pela cintura, deixando-me colada ao seu corpo.

— Você fica sério... — finjo pensar ao colocar a mão no queixo. — Franze a testa e depois faz um biquinho.

— Não faço isso — Max reclama.

— Ah, faz sim — provoco, vendo seus olhos brilharem de satisfação.

— Quero te pedir algo, é importante — diz ele com o semblante sério, rapidamente fico preocupada.

— O que é? — fico aflita, porém, não demonstro.

— Quero beijar você — Max abre um sorriso safado, e eu estapeio ele. — Que mulher agressiva eu tenho.

— Seu bobo — sussurro, tocando nossos lábios. — Vai ganhar só um selinho.

— Ficou brava? — pergunta me dando selinhos.

— Um pouco — faço manha, em seguida me afasto quando as portas do elevador se abrem.

— Bom dia, Sr. Prado! — Aline, a secretária de Max nos encara e não deixo de notar que ela está pálida. — Tem dois senhores querendo ver a Sra. Moraes na sala do senhor.

— Bom dia, Aline — responde Max, adiantado. — Por que os deixou na minha sala sem que eu estivesse presente? — O homem acaba sendo rude.

— Me perdoe, senhor — ela pede, gaguejando. — Mas eles disseram que era importante então preferi deixá-lo em lugar mais confortável... Disseram que são parentes.

— Quem está querendo falar comigo, Aline? — pergunto, pensando na

possibilidade que por dias cogitei. — Por acaso é Marcos Teles ou Olga Teles?

— Não acredito que seja eles — Max, sussurra, chamando minha atenção. — São seus ex-sogros — engulo em seco ao olhar em direção as duas pessoas que caminham em nossa direção. Patrícia nunca perde a posse de mulher elegante, continua andando com o nariz empinado e o olhar com um ar de superioridade, já Carlos é um homem sério que só anda com o semblante fechado, sempre soube que era um homem reservado e mesquinho.

— Bom dia, queridos — Minha ex-sogra nos cumprimenta com um sorriso falso ao descer os olhos até a minha mão e a de Max entrelaçadas. — Mmm... Parece que finalmente o casal percebeu que sentiam algo pelo outro.

— Se o Felipe não tivesse nascido com os olhos do pai eu diria que o garoto poderia ser filho do amigo dela, Patrícia — Carlos se atreve a dizer. — Lara sempre viveu grudada nesse homem.

— Mais respeito, senhor, eu nunca desrespeitei o seu filho quando estávamos juntos — peço, tomando coragem. — Não sou igual a Vinicius! Não esqueçam que o filho de vocês perdeu a vida por causa de uma aventura com mulher casada! — exclamo, sentindo a raiva me consumir. Max me traz confiança e muita força. Ele é meu porto seguro, deveria ter percebido isso antes.

— Como ousa nos afrontar assim? — pergunta Patrícia, com a voz melosa.

— Aline, pode se retirar — Manda Max e a secretária concorda se retirando em seguida. — Me acompanhem até a minha sala e, por favor, sem escândalos, tenho pessoas trabalhando no prédio, se portem melhor — A voz do homem soa ameaçadora.

— Cadê o menino? — pergunta Carlos, diretamente para mim.

— Meu filho nunca foi do interesse de vocês, não vai ser agora que está grande que irá ser — retruco, mas morrendo de medo por dentro. — O que querem afinal?

— Pelo que me lembro nós temos direitos sobre o garoto, o nosso filho é o pai dele! — afronta Patrícia, sendo petulante. — Está bom para você, meu doce?

— Fique tranquila, eles não irão tocar no nosso menino — Max me aconselha, ao abrir a porta da sua sala e entrar.

— Temos um interesse, por isso viemos até você, Lara — diz Carlos, já sério. — Não queremos interferir na criação que você deu para o Felipe, mas como avós decidimos o que é melhor para ele.

— Com certeza você está falando isso da boca para fora — digo furiosa. Gargalhando Patrícia me encara friamente, ela fazia isso quando o seu filho e eu namorávamos.

— Pare de ser estúpida, Lara — ela exclama. — Já apanhou tanto da vida! Quando vai aprender?

— Sumam da minha frente — grito indo para cima da minha ex-sogra. — E você não ouse tocar em meu filho! No momento em que eu mais precisei fui escoraçada, humilhada e ainda me culparam pela morte do homem que me prometeu amor, mas nunca soube fazer jus! — sinto a minha garganta ficar seca.

— Os senhores não têm o direito de virem aqui cobrar da Lara algo que ela nunca os deveu — Max fala. — Me lembro quando ela precisou da ajuda de vocês dois quando o namorado dela morreu, mas o que fizeram? Nada! A expulsaram de casa dizendo que ela era a culpada pela morte do filho de vocês, mas mesmo sabendo que não levaram essa questão nojenta a sério.

— Não se envolva, Sr. Prado, o assunto aqui não lhe diz respeito — Carlos diz.

— Lara vai ser minha esposa, então não vejo o porquê de não ser um assunto meu — Meu coração se acalma quando Max declara com orgulho o nosso relacionamento.

— Pelo que vimos você não vai nos ceder o menino, teremos que

recorrer novamente ao nosso advogado — comenta Patrícia, sem esconder o sorriso, que tenho vontade de arrancar da cara dela.

— Quanto ele está pagando para vocês? — sussurro, trêmula ao me lembrar de Thais. — QUANTO MEU TIO ESTÁ DANDO A VOCÊS? ME DIGAM! — vocifero.

— Você está louca — declara Carlos, puxando Patrícia pelo braço. — Vamos, mulher, não teremos um acordo com ela, o jeito é recorrer aos nossos advogados.

— Um juiz jamais tiraria um filho da mãe — Engulo o choro. Eu não vou ser mais fraca, não vou.

— Acha mesmo que um juiz vai dar a guarda para uma mãe solteira e sem teto? Querida, nós vivemos em um mundo onde a corrupção reina — retruca Patrícia.

— Saiam agora da minha sala seus velhos nojentos! Façam isso antes que eu mande meus seguranças jogar vocês na calçada! — Max grita, com os punhos cerrados. — Ousem a se meter com Lara e Felipe e irão se ver comigo, se é guerra que vocês querem, é guerra que irão ter.

Hoje percebi que encontrei a minha fortaleza. Depois de anos me humilhando por causa do bem-estar do meu filho, agora posso viver com o coração tranquilo porque sei que tenho alguém ao meu lado que vai lutar comigo.



MAX PRADO

Dois dias depois...

— A coisa é feia — fala Romeu, quando eu fecho a pasta. Finalmente o dossiê de Marcos estava concluído, eu tinha o homem em minhas mãos. — Como alguém faz isso com o próprio sangue?

— A ambição passa por cima de qualquer coisa, Romeu — murmuro, ainda em choque pelo o que descobri.

— Infelizmente é uma verdade, meu amigo.

Anteontem Carlos se entregou, vi nos olhos dele a verdade, estava tudo estampado, eles estavam com Marcos, por isso a insistência em querer a guarda do menino, nunca houve alguém com tanto interesse em Felipe, a não ser Marcos Teles, o miserável quer fazer do garoto o seu espelho.

Ontem peguei Lara chorando enquanto Lipe dormia no sofá. Ela estava acariciando os cabelos dele e dizendo que não seria mais submissa aos tios, e

mesmo que o tio fosse um homem influente ela lutaria pelo filho até o fim, não aguentei ver a cena e fui até ela tentar ampará-la, não demorou para que se jogasse nos braços e me implorasse para que eu a ajudasse a vencer as maldades de Carlos e Patrícia e dos tios, simplesmente apertei-a contra meu abraço e sussurrei o quanto a amava e que não precisava nem pedir para que eu ficasse ao seu lado.

— Estou decidido a contar a Lara antes que o infeliz tome a situação — falo, voltando a repassar as páginas que continham informações valiosas, e uma delas poderia beneficiar a minha mulher.

— É o certo a fazer — ele concorda. — Bom, a minha parte eu fiz, agora é com você — Romeu levanta-se do seu lugar, em seguida estica a mão para mim, levanto-me e sem delongas fazemos um aperto de mão.

— Pode deixar comigo, estou indo fazer isso agora — revelo, passando por ele para abrir a porta para nós sairmos, estou indo encontrar a mulher mais linda da minha vida.

— Preciso resolver algumas questões fora da cidade, então já vou indo.

— Mais uma vez agradeço, o seu trabalho foi impecável — Faria de tudo para comentar o que fora descoberto sobre Marcos até que eu estivesse cara a cara com a minha ruiva.

Mais cedo pedi a Aline que pesquisasse algumas casas maiores aqui em Porto Vermelho e Santa Felipa, pretendo comprar uma que seja mais espaçosa, o lugar que tenho não é suficiente para a minha família viver. Meu desejo é dar a Lara tudo o que ela merece, uma dessas coisas é uma casa, meu desejo é levá-la para viver em um lugar que possa se sentir mais acolhida, sei que ela não se sente bem ao saber que o lugar onde moro já convivi com a Thais, por isso troquei as camas, peguei a do quarto de hóspedes e coloquei em meu quarto e a minha antiga coloquei no canto até que eu tivesse um tempo para jogá-la em algum lugar. Farei de tudo para ter um ambiente limpo para Lara e o nosso filho Felipe.



As horas estavam passando rápido, consegui almoçar com Lara, logo após viemos até a minha sala, a pedido meu, meu coração estava acelerado, minha garganta estava ficando seca, isso só provava o tamanho do meu nervosismo, era inevitável não ficar nervoso em um caso como esse. Descobri que Marcos é realmente o pai de Lara com Ana, e logo após descubro que ele ocultou dela todos esses anos a herança que fora deixada para ela, pela parte do seu irmão que morreu junto com a mãe dela no trágico acidente. A metade da empresa de Marcos é de Lara, mas como ela não tem conhecimento do que fora deixado, viveu todos esses anos a base das ameaças e humilhações do “tio”.

— Você está pálido, o que aconteceu, amor? — Ela se aproxima e se senta no meu colo, aproveito para encostar a minha cabeça em seu braço.

— Preciso te dizer algo, peço que mantenha a calma — Engulo em seco, ao puxar a pasta para o nosso campo de visão. — Faz um mês que mandei um conhecido investigar Marcos.

— Eu... Eu... Nem sei o que falar — Lara gagueja, curiosa. — Encontrou coisas importantes? Por isso me pediu para vir com você?

— Isso — Passo os dedos na textura da folha pensando se devo continuar agora ou deixar para mais tarde. — Sabemos que ele vai vir a Porto Vermelho querer lhe dar auxílio, saibamos que é puro fingimento.

“Não, Max, a hora é essa. Vá em frente. Você consegue, é o melhor a fazer”. Penso ao tomar coragem para jogar as mentiras do homem no ventilador. A minha mulher não merece viver em um telhado de vidro que, a qualquer momento pode ser apedrejado por pessoas cruéis e hipócritas. Analisando os acontecimentos nos últimos tempos me pergunto se Nicole e Isabela sabiam a verdade sobre os pais de Lara e em todos esses anos se mantiveram caladas.

— Agora que eu já sei quem é o meu tio, tenho vergonha mais vergonha ainda de ter o mesmo sangue que ele — Lara comenta, séria. — Talvez se meus pais não tivessem morrido, eu não estaria nessa. Ter sido criada pelo meu tio só me fez perder muitas coisas, e uma delas é a minha

paz.

— O que tenho aqui vai mudar a sua vida — esclareço. — Completamente — sussurro, abaixando a cabeça antes de entregar a conclusão do trabalho de Romeu Borges à Lara.

— Vou me sentar ali — ela aponta para o pequeno sofá de couro.

— Tudo bem — não discordo. — Não esqueça que eu amo você, sempre amei.

— Eu também te amo — sussurra me dando um beijo na testa, ao sair do meu colo.

De repente sinto o ambiente ficar pequeno quando a mulher desfaz o laço dos cabelos como se quisesse ficar mais à vontade, com esse ato sorrio, porém, ainda sentindo a presença do aperto no peito. Com as pernas cruzadas e as costas apoiada nas almofadas do sofá Lara começa a ler a primeira página, e minhas mãos começam a ficar geladas. A expressão da mulher é visivelmente surpresa, ela arregala os olhos, em seguida eles são preenchidos por lágrimas, engolindo em seco Lara abafa o choro ao morder os lábios, fico preocupado quando a vejo voltar a ler como se não estivesse acreditando no que acabara de ver.

— M... M... Max — Ela chora apertando os olhos. Meu coração queima por dentro quanto olho para Lara que começa a chorar desacreditada. — Me diz que não é verdade — implora me fazendo ficar arrependido. Prefiro que ela visse com os próprios olhos, eu não seria corajoso o suficiente para dizer “Meu amor, Marcos não é o seu tio, ele é o seu pai e te odeia porque acha que você fora a culpada pela desgraça dele há alguns anos”.

Eu não sabia como falar ou agir, apenas me levantei e fui até ela para tentar acalmá-la. Pegando em minha mão, Lara me encara, em seguida fala.

— Pelo amor de Deus, Max... — Lara chorando, ficando com o rosto avermelhado. — Diz alguma coisa, ficar em silêncio agora é torturante... É tudo tão confuso — Os olhos castanho-esverdeados da minha mulher estavam tão vermelhos, seus lábios trêmulos me causavam dor.

— Infelizmente é verdade, meu amor — murmuro, acariciando seus cabelos de fogo. — Ele é o seu pai... Esse infeliz é o seu verdadeiro pai.

— É tudo tão... — Ela não consegue formular o que quer dizer. — Preciso vê-lo, ele tem que me dizer na cara! Esse homem... Me magoou, me fez sentir a pessoa mais desprezível da face da terra quando engravidei do Lipe! Principalmente quando me disse que a casa onde eu morava era apenas um empréstimo!

— Deus, ele é um monstro — sussurro, querendo chorar também. Eu nunca estive em uma posição como essa, eu podia sentir a dor de Lara, ela tremia contra meus braços, o seu choro aumentava a cada segundo e meu desespero só aumentava, afinal, saber que Marcos Teles era seu pai, só era o começo, ainda havia muitas coisas para serem reveladas.



LARA MORAES

Do que eu sou digna? Que mal fiz? Nascer? Viver? São muitas perguntas sem respostas.

Minha alma estava dilacerada, eu não conseguia terminar de ler as palavras que estavam escritas no papel, talvez o meu nervosismo estivesse me causando cegueira, porque minha vista já está ficando embaçada e minhas mãos tremiam violentamente.

"Conforme as descobertas das investigações realizadas, voltadas para o grande empresário, Marcos Teles, chegamos à conclusão final que Lara Moraes Teles desde muito nova fora criada como sobrinha e não filha, mesmo que o pai tivesse total certeza da paternidade. Lara Moraes, nascida em 1990, reconhecida como sobrinha de Marcos Oliveira Teles, que é casado com Olga Ruiz Teles, foi criada desde os seus dois anos de idade sob o teto dos supostos tios, e fora registrada por Gabriel Oliveira Teles, o irmão de Marcos, a pedido dele para que não houvesse conflitos na sociedade pelo real motivo dos dois irmãos terem namorado a mesma mulher ao mesmo tempo, sendo que a mãe da criança foi bem clara no nascimento do bebê ao revelar que Marcos tinha total direito sobre a menina por ser o verdadeiro pai, o fato

surpreendeu a todos."

— Lara, está me ouvindo? — Max toca em meu rosto, mas eu não consigo reagir. — Você está suando frio, está pálida... Merda, está com o pulso um pouco fraco! — Parece que tudo está passando em câmera lenta diante dos meus olhos. Posso sentir o toque de Max, posso ver o jeito que seus olhos estão arregalados e, também quando ele tira a pasta das minhas mãos, em seguida me deita no sofá. Sem ação, eu só consigo bater os cílios e observar as ações do homem que agora está longe de mim e com o telefone no ouvido falando com alguém.

— Aline, por favor, me traga um copo de água! É urgente, pelo amor de Deus venha logo! — A distância da voz me assustava, trazia-me medo. O que estava acontecendo comigo?

— Lara, amor — Max se aproxima com os olhos cheios de lágrimas. Eu posso vê-lo, mas não posso falar, é como se eu tivesse entrado em estado de choque. — Está me ouvido? Fale comigo, por favor... Eu me precipitei, me perdoa, amor.

— E... E... Eu — Começo a atropelar a minha fala, e ao conseguir me pronunciar Max corre e me abraça. — Max! — Choro confusa.

— Eu sei... Eu sei — Ele beija a minha cabeça. — Você deve estar sofrendo muito, e eu me sinto tão culpado.

— Não pense assim — peço, limpando meu rosto molhado. — Está doendo, muito, mas você só me fez o bem, Max. Se você não me contasse, quem me contaria?

— Você sabe que eu odeio mentiras — sussurra Max, entrelaçando os dedos nos meus e fazendo carinho. — Mas acabei ocultando algo de você durante esse tempo — Ele abaixa a cabeça envergonhado.

— Shiii... — Coloco o dedo em seus lábios o pedindo para fazer silêncio. — Eu seria egoísta se te julgasse, Max. Você é meu tudo... O meu amor, o homem que me ama de verdade.

— Eu já sabia sobre o Marcos, porém, meu medo era tão grande que demorei demais para contá-la, mas fiz isso porque não desejava vê-la triste pelos cantos — ele fala, com os olhos lacrimejando. — Me perdoa.

— Te entendo, Max! Eu entendo as suas intenções e sei que não faria nada para me magoar — Sorrio fraco. — O nosso amor é maior que qualquer maldade daquele homem.

— Sim — Max concorda já sorrindo. — Amo você, minha ruiva.

— Sr. Prado, posso entrar? Trouxe o que o senhor me pediu, mas tem um homem querendo vê-lo... É o mesmo daquele dia — quando Aline fala o corpo de Max fica ereto.

— Quem é Aline? — o homem indaga como se já soubesse quem o esperava.

— Marcos Teles, sr. Prado, o tio da Sra. Moraes — diz Aline. — O que falo para ele?

— O que faremos? — Inquire Max, olhando-me preocupado. — Você está bem com isso?

— Bem eu não estou, mas o certo é enfrentar, não é? — Infelizmente não consigo conter as lágrimas. — Preciso enfrentar Marcos de uma vez, ele precisa me ouvir, Max! Por anos eu ouvi calada.

— Tudo bem — Procuro me recompor. Marcos não merece ter as minhas lágrimas. Não merece.

— Senhor? — Aline insiste. — O que devo fazer.

— Mande-o entrar, Aline... Deixe a água para depois — fala Max. — Depois que fizer isso vá tomar um café ou o que preferir.

— Sim, senhor.

— Lara, olhe para mim — pegando delicadamente no meu rosto, Max

me faz olhá-lo. — Não aja por impulso, você pode sair machucada... Já percebemos que ele não tem sentimentos.

— A todo momento Thais esteve certa — murmuro, com a voz baixa.
— Marcos Teles gosta de ter as pessoas aos seus pés.

— Lara, minha sobrinha! — Minha postura fica ereta quando ouço a voz do homem mais nojento da face da terra. — Soube sobre Carlos e Patrícia — diante de mim está Marcos, o homem que a vida toda me travava como um lixo, e agora está em minha frente com um olhar de "arrependimento" como se eu fosse cair em mais uma armadilha dele.

— O que deseja de mim, Sr. Teles? — pergunto, com indiferença, mas não deixo claro a minha intenção.

— Você partiu há um tempo de Santa Felipa, eu não pude impedi-la, já que é uma mulher adulta — ele diz com a maior facilidade. — Apesar dos pesares você é do meu sangue, filha do meu irmão, devo prezar pela segurança do nosso menino, assim como a sua.

— O senhor está certo — finjo ouvi-lo, e Max entende aonde quero chegar.

— Aconteceu algo? A vinda de Carlos e Patrícia lhe afetou tanto assim? — Marcos ameaça se aproximar, e eu engulo em seco antes de apertar o braço de Max.

— Não tenho mais medo deles, Sr. Teles — Meus olhos ardem e minha garganta aperta, formando um nó.

— Gostaria que *deixássemos o passado para trás* e me chamasse de tio — o homem sabia argumentar, e se eu fosse a mesma mulher insegura de antes acreditaria em cada palavra. — Venha comigo, traga meu neto! Me deixe colocar tudo no lugar... Sei que errei com você, mas me deixe fazer o certo, filha.

— NÃO ME CHAME DE FILHA! — grito com toda força que consegui arrancar dos meus pulmões. Suspiro frustrada, e todo meu corpo

treme de tanta raiva que estou acumulando.

— Vim me oferecer para ajudá-la e é assim que me trata? — fala tentando se fazer de vítima. — Estou decepcionado.

— Não preciso de migalhas, Marcos — rebato. — Aquela Lara que abaixava a cabeça para você, morreu — Minhas narinas dilatam.

— O que fez com ela? — Meu tio exclama alterado em direção ao meu namorado.

— PARE DE ME TRATAR COMO CRIANÇA! — De olhos arregalados Marcos me encara e em seguida dá passos para trás como se não estivesse acreditando. — Quando iria me contar que era meu pai?

— O quê? — Marcos indaga se fazendo de desacreditado. — Que maluquice é essa, Lara?

— A minha vida toda eu passei acreditando que era órfã de pai e mãe, a minha vida toda você me humilhou, Marcos! Não havia noites e dias que eu não chorasse me perguntando o que fiz para merecer a vida cruel que levava — Minha voz fica embargada. — Muitas das vezes tentei fazer tudo "certo" para que o senhor viesse a reparar em mim e tivesse um pouco de orgulho da sobrinha, mas misteriosamente a sua esposa e o senhor sempre me travavam com indiferença e muita frieza, que no fim na noite me fazia querer entrar em um buraco e não sair mais.

— Foi Olga que te contou essa mentira? — É a única coisa que Marcos pergunta. O ignoro e volto a falar.

— Eu sei, agora eu sei, que você só não me mandou embora da sua casa quando fiquei grávida por sentir culpa, ou talvez fosse só a consciência doendo, não? — Rio, chorando. — Como alguém igual a você pode ter vivido tão tranquilamente durante esses anos sob o mesmo teto da filha e a humilhando sem sentir nada?

— Vamos conversar, eu posso explicar — Pela primeira vez a presença do desespero é notada na voz de Marcos. — Por favor, e a sós.

— Vai confiar em ficar com ele? — Max pergunta perto do meu ouvido e eu balanço a cabeça.

— Pode ir... Eu preciso saber da verdade, quero saber sobre tudo — falo. Silenciosamente Max sai da sala, deixando-me sozinha com Marcos.

— Vejo em seus olhos que não há arrependimentos — falo firme. —, mas não me importo com isso, nada que venha de você me importa.

— Desde jovem eu fui egoísta, sempre quis tudo ao meu alcance — ele começa, cabisbaixo. — Meus pais nunca nos deram atenção, não o suficiente para que eu me tornasse um homem de bem, já o Gabriel sempre fora certinho, então ele não era o problema, era apenas eu.

“Meus pais nunca tinham tempo para nós, eles sendo da alta sociedade acham que mesada, escola particular, empregados à nossa disposição e fartura na mesa era mais do que o necessário para que fôssemos alguém do bem. Se bem que eles não se importavam com isso, eles morreram sendo quem eram, pessoas egocêntricas que só se importavam com os amigos ricos e a conta bancária recheada.”

— E o que isso tem a ver comigo? Com a minha história? — pergunto baixo.

— Vou chegar lá — avisa se sentando na cadeira próxima.

“Eu e meu irmão não sabíamos o que era ter amor de verdade, se dependesse dos nossos pais nunca saberíamos, quem mais nos dava atenção eram as nossas babás ou as cozinheiras, fora isso, nós jamais saberíamos o que é ter um abraço sincero. No fim das contas crescemos, nos tornamos adultos e eu fui mudando, o meu comportamento não era o mesmo, já o Gabi continuava a agir da mesma forma dócil, já eu, cresci à base do que via em casa, meu pensamento sempre foi “se eles não se importam, então posso fazer tudo o que eu quiser”, esse foi o meu lema.”

“Os anos passaram e eu não tinha mais controle sobre mim, fazia farra na mansão quando nossos pais saíam para fora do país, levava vários tipos de mulheres para o meu lar, e no final da noite ia para cama com três ou quatro,

mas aí descobri o relacionamento do meu irmão, ele só falava desse namoro..., mas eu nunca via essa namorada que tanto Gabriel falava com amor e admiração.”

— Nada justifica o que fez comigo — falo enojada. — Eu só precisava da verdade!

— Me deixe falar, por favor — Ele implora. — Eu sei que gostaria de saber mais sobre a sua mãe.

Minhas lágrimas caem na minha bochecha violentamente enquanto vejo o homem que é meu pai biológico me olhar atordoado.

— A sua mãe era linda... Tinha os mesmos olhos que os seus e os cabelos eram tão ruivos quanto aos seus...

— Continue a falar — peço.

“Quando vi Ana pela primeira vez em minha casa, de cara me apaixonei pelo seu sorriso tímido e olhar iluminado, quando eu ouvia meu irmão Gabriel só falando na namorada que tinha arrumado nunca criei interesse, sempre achei que era uma garota feia, desleixada e do mesmo meio dele, de nerds da faculdade, por isso jamais levei a sério esse relacionamento. Mas, em um dia inesperado Gabriel decidiu levar Ana sem nos avisar, a levou para apresentar aos nossos pais, nesse dia passei o dia todo admirando-a, apesar de saber que ela era comprometida com meu irmão, foi inevitável não a notar, foi inevitável não a querer para mim.

Gabriel desde sempre fora um cara inocente, o irmão que fazia tudo para o bem das pessoas, mas eu nunca consegui ser o bobo da corte, na minha vida fui o vilão, egoísta e calculista, quando queria algo lutava até conseguir para mim, poderia estar a milhares de quilômetros, mas eu conseguia. Da mesma forma aconteceu com Ana, eu a seduzi aos poucos, me fiz de bom moço por meses, fui um cunhado atencioso, me doeí por inteiro quando meu irmão saía para a faculdade à noite e deixava a namorada aos meus cuidados, esse foi o erro dele, ter me deixado com a linda ruiva de sorrisos tímidos. Após tantos meses conquistando a confiança da ruiva por fim consegui alcançar meus objetivos, foram nove meses para que Ana me cedesse um

beijo, me aproveitei da sua fragilidade quando Gabriel deixou a ex o beijá-lo na festa do aniversário de um amigo nosso, nesse dia parecia que tudo estava ao meu favor, houve até um temporal, que me favoreceu muito, no final da noite eu fui o cara que Ana escolheu para deixá-la em casa, só precisei disso para invadir o campo minado e fazer meu gol.

Conforme o tempo foi passando comecei a *beirar* Ana, só que ela sempre se afastava de mim, dizia que o nosso beijo havia sido um erro, eu ri quando a garota me olhou com os olhos arregalados quando me ajoelhei e pedi para que me perdoasse, e disse que já estava apaixonado e a culpada era ela por ser linda e meiga, minha encenação tinha sido perfeita, até acreditei que fosse verdade, as aulas de teatro na faculdade me fizeram bem. Depois de ter se passado um ano lutando para ter meu desafio em mãos, por fim a garota cedeu, não perdi tempo e a levei para cama, fiz coisas com ela que o meu irmão nunca faria, falo que nunca faria porque Gabriel era um cara recatado demais para ser um delinquente.

Ana conseguiu duas coisas com os irmãos Teles: Um namorado bobo que a amava e, por outro lado um amante que a idolatrava na cama e a deixava ter sensações quentes e picantes. Foram anos fazendo a namorada do meu irmão de troféu, mas as escondidas, até que um dia eu comecei a sentir ciúmes do relacionamento deles, fiquei louco ao saber que Gabriel pretendia se casar com Ana, na mesma noite invadi o quarto em que nossos pais a hospedavam em nossa casa e gritei com ela, a ameacei, falei que se cassasse com meu irmão iria se arrepender, porque Gabriel nunca seria capaz de lhe dar o que eu poderia em poucos minutos, só que bastou essas palavras para que eu percebesse que o perdedor naquele jogo, que eu mesmo criei era eu, me vi apaixonado e obcecado pela mulher que seduzi e achei que fosse apenas uma garota boba.”

“No final não houve um final feliz para mim, depois de dois anos nossas vidas mudaram, ela o escolheu, e eu fui deixado para trás, perdi meu mundo quando descobri a gravidez da mulher que eu amava. Foi então que você, havia sido reconhecida como minha sobrinha, mas, na verdade eu era o seu pai, infelizmente só soube da minha paternidade em seu nascimento, porém, por ter feito muita burrada não me arrisquei em pedir para assumir minhas obrigações como pai, e também não deixaria meu irmão mais

manchado do que já estava na sociedade. Gabriel infelizmente descobriu meu caso com Ana e ficou revoltado, numa tarde de domingo bebeu como se fosse a última vez, em seguida me esmurrou e correu para a garagem, logo após só ouvi os pneus cantando na estrada, mas perdi meu chão quando vi os cabelos de fogo através dos vidros do carro, tentei ir atrás deles, mas tive que recuar ao ouvir o choro de uma certa criança, fiquei com pena e decidi cuidar da menina, só que esse meu ato me fez perder as duas pessoas que eu amava e odiava: Ana e Gabriel. Eles se foram por causa de um acidente de carro, meu irmão morreu sem me perdoar e Ana me odiava por tudo que a fiz passar.”

— Essa é a história — Marcos parecia convencido do que falara, e eu não conseguia abrir a boca, só ficava com as palavras narradas por ele processando na cabeça.

— Meu Deus, você é um monstro! Um monstro! Destruíu a felicidade do irmão para suprir as suas vontades sádicas! — grito com as mãos na cabeça, percebendo que o desespero me tomou.

Ele seduziu a minha mãe só porque não gostava de ser contrariado? Como alguém pode usar alguém só por orgulho e desejo? Pela primeira vez eu sabia sobre a minha mãe, sobre o homem que eu pensava ser meu pai, e, também como morreram. Jamais soube qual era realmente a causa da morte deles. Minha mãe tentou impedir que Gabriel fizesse uma loucura, porém, acabou morrendo com ele.

— Não existe dia ou noite que eu não pense neles — Marcos sussurra, com a voz embargada. — Eu fui o único culpado pela morte deles... Se meu irmão não tivesse descoberto sobre a sua paternidade e meu caso com Ana, não teria bebido demais...

— Agora entendi tudo — Fungo, nervosa. — Você me odeia por que eu nasci, não é? Se minha mãe não tivesse ficado grávida vocês poderiam ter ficado mais tempo juntos... Enganando o meu pai.

— O seu pai sou eu! — Marcos grita, em seguida respira fundo. — Sim, eu reconheço tudo o que fiz, mas ela escolheu ele... Mesmo sabendo que o bebê que carregava era meu e não do Gabriel!

— Isso é ego ferido, Marcos? — Choro. — Tudo sempre foi questão de ser e não ser? Aonde está o seu filho que morreu há quase 30 anos? Ele nunca existiu, né?

— Nunca houve outro filho na minha vida a não ser você — ele declara.

— E a Olga? Pelo que sei ela vive com você desde que eu era pequena.

— Olga era amiga de Ana, elas estavam na mesma classe na faculdade — Marcos revela. — Eu saía com Ana todas às sextas à noite, e em uma dessas noites Olga nos flagrou, só que ela não teve coragem de me chantagear na frente da “amiga”, esperou outro dia para poder me fazer uma proposta... Com medo dela contar ao meu irmão sobre meu caso com a namorada dele, eu acabei aceitando sair com Olga.

— Essa mulher sempre foi podre — Cuspo as palavras. — Ela fingia ser amiga da minha mãe... Mesmo que vocês tivessem um caso, você a traía!

— Sim... Eu tive medo! Se Gabriel descobrisse, eu e Ana estaríamos acabados, então preferi me sujeitar as chantagens de Olga do que perder a garota que estava conquistando meu coração.

— E até hoje estão juntos. Não sei por que me surpreendo com isso — Gargalho.

— Eu estava desesperado, não sabia o que fazer da vida... E nem como iria te criar sozinho — Articula Marcos. — Olga me sugeriu para que eu continuasse como o seu tio, assim você cresceria sabendo que eu era somente o seu tio e nada mais.

— Você não era o que fazia tudo sem precisar da opinião do próximo? — debochou, rancorosa.

— A verdade é que eu nunca te odiei, Lara... Esses anos todos eu criei uma mágoa no meu coração não por sua culpa, mas porque tinha medo que você descobrisse a verdade e fosse embora ou me odiasse, só que como sempre no fim da história eu não consigo dar um final feliz a ninguém.

— Mentiras em cima de mentiras, Marcos... — balbucio. — E o meu filho? Por que essa obsessão sobre ele?

— Eu pensei que se algum dia você viesse a descobrir a verdade eu teria uma parte de você comigo... Queria o Felipe ao meu lado, o faria um grande empresário.

— Você é louco! Precisa se tratar! — grito. — Nunca. ENTENDEU? NUNCA IRÁ TER MEU FILHO! NÃO VOU DEIXAR VOCÊ ESTRAGAR MEU FILHO! Se você não teve o meu amor não foi por minha causa, foi pela sua ambição.

— Meu maior erro foi ter prevalecido com a ideia maluca da Olga em fazê-la acreditar que era a minha sobrinha, ela disse que assim seria mais fácil para você viver — confessa Marcos. — Mas agora vejo que acabei sendo refém das minhas mentiras.

— Eu sei sobre a sua aliança com Carlos e Patrícia, senhor — falo friamente. — O que me diz sobre isso? A sua querida esposa também te obrigou a isso?

— Não.

— Pois bem — Inclino a cabeça para trás e começo a rir. — Quero que saia da minha vida e nunca mais volte! O senhor não tem direito sobre meu filho ou a mim! Sou uma mulher adulta, vou me casar e posso muito bem criar o meu filho em um lar saudável! Aliás, eu nunca precisei estar casada para ser uma boa mãe para a minha criança.

— Algum dia pode me perdoar?

— Se esse dia chegar eu te aviso — falo com soberba. — Mas agora quero que vá embora, não olhe para trás.

— Me dê uma chance, não me deixe ficar longe do meu neto — Marcos se aproxima e eu levanto o dedo.

— Não toque em mim — Brando. — Muitas vezes te dei uma chance,

mas você as jogou fora! Deixou aquele nojento do Roberto me convidar para dormir com ele!

— Me perdoa — Marcos súplica. — Me perdoa, filha...

— Eu não te perdoo, Marcos — Choro. — Nesse momento estou incapacitada de perdoar alguém.

— Vou te dar um tempo.

— Eu não preciso de um — rebato. — Já estou decidida. Ah, outra coisa! Não tente tirar o meu filho de mim, se fizer isso eu juro que você nunca mais verá Felipe na sua vida.

— Tudo bem, não farei isso — Ele levanta as mãos em modo de rendição. Eu não seria capaz de perdoar Marcos, ele me fez muito mal, fez mal à Thais e a muitas pessoas. Só o tempo dirá se eu seria capaz de perdô-lo.



MAX PRADO

Os dias estavam passando rápido, mas o comportamento de Lara continuava o mesmo, porém, a esperança ainda morava em mim. Havia dias que eu chegava da empresa e a via pelos cantos deprimida, sem aquele lindo sorriso que eu amava encontrar em seus lábios, mas eu não pretendo deixar de me preocupar e dar atenção a ela por causa disso, nunca a deixei, não vai ser agora que irei fazer isso.

Às vezes Lipe me pergunta o porquê da tristeza da mãe, e a única coisa que consigo dizer é que ela está passando por um momento triste, mas logo ela voltará a sorrir como fazia antes, e ele sendo inocente como é, apenas diz que deseja que a mãe dele volte a ser como era, admiro a bondade e esperança que as crianças levam no coração.

— Amor, preparei o jantar especialmente para você, venha comer — Beijo o ombro despido da minha mulher, e ela levanta a cabeça e me dá um sorriso fraco. — Não quero que fique triste pelos cantos... Me preocupo com a sua saúde, com você.

— Estou bem — fala Lara, suspirando com pesar. — Eu só estou procurando a melhor maneira para não ficar louca, são tantas coisas rondando

em minha cabeça — Ela ri limpando o rosto molhado por lágrimas.

— Shiii... Não chore — peço fazendo carinho em seu rosto.

— Nem parece que sou uma mulher formada, não é? Fico parecendo uma garotinha chorona pelos cantos — ela diz e eu a repreendo. — Me desculpe por isso, eu só estou tentando me acostumar com a ideia de ter um pai vivo.

— E quem te disse que idade define alguma coisa em alguém? — pergunto. — Querida, somos seres humanos, somos de carne e osso, não somos robôs, não somos feitos de ferro — declaro.

— Será que se eu disser todos os dias que te amo você vai cansar? — Lara indaga, já sorrindo.

— Nunca me cansaria de saber que alguém me ama de verdade — olho em seus lindos olhos.

— Aonde está Felipe? — Ela olha para os cantos tentando achar o filho.

— O coloquei para tomar banho e depois liguei um pouco a televisão para que assistisse um desenho — falo mais aliviado por vê-la mais solta.

— Você é meu anjo.

— Posso preparar um prato para você? — Inquirio.

— Não — Ela se apressa. — Pode deixar comigo, já abusei muito de você nesses dias.

— O amor nunca é um incômodo, Lara — falo com sinceridade. — Quando a pessoa ama de verdade ela não se importa com defeitos ou os momentos ruins, ela só quer ver o parceiro bem, e é isso que desejo fazer... Cuidar de você.

— Tudo bem — ela concorda. — Enquanto você ajeita o prato para

mim, eu vou ver o Lipe, tudo bem?

— Certo — Beijo seu rosto, antes de me afastar. Com um sorriso bobo surgindo em minha boca, eu me seguro para não dar um pulo e dar um grito de vitória, finalmente a minha mulher está reagindo bem.

Ontem minha mãe me ligou para avisar que viria a Porto Vermelho nos visitar e também disse que tinha algo muito importante para me contar, junto com ela traria a minha avó, eu estava ansioso pela vinda delas, às vezes o trabalho nos afasta, principalmente a distância, mas em breve pretendo mudar essa situação. Lara ainda não sabe sobre elas, mas pretendo contar, ainda não tive a oportunidade.

— Olha como esse menino está um dengo — Giro o corpo e vejo Lara de mãos dadas com o filho que sorri por ver que a mãe está mais presente.

— Mãe, bem que o pai Max disse — fala Lipe, e eu arregalo os olhos ao ouvi-lo pronunciar "pai Max"

— O que o pai Max disse? — Lara ri baixinho ao perceber como fiquei ao ouvir o nosso garoto me chamar de pai, ela parece estar tão normal com o gesto do filho.

— Ele disse que a senhora logo voltaria para nós — revela o garoto, agarrando a mãe pela cintura, é tão minúsculo se comparado ao nosso tamanho.

— Eu sempre estive aqui, meu amor... — fala ela, acariciando os cabelos ruivos dele. — Mamãe só não estava em um momento bom, mas eu jamais o abandonaria.

— Eu sei, mãe — Lipe concorda. — Só não fica mais longe, tá? Eu amo você.

— Eu também te amo, meu pequeno manhoso — declara Lara.

— Venha aqui, Felipe, vamos deixar a sua mãe se alimentar, ela está precisando — falo, estendendo a mão em direção a ele que se solta de Lara e

vem em minha direção.

— Posso voltar a assistir? — Inquire o garoto.

— Claro que pode — digo a ele que logo abre um sorriso.

— Obrigado pai Max, te amo! — exclama o menino, deixando-me sem fôlego de tanta emoção.

— Também te amo, meu menino — falo, o deixando ir. Vendo que Felipe saiu da cozinha, Lara se aproxima de mim e põe a mão em meu ombro.

— Você está inquieto, o que há? — pergunta ela baixo. — Algo sobre Marcos?

— A nossa conexão é tão forte que sabemos quando um está escondendo algo do outro — Sorrio sem graça. — Acha que está preparada para mais?

— Nunca estive tão preparada, Max.

— Tudo bem — Pigarreio. — Não quer se sentar?

— Só vou pegar meu prato — ela diz se afastando. Sento-me esperando que Lara faça o mesmo.

— Tem suco também — aviso, aflito.

— Depois pego, obrigada — Lara se senta de frente para mim, enquanto põe o prato de comida na mesa.

— Quando lhe contei sobre Marcos eu não disse tudo — murmuro. — Antes do irmão de Marcos morrer ele te deixou uma parte da empresa... O que quero dizer é que você tem direito nas ações onde trabalhou tanto quanto o seu pa... você sabe.

Empurrando o prato para longe, Lara me encara chocada como se não

estivesse acreditando nas minhas palavras, talvez ainda esteja em choque. Desconfortável com o silêncio eu toco em sua mão, e ela devolve o ato ao acariciar meus dedos.

— Esse detetive desse ser muito bom — ela fala. — Há quanto tempo tem essa informação?

— Não muito — respondo.

— Não tenho interesse em nada que venha daquele homem, se o medo dele, todos esses anos, era por causa desse dinheiro que fique com ele! — enfatiza, Lara rancorosa.

— Mas é um direito seu... — tento explicar. — De qualquer maneira esse dinheiro não é só de Marcos, é seu também.

— Entenda uma coisa, Max — Ela dá uma pausa. — Marcos provavelmente fez esse teatrinho ao afirmar que sou filha dele, mas deve ter o feito porque está se sentindo ameaçado ou quer se precaver de algo mais.

— Tudo bem — Não deixo de discordar seu ponto de vista. — Como eu disse antes... Só quero o seu bem, e estou te falando isso porque é um direito seu.

— Ei, eu sei! — Lara exclama, chamando a minha atenção. — Pare de ser bobo, eu sei que só quer me ver bem, mas depois do que soube, realmente não quero nada que venha de Olga ou Marcos.

— É um direito seu — dou um fim na conversa para não a magoar. — Agora devore essa comida, precisa estar bem alimentada.

— Sim, senhor — Ela me olha com carinho, antes de começar a comer.



THAIS

— Mãe, a senhora se sente melhor? Como se sentiu dessa vez? — pergunto baixinho ao ver minha mãe deitada na cama com o rosto virado para o lado.

— Acho que estou melhorando... — ela diz, finalmente me encarando. Hoje ela foi participar de uma conversa em um grupo de apoio aos alcoólatras, minha mãe faz isso há quase um ano, sempre quando tenho oportunidade eu mesma a levo, mas quando eu não conseguia ter folga no trabalho pedia para a moça que cuidava dela levá-la, porém, agora estou sem trabalho e sem dinheiro para continuar pagando o tratamento na clínica de reabilitação e bancar os remédios que foram passado pelo médico.

— Fico feliz pela senhora, muito mesmo — meus olhos ardem quando eu olho para a mulher que amo tanto e que se deixou dominar pelo maldito álcool. Ainda me lembro das vezes que ela tinha crises e no dia seguinte começava a chorar e demonstrar arrependimento, logo em seguida me prometia que deixaria a bebida, só que mesmo com medo eu acreditava nas suas palavras, no entanto, os anos foram passando e eu descobri que eram promessas vazias e que minha mãe não conseguira largar o álcool sem uma ajuda profissional, não mais, porque ela havia se tornado dependente.

— Eu também, filha, eu também — Camila solta um soluço e não demora muito para que esteja chorando junto comigo. Com as pernas bambas eu vou até ela com a intenção de abraçá-la e dizer que sempre estarei a seu lado independentemente de qualquer coisa. Com os passar dos anos eu aprendi a me humilhar pela minha mãe, o medo de acordar pela manhã e não vê-la ao meu lado me fez aprender a perder a vergonha das coisas, houve momentos em minha vida que cheguei ao ponto de pedir ajuda aos vizinhos ou até mesmo chefes que no final das contas me demitiam por eu estar batendo na mesma tecla sobre a situação da minha mãe para eles, teve momentos em que eu pensei que ficaria louca, eu procurava por ajuda, mas ninguém era capaz de me estender as mãos, quem estendia sempre queria algo em troca ou queria me humilhar por estar vulnerável. Minha mãe é meu céu, ela é meu tudo. Primeiramente Deus, *segundamente* ela.

Camila me criou sozinha desde que eu estive em seu ventre, meu pai morreu em uma explosão, que teve na empresa de química que trabalhava, após isso, minha mãe não teve auxílio dos meus avós porque ela saiu de casa para viver com o homem que meu avô desprezava. Quando meu pai morreu minha mãe foi em busca de ajuda dos meus avós, mas eles se negaram a ajudá-la ao saber que em breve teria uma criança vindo ao mundo.

— Te amo, mamãe... Não me arrependo de nada que fiz... Por você eu faria tudo de novo — confesso entre soluços. Desde meus 21 anos venho lutando pela vida da minha mãe, há dez anos estou nessa, mas só com ajuda de bons profissionais alcançamos uma melhoria, graças ao investimento do Marcos.

— Também amo você, meu tesouro — ela balbucia, trêmula. — Eu te agradeço por nunca ter desistido de mim, nem mesmo quando eu me alterava e lhe dizia coisas feias.

— Se lembra quando eu tinha 15 anos e eu briguei na escola a senhora me disse uma palavra que até hoje carrego comigo? — Sorrio, emocionada. — Os pais cuidam dos filhos e os filhos depois cuidam dos pais.

— Sim, meu amor... Em algum momento da vida os papéis invertem e os pais que precisam ser cuidados, e eu só tenho a agradecer pela bênção que

Deus me deu, que é você minha Thais — Minha mãe toca em meu rosto com delicadeza.

— Mãe, pedi a Crys para poder ficar com a senhora enquanto vou resolver algumas coisas no centro da cidade, tudo bem? — Inquiro.

— Está tudo bem com você? Estou te achando tão tristonha esses dias...

— Estou bem sim, só um pouco cansada — Minto ao dar meu melhor sorriso.

— Mmm, sei — diz ela desconfiada. — Você me disse que as suas férias durariam quanto tempo mesmo? E o seu namorado, aquele que mora em outra cidade, vocês terminaram mesmo?

— É... É... Sim! Max e eu não estávamos nos dando bem, decidimos dar um fim no nosso relacionamento antes que um de nós saísse magoado — Minto, com muita dor no coração por estar ciente da mentira que estou contanto. Infelizmente é necessário, não quero vê-la preocupada comigo.

— Você nunca esqueceu o Oscar — diz convicta.

— Ainda o amo — declaro. — Mas ele nunca vai me perdoar pelo que fiz com o nosso relacionamento...

— Thais, cheguei! — Calo-me ao ouvir a voz de Crys invadindo o quarto. Não ouvi a porta sendo aberta, talvez eu tenha me distraído demais com meus pensamentos, os quais andam tirando meu sono. — Me desculpe pela demora, antes de vir para cá tive que pagar uma conta.

— Tudo bem, eu também já estou de saída, obrigada por ter vindo — agradeço. Desde que Crys começou a trabalhar aqui em casa eu lhe dei uma cópia das chaves para que pudesse ter acesso livre a casa, ela sempre me demonstrou confiança durante tanto tempo, então por que eu não poderia demonstrar isso também?

— Sempre que precisar — diz Crys, se aproximando da minha mãe. —

Bom dia, Camila — Minha mãe sorri para Crys que retribui na mesma hora.

— Bom dia, minha filha.

— Já vou indo, mãe — digo, ao encarar as duas mulheres. — Eu sei que estou te deixando em boas mãos.

— Boa sorte — Minha mãe deseja e eu concordo com um meneio de cabeça antes de dar as costas para ela e seguir em direção à saída.



Mesmo com medo eu toco pela terceira vez na campainha da casa de Marcos, mais uma vez sem sucesso, ninguém aparece, cansada de tentar ser atendida começo a cogitar a possibilidade de desistir de falar com ele.

— Só mais uma vez... — aperto outra vez o botão branco. Ao sentir uma sensação ruim eu me encosto na parede e fecho os olhos.

— Bom dia, quem gostaria? — Gelo ao ouvir a voz de quem eu não esperava.

— B... Bom... Dia — Gaguejo ao finalmente olhar para Olga, esposa de Marcos que me olha com fúria.

— O que você quer sua inútil? — a mulher pergunta sendo arrogante. — Quer o que aqui? Dinheiro para tratar da sua mãe alcoólatra? Aquela velha ainda não morreu? — Meus olhos enchem de lágrimas ao ouvir tanta barbaridade. Ela sabe quem é a minha fraqueza e faz questão de expor isso.

— Por que fala assim? O que eu te fiz? Cadê o Marcos? — pergunto tentando não abaixar a cabeça para a mulher.

— Aquele fraco me deixou por causa daquela rata! Por anos eu fiz de tudo para que ele desse as costas para aquela garota, que desde o ventre da mãe veio me atrapalhando em meus planos — confessa Olga sem perceber, a sua fúria era tanta que estava revelando tais coisas que, com certeza se tivesse com total consciência não me diria.

— Eu preciso falar com Marcos, senhora — repito, fingindo não ter ouvido declarar tanto ódio para Lara.

— Está surda? Eu disse que Marcos foi embora, por agora está bancando um homem arrependido — Ela revira os olhos. — Coitado, como se essas ações fosse fazer Lara perdoá-lo! Ela é hipócrita igual a mãe... Ana era uma idiota orgulhosa e a filha tem o mesmo gênio que ela.

— Meu interesse é saber onde Marcos se encontra e não sobre Lara — falo friamente para que ela se cale.

— Se quer saber aonde ele está, que procure — Alfineta Olga. — Não tenho cara de quem faz caridade, agora saia da minha casa.

— Eu realmente preciso falar com ele, é importante — Perco a paciência ao falar mais alto do que planejava.

— O que você quer falar? Pedir perdão a Marcos por ter contato a Lara e ao amiguinho dela protetor que ele te pagou para separá-los? Ou você quer mais dinheiro para bancar o tratamento da sua mãe viciada? — ela provoca, sem pensar eu lhe dou um tapa no rosto.

— Você não fez isso — Olga rosna com a mão no local onde dei um tapa.

— Nunca mais fale da minha mãe! Quem é você para falar da minha mãe? Ela não tem nada a ver com essa história, não ponha uma pessoa inocente nas suas sujeiras — falo. Eu sei que o que acabei de fazer vai me trazer consequências, mas não me arrependo de ter defendido quem eu amo.

— Suma da minha frente antes que eu mande alguém dar um fim na sua existência sua pobretona — Olga aponta o dedo em meu rosto. — Estou lhe dando uma chance de sair viva daqui.

— Eu espero que um dia você pague por tudo que fez e está fazendo — digo em baixo tom, mas sei que ela pôde ouvir.

— Eu tenho tudo, garota — Ela começa a gargalhar. — Sou uma

mulher poderosa, tenho muito dinheiro e, ele pode me dar o que eu quero, e na hora que eu quiser.

— Você pode ter tudo, mas a única coisa que você não tem em sua vida é Deus, posso ver isso.

— Deus? Não seja retardada! Você diz ter um Deus em sua vida, mas cadê ele? Você continua na miséria, continua pobre! Já eu, tenho tudo — Ela debocha sendo venenosa.

— O meu Deus me fortalece todos os dias, o meu Deus é vivo, Ele que não me deixa desistir — rebato. — E você, Olga, pode ter todo o dinheiro do mundo, mas nunca vai saber o que é amor de verdade. Você é uma mulher fria que acha que seu dinheiro pode alcançar tudo, mas está enganada! Todas as pessoas ao seu redor te odeiam ou estão com você por interesse.

— Saia daqui! — A mulher me empurra para trás tão forte que eu caio.

— Não precisa pedir, você não é a pessoa que procuro — sussurro me sentindo um pouco aliviada por ter conseguido desabafar.



LARA MORAES

— Estou ansiosa... Muito nervosa... — comento ao encarar Max, que sorri. Há uma hora ele me disse que a mãe e a avó dele iriam vir a Porto Vermelho, de antemão fiquei com medo da reação delas em relação a nós dois, mas depois me tranquilizei ao lembrar que Isabela e Nicole gostam muito de mim, acredito que elas não irão me odiar por estar namorando Max.

— Elas vão adorar vê-la, principalmente minha avó, ela te ama.

— Me sinto mais aliviada — Dou uma risada nervosa. — Mas... Será que não vão pensar que eu roubei você da Thais?

— De onde tirou essa ideia? — Max me olha chateado. — Em momento algum você me roubou da Thais, nunca pense isso.

— São tantas coisas que se passam em minha cabeça.

— Por favor, não se reprima por algo que não é verdade. A Thais sempre foi uma farsa em minha vida, o nosso namoro se tornou uma mentira quando descobri das suas armações com Marcos.

— Tudo bem, tudo bem... Agora estou mais calma — Sinto minhas mãos tremerem quando me viro para Max que continua me seguir com seus lindos olhos. — Aonde está Lipe?

— Ele está jogando videogame — diz.

— Céus, ele ama esse videogame! — constato.

— Demais — Max ri.

— Amor, pode me ajudar aqui? — peço ao estender meu colar em direção a Max, que não demora muito para estar de pé atrás de mim.

— Ele vai ficar lindo em você — diz ele, pegando o colar de pedrinhas brancas da minha mão.

— Você teve bom gosto... Ele é realmente magnífico — sussurro encantada.

— Quando bati os olhos nele soube que você gostaria — revela, colocando a joia em meu pescoço.

— Obrigada — agradeço. — Obrigada por estar me proporcionando paz, amor... E muitas coisas — Toco em sua mão.

— Tudo por você, meu amor — diz e meus olhos enchem de lágrimas.

— Acho que já estou pronta — murmuro com a voz embargada. O celular de Max toca e ele se afasta de mim para atender.

— Sim... É ele — fala de costas para mim com o aparelho encostado à orelha. — Não, agora eu não posso comparecer na empresa.

Silenciosamente observo tudo calada e ao mesmo tempo com medo do que possa estar por vir, ainda mais agora que eu descobri que Marcos é meu pai e de todas as trapaças dele por causa de dinheiro. Será que Marcos faria algum mal a Max só para me atingir? Não, ele não chegaria tão baixo assim.

— Sr. Fiamenghi, vou ver o que posso fazer pelo senhor — A voz de Max estava tensa. — Sim, claro... Me aguarde, chego em poucos minutos — ele desliga a ligação.

— O que aconteceu? — indago preocupada.

— Um dos acionistas da empresa quer conversar comigo, tentei remarcá-lo para outro dia, mas parece que é importante, sinto muito... Preciso ir — confessa Max, soando muito preocupado. — Nenhum dos acionistas tiveram a precisão de entrar em contato diretamente comigo, sempre entravam em contato com Aline para que ela me passasse o recado.

— Resolva o que tem para resolver, pode deixar comigo — falo me aproximando dele. — Posso cuidar da sua mãe e da sua avó enquanto você não volta.

— Infelizmente não posso adiar, mas eu sei que você será uma ótima companhia para elas.

— Boa sorte — Desejo ao abraçá-lo. — Qualquer coisa me ligue.

— Obrigado — diz ele, saindo do meu abraço. — Já vou indo.

— Meu Deus... O que está havendo — sussurro ao ver Max saindo do nosso quarto com o semblante caído. Será que eu deveria ligar para Nicole e avisar sobre a saída de Max? Não, melhor não, vou esperar elas chegarem.



MAX PRADO

Assim que cheguei à empresa vi Álvaro Fiamenghi a minha espera, o cumprimentei rapidamente e pedi para que me acompanhasse até minha sala, no trajeto perguntei o motivo da emergência, mas fui ignorado quando ele disse que preferiria conversar comigo a sós ao perceber a presença de Aline, mesmo sem entender os motivos do acionista eu pedi a minha secretária que

se retirasse. Gosto do serviço de Aline, apesar de ela ser meio atrapalhada, consegue me ajudar bastante.

— Pronto, estamos a sós, o que tem para me dizer de tão urgente que não poderia me falar por telefone? — pergunto, quando entramos em minha sala.

— Eu quero vender as ações que tenho na empresa para uma amiga — ele diz sem rodeios.

— Certo — exclamo, surpreso. — Tem certeza disso?

— Sim. Estou indo para outro ramo e ficar aqui não me convém mais.

— Tudo bem — concordo, preocupado. — Mas você deveria analisar antes de fazer besteira — perder um acionista não é bom para nenhuma empresa. O que Álvaro está fazendo pode desestabilizar os negócios, sabe-se lá para quem é essa amiga que ele vai vender as ações.

— Tenho anos trabalhando em grandes negócios não vai ser agora que vou errar.

— Não estou dizendo que a sua decisão é errada — defendo-me. — Só aconselho pensar melhor.

— Já pensei.

— Certo. Essa sua amiga é conhecida? — Não escondo a preocupação.

— Olga Ruiz. Esposa do empresário Marcos Teles.

— O quê? — acabo falando mais alto que planejava, não acredito no que ouvi.

— Venho conversando com ela há um mês, Olga se mostrou muito interessada — revela me deixando desconfiado. Desde quando ele tem amizade com aquela mulher? Eu nunca soube disso, mas também não teria como saber, nunca fomos muito próximos. — Ela tem boas intenções.

— O que ela não tem é boas intenções — Deixo escapar por mais que eu tenha falado baixo.

— A conhece? — Álvaro me olha fingindo estar surpreso.

— A enteada dela é minha mulher — Pelo que vejo terei que fazer algo que não gosto, falar da minha vida pessoal.

— Estou surpreso — O homem nem me olha nos olhos. Cínico. — Pensei que sua namorada fosse a Thais.

— Não quero discutir minha vida pessoal. — Sou direto.

— Me desculpe.

— Vamos continuar — eu o ignoro.

— Sra. Ruiz me procurou, me propôs um valor muito alto, mais do que o preço que estava disposto a vender.

— É tudo questão de dinheiro? — Olho-o indignado. — Vai colocar a empresa nas mãos de u...

— Posso estar enganado, mas parece que você está levando muito para o lado pessoal. Você e Olga não se dão bem?

— Quanto quer nas ações, Fiamenghi?

— Acho que você não teria o valor — diz.

— E por que não? Sou acionista majoritário, tenho o suficiente.

— Max... Eu já conversei...

— Está tentando me sabotar? Quanto sua amiga está te pagando para fazer isso tudo? — dou uma risada amarga.

— Vamos lá, seja um homem honesto pelo menos uma vez em sua

vida!

— Como ousa me acusar de uma coisa tão absurda como essa?

— Absurda? Faça-me o favor! Você quer entregar suas ações a uma mulher que jamais esteve nesse ramo.

— Quero me desfazer das ações, então não vejo o porquê de ficar preso a algo que não me agrada mais, Sr. Prado.

— Eu compro suas ações, me dê um valor — insisto.

— Não volto atrás das minhas decisões, Max.

— Tudo bem, é uma escolha sua.

— Sim, é.

— Estou decepcionado com sua atitude — falo. — Jamais pensei que pudesse agir desta maneira.

— Nunca fomos melhores amigos para que você venha me dizer que lhe decepcionei.

— Por favor se retire da minha sala, a nossa conversa acaba aqui, senhor.

— Em breve retorno com meu advogado — Não respondo. Álvaro sai da minha sala e eu o sigo até minha mesa, e sento-me na cadeira para colocar os pensamentos no lugar. O que está havendo? O que Olga Ruiz pretende dentro da minha empresa? Já na basta ter feito a vida de Lara todos esses anos um inferno. Se essa senhora acha que pode comigo está muito enganada. Não cairei em seu joguinho sujo.

Mando uma mensagem para minha ruiva perguntando da minha mãe e minha avó, e em poucos minutos recebo sua resposta.

→ *Elas já estão aqui. Sua avó queria ir te ver na empresa, mas eu pedi*

*que te esperasse chegar, graças a Deus senhora Isa foi compreensiva.
Estamos te aguardando ansiosamente. **Te amo!***



LARA MORAES

Ontem Max chegou na hora do jantar, sua mãe e avó ficaram preocupadas quando ele me enviou mais uma mensagem avisando que ficaria mais algumas horas na empresa para assinar alguns documentos, não o questionei, mas Nicole ligou para o filho e perguntou se estava tudo bem, meu noivo afirmou que sim e disse que logo estaria conosco, só assim minha sogra ficou aliviada e disposta para conversar. Só sei que ontem à noite rendeu, rimos, conversamos sobre várias coisas, senhora Isa deu muitos cheiros em Lipe e até contou histórias para meu menino que parecia estar contente com a visita que estávamos tendo.

O dia amanheceu lindo demais, principalmente porque estamos todos reunidos tomando café como uma verdadeira família, o que eu nunca tive em toda minha vida. Dona Isabela fez um bolo de milho com a ajuda de Nicole, quem mais amou saber que teríamos bolo no café foi Lipe, meu menino é uma verdadeira formiguinha, ama coisas doces.

— Mmmm... Isso aqui está muito bom, vó Isa! — diz Felipe, com um belo sorriso. Meu filho tem brilho nos olhos, ele está feliz, posso ver isso.

— Então come tudo meu netinho lindo! — Todos nós demos risada

quando vimos meu ruivinho ficar com as bochechas coradas quando senhora Isabela beijou a cabeça dele.

— Parece que minha avó arrumou um novo xodó — Max sussurra perto do meu ouvido e eu dou uma risada baixa.

— Ela sempre teve um carinho imenso por ele... Ainda me lembro de quando Lipe era pequeno, dona Isabela amava pegá-lo no colo e sempre me pedia para voltar mais vezes à casa de vocês.

— O que vocês dois tanto cochicham, aí? — Envergonhada, olho para a mãe de Max. — Queremos saber! — Nicole Prado é uma mulher excelente, uma mãe presente, ela ama demais esse filho. Meus olhos enchem de lágrimas quando lembro de ontem a noite quando a perguntei se não tinha receio por agora eu estar com o filho dela e não a Thais, ela simplesmente sorriu e veio me abraçar dizendo que sempre soube que Max me amava, desde a época que eu namorava Vinicius.

— Minha avó não larga mais o Lipe, olhe para ela como está babando por esse neto — diz meu noivo.

— Aposto que está com ciúmes dessa velha aqui — Não me aguento e gargalho quando senhora Isa retruca para Max. — Não se preocupe meu filho, meu coração de avó é enorme!

— Ah, se é! Antes de virmos para cá minha sogra já estava falando em Lara ter logo um bebê para deixar a família mais completa — confessa Nicole. Engasgo-me com minha própria saliva ao me lembrar que Max e eu não usamos proteção e eu não tomei a pílula do dia seguinte. Estou há três dias sentindo enjoos, e meus seios estão um pouco sensíveis, mas não falei nada a ele, vai que seja um alarme falso.

— Max, podemos conversar em particular? — Disparo preocupada.

— Claro que sim — Ele olha para a família, logo após se levanta. — Mãe, a senhora pode olhar o Felipe por alguns instantes?

— Podem ficar tranquilos — ela afirma. Automaticamente levo minha

mão até a do meu noivo, não demora muito para que ele entrelace seus dedos aos meus.

— O que foi? Sua mão está gelada.

— Vamos até o nosso quarto — peço em sussurro quando já estamos na sala. — É algo muito delicado.

— Tudo bem..., mas você se sente mal? Você está mais branca que o normal e ainda por cima está muito gelada — Ele toca em minha testa.

— Estou bem sim — Forço um sorriso. — Vamos...

— Tá.

Quando entramos no quarto eu me sento logo na cama, agoniada começo a passar a mão no pescoço, de repente um nó se forma em minha garganta. Estou preocupada, eu sei que é apenas uma possibilidade, mas prometemos um para o outro que sempre seríamos sinceros um com o outro.

— Pronto minha linda, estamos sozinhos, pode me dizer o que está te deixando aflita — fala ao fechar a porta.

— Sua mãe estava falando sobre termos um filho, aí me lembrei que nós não usamos preservativo. Eu sei que já tem dias isso, mas só agora... — não consigo concluir.

— Se acalme — O homem vem em minha direção e se senta ao meu lado, seguidamente pega em meu rosto para que eu possa encará-lo.

— Não planejamos ter filhos por agora... É tão novo nosso relacionamento — sinto minha garganta arder.

— Não tenha medo, estou ao lado — Max beija meu rosto e eu fecho os olhos aliviada. — É normal você estar assim.

— Tenho medo — Minhas lágrimas descem. — Já fui magoada no passado, criei meu filho praticamente sozinha e a base de humilhações...

— Fale com calma, respire um pouco — pede ao sorrir.

— Me desculpe.

— É só uma possibilidade, não é? Vamos esperar alguns dias.

— Minha menstruação não deu sinal — Acrescento receosa.

— Olhe para mim, quero que olhe bem em meus olhos para que possa me entender bem e ver que minhas palavras não são vazias.

— Talvez ache que esse meu comportamento seja bobo... Imaturo... — Gaguejo trêmula.

— Lara, só me escute.

— Tudo bem — Concordo.

— Eu sei da sua luta, quem mais sabe sou eu, antes de qualquer coisa eu fui, ainda sou seu melhor amigo. Estou ciente que não é nada fácil cuidar de uma criança, principalmente quando está sem apoio. Meu amor, eu sei que ser mãe não é uma tarefa fácil, mas estou disposto a estar ao seu lado para o que der e vier. Estou me oferecendo para ser seu marido, melhor amigo e pai do seu filho, do nosso filho! Quero assumir Felipe, mas não é porque te amo, e vai ser minha esposa, é porque eu amo aquele menino desde que ele nasceu, tenho um carinho enorme por Lipe. Lara, eu quero te dar o mundo, quero ser o primeiro e único homem que vai te proporcionar uma família de verdade, confie em mim, não tenha medo — Quando Max termina de falar eu choro comovida por causa das palavras. — Me deixe curar suas feridas com meu amor, me deixe quebrar as barreiras desse medo que vive tomando conta de você.

— Max...

— Nunca fui tão bom com as palavras, você sabe — Ele ri e eu o acompanho. — Mas por você eu posso ser tudo.

— E se eu estiver grávida?

— Um bebê nosso sempre será *bem-vindo* — Soluço quando meu noivo toca em minha barriga. — Não importa se ele venha daqui a alguns meses, anos, não importa.

— Eu já disse que você é muito fofo? — Limpo meu rosto molhado. — Te amo demais.

— Case comigo daqui a um mês?

— Daqui a *um mês*? — pergunto desacreditada.

— Se quiser podemos nos casar hoje mesmo.

— Hoje não!

— Então a proposta para daqui a um mês está de pé? — insiste.

— Sim, amor. Está sim — Max me olha com tanta adoração que eu fico toda derretida por dentro. *Que homem*.

— Sabia que você é a razão da minha felicidade?

— Obrigada por me proporcionar muitos sorrisos, Max. Você faz meus dias serem os melhores, mesmo que estejam tempestuosos.

— Estarei ao seu lado sempre que precisar, meu anjo.



MARCOS TELES

Alguns dias depois...

— A mulher está descontrolada, patrão — Souza, meu motorista, diz. O mandei ficar de olho em Olga desde que a deixei em casa. Depois de muitos anos estou livre da mulher que nunca amei. Até hoje me pergunto como pude me envolver com alguém como ela, mas eu já tenho a resposta: Eu era tão sujo quanto ela. Não digo que agora sou um santo, porque estou arrependido do que fiz com minha filha durante esses anos, porém me sinto aliviado e quero me redimir, tentar também recuperar os anos que perdi.

— Qualquer falha dela me avise. Essa mulher não pode fazer nenhum mal à Lara e ao meu neto. Ela não pode ir até Porto Vermelho — Quando sai de casa fiz Olga me prometer que não iria fazer nenhum mal à Lara, a mulher riu da minha cara e disse que eu estava me comportando como um idiota.

— Sim, senhor! Ontem ela foi até o shopping com uma daquelas amigas que ela costuma a sair sempre para fazer compras.

— Certo. Quero que você fique vigiando todos os passos dela. Não a perca de vista. Olga é traiçoeira, no mínimo está aprontando algo para se

vingar.

— O senhor que manda! — Souza é um funcionário exemplar, desde os seis anos de Lara que o homem trabalha para mim, ele sabe que sou pai da minha sobrinha.

— Outra coisa — Tiro uma caderneta e caneta da minha gaveta de documentos e começo anotar meu endereço para que meu motorista passe para Thais, preciso falar com ela. — Procure Thais, aquela moça que namorava com Max Prado.

— Aquela morena bonita?

— Ela mesma. Diga que esse endereço é o meu, fale que quero vê-la às 4h.

— Pode deixar! Devo ir agora fazer isso, Sr. Marcos?

— Sim. Preciso conversar com ela, urgentemente.

— Vou fazer tudo certo! Com licença, senhor! — Souza sai da sala e eu volto a fazer o que estava fazendo — olhando o álbum das fotos de Lara quando era pequena — antes do homem entrar para me dizer como minha esposa está se comportando na minha ausência. Pretendo mais rápido possível ter o divórcio, não quero passar mais nenhum dia ligado àquela mulher.

— Você puxou a beleza da sua mãe, assim como a inocência — sussurro olhando para a imagem onde minha menina tinha completado oito anos. Seus cabelos são tão vermelhos quanto o fogo, e mesmo que tenha crescido o sorriso continua o mesmo, tímido e encantador. Sinto-me um monstro por ter destruído a vida da minha própria filha, eu aniquilei sua infância, destruí seus sonhos.



Passei a tarde toda pensando no passado, pensando na morte de Ana e do meu irmão, e em como eu acabei com a amor dos dois, eu fui egoísta e

inconsequente. Eu, Marcos destruí todas as coisas boas ao meu redor. Com as mãos trêmulas guardo o álbum dentro da gaveta, logo após limpo meu rosto que está molhado pelas lágrimas que deixei cair.

— Quando enxergamos nossos erros já é tarde demais, pelo menos para mim — murmuro, apesar de estar sozinho. Fazer o quê? Pessoas como eu devem acabar sozinhos, e nesse momento eu estou completamente sozinho, sem ninguém ao meu lado.

Meu celular começa a tocar, desconfiado, rapidamente atendendo sem nem olhar para saber quem é, talvez seja Souza com alguma notícia de Olga.

— Alô.

— *Boa tarde, Marcos* — Reconheço a voz de Max. Surpreso eu falo:

— Max Prado?

— *Sim. Sou eu.*

— Por que está me ligando? Aconteceu alguma coisa com meu neto e a mãe dele? — pergunto sem me importar se serei julgado ou não.

— *Não exatamente.*

— Seja mais claro. Detesto rodeios, Sr. Prado

— *Vejo que continua com a mesma arrogância, senhor.*

— Estou cheio de problemas, não estou com tempo para rodeios.

— *Tudo bem. Me desculpe, parece que estamos passando pela mesma coisa* — Ele dá uma risada seca do outro lado da linha.

— O que o fez ligar para mim? É uma novidade.

— *A sua mulher está tentando me destruir, eu não sei até onde ela vai para conseguir o que quer.*

— Como é?

— *Isso mesmo que acabou de ouvir, meu senhor! Eu não sei até onde vai o ódio da sua esposa pela minha ruiva e por mim. Olha, Ruiz quer ser sócia dentro da minha empresa, justamente dentro da minha! Essa mulher está descontrolada. E eu sei que ela não tem boas intenções! O acionista Álvaro Fiamenghi está decidido a passar as ações para sua esposa.*

— Sim, ela não tem boas intenções. Olga odeia Lara, assim como odiava Ana. Minha esposa nunca gostou da minha filha.

— *Agora minha noiva é sua filha? Que irônico. Essa sua mudança é repentina.*

— Eu não mudei. Só reconheci meus erros. Mas me diga no que posso ser útil?

— *Preciso que você pare essa mulher.*

— Talvez eu saiba por que ela esteja querendo ser sócia dentro do seu negócio — revelo.

— *Por quê?*

— Saí de casa tem uns dias, Olga acha que eu estou do lado de Lara.

— *E de que lado você está, Marcos?* — Max é direto.

— Não sei por que estou prestes a te dizer isso agora, mas Max, eu preciso do perdão da minha filha, preciso tanto do perdão dela... É inexplicável esse sentimento, mas Lara precisa saber que eu...

— *Marcos, é difícil acreditar na sua mudança, mas se está sendo verdadeiro tente convencer Lara disso, mostre a ela que você está mudado. Infelizmente eu não posso ser por você, não depois de tudo que a fez passar.*

— Vou te ajudar com Olga, mas eu nunca disse que queria algo em troca.

— *Eu sei disso.*

— Agradeço por ter entrado em contato. Até breve, Sr. Prado —
Encerro a ligação antes que o homem possa responder. Tenho certeza que Olga pretende atingir Lara, ela não está satisfeita com tudo que já fez. Essa mulher não tem limites para suas maldades, eu vou pará-la, nem que isso custe a minha vida.

Digito uma mensagem para Souza perguntando do paradeiro de Olga, demora alguns minutos e ele me responde dizendo que minha esposa está colocando algumas malas para fora e o porta-malas do carro dela está aberto. Xequemate. Ela vai até Porto Vermelho. Para confirmar minhas dúvidas passo outra mensagem para meu motorista perguntando se ele já sabe para onde Olga pretende seguir viagem, logo tenho a resposta que queria; Souza me confirma que ouviu a megera conversando no celular com um homem chamado Álvaro, os dois falavam sobre as ações da empresa de Max Prado. Hoje mesmo parto para Porto Vermelho. Pela primeira vez em minha vida fazer o bem.



MAX PRADO

— Meu filho, você soube escolher bem, essa casa é perfeita — Minha mãe diz ao me abraçar por trás. Há um mês comprei uma casa para Lara e eu, com a ajuda da minha secretária, e com algumas perguntas que eu fazia a minha ruiva, sem que ela pudesse desconfiar de nada. Nesse nosso novo lar tem tudo que uma família poderia querer; piscina, uma pequena quadra de esportes na parte dos fundos e um jardim tão lindo e cheio de vida. A casa tem dois andares e todas as janelas e portas são de vidros. Eu encontrei o lugar perfeito para construir minha família, e é aqui que pretendo viver ao lado da minha esposa até os últimos dias das nossas vidas.

— Isso aqui não se compara a nada do que ainda pretendo dar a ela. Mãe, essa mulher merece tudo de bom. Lara é a minha inspiração, eu a amo tanto. Nem sei por que fui tão covarde durante esses anos, eu já deveria ter contando sobre meu amor para ela.

— Meu bem, nada é por acaso — A voz de Nicole é como uma calma. Amo tanto minha mãe, ela me entende tão bem. Minha melhor conselheira. — Às vezes temos que passar por coisas que nem imaginamos. É como se fosse um aprendizado, sabe? Tudo o que passamos de ruim é para levarmos como experiência.

— É, eu sei.

— Ainda está chateado com o que Thais fez, meu filho?

— Se eu disser que não sinto nada por ela, nem mesmo rancor, a senhora acreditaria? — confesso. — De início fiquei sim magoado, não por Thais ter fingido ter sentimentos por mim, mas pelo seu mau caráter.

— Você tem um bom coração, Max. Não leva nada para o peito, me orgulho muito disso.

— Se hoje sou um homem tão íntegro é por causa da senhora e minha avó, duas grandes mulheres que souberam me educar.

— Assim eu fico boba.

— Mas é a verdade, Nicole.

— Não gosto quando me chama pelo nome — Ela faz careta.

— Me desculpe, mãe — pego sua mão e deponho um beijo.

— Filho, o que você resolveu com Álvaro? Ele vai mesmo vender as ações para Olga?

— Até agora ele não pronunciou, já se passou dias e nada de ele aparecer na empresa, nem mesmo seu advogado. Apesar de eu estar estranhando, estou bem tranquilo, e quanto mais Álvaro demorar, eu terei tempo para agir.

— Se quiser eu posso...

— Não. Pode deixar comigo, não quero envolvê-la nisso — falo baixo.
— Prezo pela sua segurança.

— Meu filho...

Nicole se cala quando ouvimos alguns passos em nossa direção. É

minha ruiva, minha avó e Felipe.

— Max, você pensou em tudo — diz Lara se aproximando. — O jardim...

— Você sempre sonhou em ter um jardim — Completo.

— É tudo um sonho — Ela sorri com os olhos lacrimejados. As únicas lágrimas que irei tirar da minha mulher serão de felicidade, porque eu nunca a farei chorar se não for por um motivo bom.

— Não é um sonho, querida. Isso tudo é seu — Nicole me solta do seu abraço e vai até dona Isa. — É o nosso lar.

— Agora quem está sonhando sou eu! Finalmente meu neto está com a mulher certa! — fala minha avó e eu franzo o cenho.

— Vovó — Repreendo-a constrangido.

— Até ganhei um netinho para completar o pacote! Venha aqui, Felipe! — Meu sorriso está enorme, estou tão feliz que nada consegue estragar minha felicidade hoje, principalmente porque ontem conversei com Marcos e ele disse que pararia Olga Ruiz. Mesmo que eu não tenha tanta certeza disso vou me manter na esperança.

— Minha sogra é uma graça. — diz Nicole. — Meu bem, quando vocês se mudam para cá?

— Combinamos que só vamos nos mudar, após o nosso casamento — respondo.

— Irão mesmo se casar daqui a um mês? Não está muito em cima? Fazer um casamento não é nada fácil... tem convites, o buffet e tudo mais.

— Queremos algo simples, Nicole — diz minha noiva. — Por enquanto iremos trocar nossos votos no cartório.

— Para mim tanto faz! O que importa é que se casem logo e encham

minha casa em Santa Felipa de bisnetinhos!

— Acho que dona Isa quer um time de futebol — Lara brinca.

— E estou errada? — Minha avó retruca.

— A senhora está deixando minha ruiva envergonhada, dona Isa! — Cutuco a onça.

— Ah, deixe de besteira! Ela sabe que eu adoro ver vocês juntos!

— Max, podemos ir embora? De repente me deu uma vertigem... Não sei explicar — Lara cochicha.

— Claro — Concordo a abraçando.



Quando estávamos vindo embora Lara me pediu para parar em uma farmácia para comprar um teste de gravidez. Assim que entramos no estabelecimento vi algumas funcionárias do local me olhando com curiosidade quando pedi ao rapaz do balcão que me desse um teste de gravidez, eu sei que fui mais adiantado, mas não nego estar ansioso para saber o resultado. Ao fazer o pagamento entreguei a sacola para minha ruiva, que me deu um pequeno sorriso e pegou em minha mão para que seguíssemos de volta para o carro. Nossa viagem não foi cansativa, a casa que em breve iremos morar fica a 3 quilômetros da minha atual, em poucos minutos já estávamos de volta. Felipe já curtiava seu videogame no quarto, minha avó assim que chegamos disse que dormiria um pouco, já minha mãe estava muito calada, ela nos pediu licença e seguiu para seu quarto, nesse momento estamos só eu e minha futura esposa na sala.

— Vou fazer no banheiro — diz Lara que mesmo sem fazer o teste já estava sentindo alguns sintomas, mas preferia ter certeza antes de se precipitar.

— Estou aqui te esperando, qualquer coisa é só me chamar — Beijo sua testa, logo após entrelaço nossos dedos. Concordando, ela se levanta e

segue em direção ao corredor me deixando sozinho com meus pensamentos. Espero que Lara esteja grávida, um filho nosso será uma bênção, um fruto do nosso amor.

Hoje. Agora. Sinto-me um homem realizado de todas as formas. Talvez não exista muitos homens como eu hoje em dia, mas eu prezo muito pelo amor da minha companheira, então se ela estiver feliz eu também vou estar, se ela estiver triste eu também ficarei. E assim vai. Gosto de ter uma relação saudável. Compartilhar os mesmos sentimentos, não ter reservas, se entregar por inteiro.

Meu celular começa a tocar no bolso da minha calça e eu me assusto, rapidamente o pego. Desconfiado tento identificar o número, porém percebo que é desconhecido. Quem perde tempo fazendo essas coisas. Atendo mesmo sem saber quem é.

— Alô.

— *Quem você pensa que é para envolver meu marido em meus negócios?* — Reconheço a voz de Olga Ruiz. Antes de responder a mulher, olho para todos os cantos da sala, principalmente para o corredor, não quero que Lara fique perturbada com esse meu novo problema.

— Minha senhora, eu acho muita audácia da sua parte me ligar para fazer uma perguntar dessas sendo que já tem a resposta.

— *Seu...*

— Escute bem, senhora. Porque essa será a última vez que vai me ligar para me incomodar. — falo baixo. — Na minha empresa mando eu, lá só entra quem eu quero, e você não é bem-vinda. Se acha que vai me atingir através disso está enganada.

— *É tudo culpa dessa ratinha, ela sempre esteve em meu caminho... Lara seria um alvo fácil se você não tivesse se envolvido.*

— Você tem obsessão por sua enteada. Desde a adolescência de Lara que eu percebia isso. Me diga. O que pretende com esse joguinho? Acha que

se tornando sócia da minha empresa vai conseguir se aproximar da minha noiva para lhe fazer mal?

— *Não sabe do que sou capaz, Sr. Prado.*

— Posso imaginar. Te aconselho a procurar um profissional para tratar do seu problema, minha senhora.

— *Não se engane. Tudo o que já fiz, e faço é consciente. Têm pessoas que já nascem para fazer maldade.*

Silenciosamente escuto Olga Ruiz. A esposa de Marcos nunca tratou Lara bem, ainda me lembro das vezes que minha amiga vinha atrás de mim chorando dizendo o quanto a “tia” a fazia mal, a humilhava por besteiras e jamais pedia perdão pelos atos, por mais que soubesse quem era a errada da história.

— *Além de ser trouxe é mal-educado.*

— Tenha uma boa tarde. E não me ligue mais. Posso registrar um Boletim Ocorrência contra você na delegacia mais próxima que tiver aqui.

— *Já viu quem tem dinheiro ir parar na cadeia? Não fale bobagens. Com todo dinheiro que tenho posso comprar tudo. Tudo mesmo.*

— A senhora pode achar que tem tudo, mas algo que nunca vai conquistar, de verdade, é a felicidade, felicidade não se compra. Por isso é tão amargurada assim. Não tem ninguém por você.

— *Eu vou comprar a sua felicidade, ou melhor, vou tomá-la para sempre.*

— Olha aqui... — A chamada é encerrada sem que eu possa completar o que queria dizer. Preocupado desligo meu celular e volto a guardá-lo.

— Max — Abruptamente me levanto ao ouvir Lara. As mãos dela tremem, seus olhos estão vermelhos, um sorriso vacila em seus lábios, eu não entendo o que significa, mas quero saber. Será que vai vir uma notícia boa ou

ruim?

— Está tudo bem? — Hesito em perguntar. Minha ruiva não me responde nada, só caminha até onde estou e me abraça tão forte que eu gargalho. — Quanta força!

— Eu estou *grávida*. Deu positivo.

— Como se sente? — Sem pensar direito em minhas ações eu a tiro dos meus braços e me ajoelho em sua frente.

— É inexplicável... É uma sensação boa. Acho que já é amor — Ela ri e eu acompanho.

— Sei que ainda deve ser do tamanho de um feijãozinho..., mas posso tocar em sua barriga?

— Pode sim — Gagueja, com a voz embargada. Bobo eu toco na barriga da minha ruiva por cima do tecido da blusa. Dou um sorriso ao imaginar como será nossas vidas daqui a alguns anos. Meu Deus, como estou feliz, realizado.

— Vocês são minha vida. — sussurro. — É tão novo, mas já fico imaginando nossa filha correndo, brincando com o Lipe...

— Amanhã vou com minha sogra fazer o exame de sangue, quero confirmar de uma vez — Ela começa acariciar meu cabelo quando encosto o rosto em sua barriga.

— Não vou poder estar presente, mas quando eu voltar da empresa me conte tudo.

— Pode deixar. — Tudo está se encaixando, só preciso resolver meu problema com Álvaro e Olga, para que eu possa enfim respirar em paz.



LARA MORAES

Hoje Max levou Felipe na escola para que eu e Nicole pudéssemos ir fazer o exame do Beta HCG. Ao ter chegado ao hospital São Joaquim havia poucas mulheres, o atendimento não demorou tanto como eu imaginava, ao chegar minha vez a enfermeira fez todo o procedimento para tirar o sangue, pediu-me até para relaxar porque me achou tensa demais, senti-me tão à vontade com a profissional, que esqueci por um momento o meu medo por agulhas.

— Como está se sentindo? — Minha sogra quebra o silêncio quando estamos entrando na cantina do hospital.

— Vou ser sincera, Nicole. Eu não estou preparada pra ser mãe novamente, passei tanto tempo lutando para cuidar do meu filho e hoje não sei como vai ser com um bebê novinho, se de fato confirmarmos nossas suspeitas.

— Te entendo, querida, mas não se angustie tanto. Agora você tem uma família de verdade, iremos te apoiar sempre — Ela pega em minha mão.

— Fico muito agradecida pelo carinho, nunca imaginei que você me

apoiaria tanto.

— E por que não? — Ouço sua risada.

— Já cheguei a pensar que nunca gostou de mim, nem da minha amizade com seu filho.

— Vamos nos sentar primeiro — Minha sogra puxa uma cadeira para se sentar e eu faço o mesmo em seguida.

— Sempre pensei que não era bem-vinda em sua casa. Muitas vezes peguei a senhora me olhando estranhamente.

— Não vou negar que muitas vezes me senti chateada por você nunca ter notado o quanto meu filho te amava, mas jamais tive algo contra você. Sempre admirei a sua forma de lutar pelo bem-estar do Lipe, sempre a achei uma mulher forte, tenho um carinho enorme por você.

— O que me dava forças era meu filho, por Felipe eu suportava qualquer coisa.

— Isso é verdade. Uma mãe faz tudo pelos filhos.

— Gostaria de poder voltar no tempo só para mudar tudo. Falhei muito com Max, ele sempre me fez tão bem.

— Errar é humano, Lara. Acredito que você jamais teve a intenção de magoar meu filho, fora que naquela época não havia como você saber de nada porque Max não demonstrava com clareza seus sentimentos como homem.

— Vocês dois são bastantes próximos, não é? Eu acho lindo essa relação de mãe e filho que vocês têm, são tão cúmplices.

— Posso te pedir um favor?

— Claro, Sra. Nicole.

— Faça meu Max feliz, ele é tão louco por você.

— É o que mais desejo, fazer o homem da minha vida feliz. Se depender de mim ficaremos juntos até o último dia das nossas vidas.

— Em breve vocês dois serão marido e mulher...

Sinto meu celular vibrar na bolsa, rapidamente reconheço o número do meu noivo.

— É o seu filho, preciso atender — aviso-a.

— Claro! — Ela sorri, e eu atendo a chamada.

— Alô?

— *Querida, como foi seu exame? Você está bem? Se sentiu mal?*

— Quantas perguntas, homem! Estou bem, sim — Meu sorriso não cabe no rosto.

— *Fico mais aliviado. E minha mãe, ela também está bem?*

— Está sim, Max. Nós duas estamos — Olho para Nicole.

— *Amor, pelo horário acredito que não vá dar para vocês pegarem nosso menino, então deixe que eu peço à Aline para pegá-lo.*

Penso em perguntar com quem Felipe vai ficar, mas Max parece ter adivinhado meu pensamento.

— *Como minha avó veio visitar a empresa e não tem ninguém lá em casa vou pedir à Aline que o traga para cá também, não fique preocupada, meu bem.*

— Obrigada.

— *Não precisa agradecer. Somos um casal, uma família. Lara, preciso*

desligar, houve uma emergência aqui, te ligo depois.

Sem entender o comportamento repentino de Max, tento retornar a ligação, mas fica caindo na caixa postal. Quando percebo que a mãe dele me observa curiosamente eu tento disfarçar com um pequeno sorriso.

— Ele tem uma reunião importante daqui a alguns minutos, precisou desligar para se organizar — Apresso-me em dizer.

— Entendi — A voz soa desconfiada.

— Me deu fome. Vamos pedir alguma coisa? — sugiro ao passar a mão na barriga por cima do tecido da minha roupa.



Depois de quase horas esperando o resultado, finalmente estávamos saindo do hospital, até o fatídico momento em que me deparo com minha ex-madrasta, com uma arma em punho apontada em minha direção, desacreditada com o que estou vendo entrego a pasta branca e verde para Nicole, que já está pálida ao meu lado.

— Meu Deus! Que mulher...

Olga me olha com fúria nos olhos, mesmo com medo me aproximo dela e tento acalmá-la, mas ao ficar de frente para ela desperto ainda mais sua ira.

— Shiii... Não reaja, por favor, Nicole — imploro para a mãe de Max.
— Por que está fazendo isso? Por que quer me ferir? Nunca lhe fiz nada.

Busco tomar mais tempo para ver se alguém da segurança aparece ou chama a polícia. As pessoas que estão passando na rua mudam de calçada e outras correm, ninguém tem a coragem de nos socorrer, mas quem vai se submeter a tomar um tiro?

— Você fez sim! Nasceu. E com você a minha vida se tornou um inferno. A ideia inicial era tirar você e sua mãe do meu caminho, uma pena

ter falhado com isso, ter feito apenas metade do trabalho, mas de hoje não passa, você não será nunca mais um obstáculo na minha vida, esperei tempo demais pra me vingar de você! — Amargurada a ex de Marcos fala.

Com o corpo todo trêmulo tento compreender cada coisa que me diz. Como assim ela tirou minha mãe do caminho dela? De repente tudo passa como um *flashback*.

Olga Ruiz nunca gostou de mim.

Ela é obcecada por Marcos.

Sempre quis estar no lugar de Ana. Do nada, ela aparece na vida de Marcos e eles se casam. Depois da morte dos meus pais a megera conseguiu o que sempre desejou, fora, que nunca me tratou bem.

— Por favor vamos conversar... não precisa fazer isso... eu posso prometer a você que nunca mais me verá, se é esse seu desejo, prometo sair da sua vida e da vida de Marcos também — Gaguejo e em um ato protetor levo a mão em meu ventre.

— De nada adianta você sumir, esse burro vai atrás de você aonde quer que esteja, não percebe que ele vive por você desde sempre, eu que não o permitia lhe dar uma vida melhor, sempre o impedi e ele como sempre foi muito fácil de dominar, aceitava minhas ordens sem ao menos me questionar. Eu, por várias vezes sugeri que se livrasse de você, e por pena ele não fez isso, por dor na consciência — Olga ri diabolicamente, causando-me pavor.

— Não sei nem o que dizer com tudo o que estou ouvindo, mas de uma coisa você pode ficar certa, Olga... eu não sou o problema aqui, e nunca quis ser, me perdoe por ter atrapalhado tanto a sua vida — Minhas lágrimas caem. Não quero que hoje seja meu último dia de vida, não quero deixar as pessoas que amo.

— Não seja patética! Nem finja falso moralismo, garota. Essa é a sua última oportunidade de falar alguma coisa, já pensou no que vai dizer? — Quase perco o fôlego quando Olga encosta o cano gelado da arma em minha testa.

— PELO AMOR DE DEUS ALGUÉM SE MOVE! — Nicole grita, ao me puxar para trás.

— Calada sua intrometida! — Olga rosna. — Nem pense que se você estiver na frente dela eu não a matarei também! Lara deve morrer hoje!

— Você é doente, precisa se tratar urgente. Seu problema é patológico — minha sogra enfrenta, e eu temo por sua coragem.

— Quer ir para o inferno também? Vou acabar com isso agora, saia da minha frente ou não respondo por mim! — A mulher mira em direção a Nicole.

— Não saio mesmo, você não vai tirar do meu filho e minha nora a chance de serem felizes por capricho, ciente de que você nunca foi feliz e está deixando isso muito claro — A mãe de Max rebate.

— Não preciso de amor para me sentir feliz, o dinheiro já me traz felicidade, mas essa bastarda que atrapalhou minha vida durante todos esses anos!

— Olga... por favor, lhe imploro, me deixe ir embora não farei nada que a prejudique, vamos esquecer esse ocorrido e seguir nossas vidas quero apenas ter meu filho em paz e ser feliz com minha família — peço entre soluços.

— Você não vai ser feliz! Nuncaaaaaaa! — grita minha ex-madrasta em seguida se volta para mim, disparando a arma em minha direção, sou capaz de ouvir um grito e tenho meu corpo arremessado para o lado. Bato contra um carro e caio procurando entender o que havia acontecido de fato, até que vejo Marcos jogado no chão e Olga com os olhos arregalados parada no mesmo lugar como se não estivesse acreditando no que está acontecendo. Ela atirou no homem que viveu por anos.

— O QUE VOCÊ FEZ? — grito desesperada indo ao encontro do corpo de Marcos. Uma dor aguda bate em meu coração, não sei descrever essa sensação, as lágrimas rolando em meu rosto.

— Eu... Eu... — A assassina finge um choro e joga a arma no chão assim que dois homens vestidos com fardas pretas e armados a imobiliza pelos braços. Aonde eles estavam para impedir essa desgraça?

— Vou... procurar... alguém... — Nicole nota a gravidade e mesmo assustada com tudo corre para longe em busca de ajuda.

— Fica calmo... — o sacudindo eu exijo quando vejo o sangue tomando toda parte da camisa branca do homem. Não consigo saber onde ele foi atingindo, a mancha vermelha está por toda parte, o sangue está saindo muito rápido.

— Lara... — Marcos sorri para mim, antes de tocar em meu rosto, a mão dele está trêmula. Só consigo abraçá-lo. — Você me lembra muito sua mãe... O sorriso, os cabelos... Tudo. Quando eu te vi pela primeira vez quando era um bebê nos braços do meu irmão meu coração bateu tão forte que eu me surpreendi, jamais pensei que uma criança teria tanta propriedade sobre mim. Te amei desde o princípio, desde que esteve no ventre da mulher da minha vida. Na verdade, eu apenas fui um homem frustrado na vida que não aceitou perder... Meus atos me trouxeram muitas consequências.

— Não se esforce — sussurro. Passo a mão no rosto do meu pai quando ouço seu choro.

— Eu... preciso... te dizer... Acho que Deus está me dando essa segunda chance para eu fazer a coisa certa... — ele lamenta.

— Marcos...

— Sei que a magoei muito... E nada do que eu faça vai mudar o que te fiz passar, minha filha... Fui desumano com você, nem morrendo pago meus pecados — Escorre água do nariz dele de tanto chorar.

— Não diz isso... Eu sei que somos diferentes, mas não quero perdê-lo, por favor fica comigo... Não guardo rancor no coração... — Marcos revira os olhos duas vezes e geme de dor.

— Não faz isso comigo... O Lipe te ama tanto... MARCOS EU ESTOU

COM VOCÊ! Abra os olhos, não desista... reage... olha pra mim...

— Pare... — pede ele, tentando sorrir, mas a dor já tomou conta dele.
— Há um tempo aprendi que algo precisa morrer para outro nascer. E se... Hoje eu me for, vou feliz...

— Mesmo com tudo que aconteceu, pai, eu amo você... não me faça sofrer com mais uma perda — Meu peito dói fortemente. Nada ao meu redor importa.

— SENHORA SE AFASTE, ELE ESTÁ SANGRANDO MUITO! — Sou interrompida por uma enfermeira e dois maqueiros que me afastam do corpo ensanguentado e rapidamente o colocam na maca e correm em direção ao hospital.

Estou jogada no chão em prantos, até ser tocada no ombro por Nicole, mas simplesmente não consigo reagir. Não tenho voz, nem forças para expressar minha dor.



MAX PRADO

— Com licença, Sr. Prado, o sr. Teles está aí — fala Aline em baixo tom quando vê que estou em uma ligação.

— Não precisa agradecer. Somos um casal, uma família. Lara, preciso desligar, houve uma emergência aqui, te ligo depois — Encerro a chamada, em seguida faço um sinal para minha secretária para que entre.

— Entre. Ele disse o que quer? — pergunto. Quando Marcos me ligou pela manhã dizendo que viria eu não acreditei, mas pelo visto o homem está mesmo disposto a enfrentar a mulher.

— Não, senhor — ela nega. — Só pediu para que eu viesse falar que está aqui querendo vê-lo.

— Pode deixá-lo entrar então.

— Certo — concorda.

— Aline, mande Jeiza te substituir enquanto você está com Felipe e minha avó, diga que foi uma ordem minha.

Após Aline ter pego Lipe na escola e o trazido para empresa a pedi que cuidasse do menino em um dos escritórios que tenho desocupado no andar, e, também que de vez em quando observasse minha avó que já é de idade. Dona Isabela me pediu para vir comigo e eu não pude negá-la isso.

— Farei isso, com licença — Aline me dá as costas e sai.

Silenciosamente observo a tela do meu celular que tem em destaque minha foto com Lara e Lipe, de repente uma sensação ruim bate em meu peito e eu não entendo o porquê. Tentando não ficar paranoico procuro pensar em coisas boas; minha família.

— Bom dia, Max — Levanto a cabeça e olho o homem com olheiras profundas, e semblante triste.

— Sente-se, Marcos.

— Não vou tomar muito seu tempo, só vim te pedir algo, é para Lara e meu neto — Os olhos azuis do homem se fixam aos meus, por um momento sinto pena dele.

— O que seria isso? — questiono quando o vejo colocar na mesa dois envelopes selados.

— Duas cartas — Ele sorri, logo após vejo as lágrimas descenderem por sua pele alva e enrugada. — Sempre tivemos nossas desavenças, mas desde que entrou na vida da minha filha soube que você seria uma ótima influência na vida dela. Max, eu seria muito egoísta se hoje, eu viesse aqui para te pedir perdão pelos meus comportamentos, tenho consciência de que tudo que fiz não tem perdão.

— Por que... — Marcos me impede de falar.

— Me deixe prosseguir.

Concordo balançando a cabeça.

— Max, pegue essas duas cartas e faça com que elas sejam entregues

— pede-me.

— Posso entregar sim, mas por que não faz isso? A Lara... Ela não guarda rancor...

— A gente sabe quando algo de ruim está pra acontecer — diz, antes de passar a mão no rosto. — E eu preciso dar um jeito em Olga antes que ela faça alguma besteira.

— Venha jantar com minha família hoje à noite, venha ver o Felipe, aproveite e entregue pessoalmente para eles — convidou-o por impulso ao pegar os envelopes.

— Agradeço, mas eu não posso...

— Vai viajar? — indago.

— Só faça o que estou te pedindo, por favor — O homem se levanta.

— Marcos, — Ele se vira esperando que eu fale. — boa sorte.



Assim que recebi uma ligação da minha mãe e percebi que ela estava aos prantos, rapidamente me lembrei da sensação ruim que havia sentido mais cedo, porém, não imaginei que o motivo do choro de Nicole era porque Marcos tinha levado um tiro e estava entre a vida e a morte. Ao me relatar o ocorrido minha mãe me pediu para que eu viesse correndo ao hospital porque minha ruiva estava desolada e assim que levaram o pai dela para a sala de cirurgia tiveram que aplicar uma medicação nela porque estava muito nervosa.

— Marcos foi me ver mais cedo, nunca imaginei que ele viria parar aqui. Aonde está minha mulher, mãe? — confesso, ainda atônito com a situação.

— Ela está chorando demais, talvez faça mal ao bebê... A Lara já caiu, mas o médico disse que por sorte não houve nada com a criança...

— Meu Deus. Como assim ela caiu? — Passo a mão no cabelo.

— Aquela mulher apareceu aqui para tirar a vida da Lara, meu filho, mas Marcos foi mais rápido e tomou a frente.

— Agora entendi tudo... A carta... — levo as mãos no rosto preocupado.

— Que carta, Max? — Nicole também está assustada. Como não ficar?

— Mãe, por favor vá ficar com minha avó e Felipe, os deixei com Aline — peço desconcertado.

— O que está acontecendo? Você está me deixando muito preocupada, meu bem.

— Depois eu explico. Me diga, aonde está Olga?

— Levaram-na para a delegacia, ela foi pega em flagrante — respondo-me. — Foi terrível demais a cena, você precisava ver... Algumas pessoas estavam vendo tudo, mas ninguém teve a coragem de nos defender, corriam para fora da calçada.

Ninguém iria se colocar em frente a uma arma, penso. Marcos fez por amor, sim amor, uma pessoa só seria capaz de dar a vida por outra se fosse por um único motivo; amor.

— Ainda estou tão surpreso — declaro. — A senhora pode ir, eu cuido da Lara. Obrigado por tudo que fez hoje.

— Não fiz nada, meu querido. Quem fez foi o pai dela — diz. — Não gosto nem de pensar... Imagine se o homem não tivesse tomado a frente?

Nem eu. A essa hora eu já teria perdido um pedaço de mim, o amor da minha vida.

Estamos de frente ao quarto onde minha mulher foi colocada, após um surto. Quando estou para abraçar Nicole um homem vestido com um jaleco

branco se aproxima.

— Parentes do paciente Marcos Teles? — O homem pergunta e eu concordo.

— Sim.

— Qual é seu grau de parentesco com ele? — o doutor questiona.

— Ele é meu sogro — Não deixo de falar a verdade. — Marcos só tem a mim e a filha dele, então o que tem para dizer pode me falar.

— Certo. Sou o doutor Pietro, estou trabalhando junto com o doutor Gael na sala de cirurgia, estamos fazendo de tudo para salvar a vida do paciente, ele perdeu muito sangue. E como médico é minha responsabilidade deixá-los cientes dos riscos de um tiro no abdômen. Disparos que entram na cavidade abdominal causam sempre danos significativos.

— Façam o possível para salvar a vida dele, não se preocupem com os gastos, todos serão pagos por mim — falo. Só consigo pensar em como vai ser de agora em diante se Marcos vier a falecer.

— O paciente já foi levado para a sala de cirurgia para realizarmos uma intervenção cirúrgica e os riscos que competem esse tipo de operação podem não ser positivos.

— Obrigado, doutor — agradeço a sinceridade do profissional.

De coração espero que o pai de Lara tenha uma segunda chance e possa sobreviver para tentar resgatar o tempo perdido com a filha e o neto. Apesar de tudo o que ele fez, vi arrependimento em seus olhos, em suas palavras, em tudo. Ter tomado a frente e levado uma bala por alguém não é para qualquer um, foi mais que um gesto nobre, ele salvou não só uma vida, mas sim duas; da filha e do neto.



Minha mãe foi para casa e eu fiquei no hospital, nesse momento Lara

está nos meus braços chorando, e eu acariciando seus cabelos. É doloroso, posso imaginar o quanto esteja sendo difícil para ela, justamente agora que Marcos parecia ter se arrependido. Quando Nicole foi embora eu entrei no quarto onde puseram minha mulher, ela se encontrava encolhida na cama com os olhos avermelhados e lábios trêmulos.

— Querida, vai ficar tudo bem, não chore tanto pode fazer mal a você e ao bebê — tento acalmá-la, mesmo sabendo que o pai dela pode não sair com vida da cirurgia.

— A culpa é minha, Max, somente minha — ela funga. — Olga queria a mim, mas ele se jogou na frente, salvou minha vida e a do nosso filho. A sensação de perda está me corroendo por dentro.

— Eu sei que não tem como, mas tente relaxar.

— É meu pai... Foram tantos anos perdidos — soluça. — Se eu soubesse... Teria aproveitado aquela vez que ele foi me procurar.

Pego-me pensando no que o médico dissera, e, também sobre uma passagem bíblica que já ouvi muito as pessoas falarem; O preço do pecado é a morte. Será que Marcos está fadado a pagar seus pecados com a morte? Meneio a cabeça para parar de pensar em coisas negativas.



LARA MORAES

Após algumas horas consegui cessar meu choro, no entanto, a dor continuava em meu interior; essa dor é a mais difícil de lidar. Com a cabeça apoiada no ombro de Max, e a mão dele passeando em minha barriga eu procuro pensar positivo por mais que meu subconsciente esteja negativo. Mas a esperança é a última que morre. Já estamos na recepção aguardando por mais notícias.

Meu coração fica apertado quando vejo o doutor responsável por Marcos se aproximando com outro médico, ele está com o semblante baixo enquanto conversa algo com seu colega de trabalho, já, eu aperto correndo a

mão de Max, que rapidamente entende minha ação. Fico de pé, mesmo com as pernas bambas, espero que um dos médicos me dê alguma esperança ou a tire de vez.

— Boa noite — falo baixo. — Os senhores já têm alguma...

Não consigo completar a fala. Estou fraca por dentro e por fora.

— Sr. Prado, por favor, sente-se com a sua esposa ou pelo menos a deixe sentada — doutor Pietro sugere seriamente.

— Eu não quero sentar, fiquei por horas sentada, estou bem aqui — falo, ansiosa.

— Lara, o doutor sabe o que está falando, por favor, meu bem — meu noivo sussurra perto do meu ouvido.

— Tudo bem — contra a minha vontade sento-me de volta e sou acompanhada por Max, que me abraça.

Eu estou sentindo que já o perdi, mas não quero acreditar, não quero acreditar que Marcos se foi. E novamente meus olhos ardem e as lágrimas caem. Perco meu chão mesmo antes do médico abrir a boca, basta ele olhar tristemente para o outro e seu colega assentir com a cabeça como se disse "temos que lhe dar uma notícia".

— Por favor, estão me deixando aflita — reclamo entre soluços.

— O paciente teve uma parada cardíaca, tomamos todas as providências, mas infelizmente ele não resistiu.

Parada cardíaca.

Parada cardíaca.

Parada cardíaca.

Parada cardíaca.

Não resistiu.

Não resistiu.

Não resistiu.

Não resistiu.

Não resistiu.

A dor colidiu por todo meu corpo, não só afetou meu coração, mas minha alma também. Ainda não acredito, mesmo que os dois homens à minha frente me olhem consternados e não tenham motivo algum para mentir. Sem saber o que fazer tento sair do abraço de Max, porém sou impedida, e tudo fica em câmera lenta. Pego no rosto do meu noivo e aperto, arregalo os olhos, meneio a cabeça, olho para todos os cantos do hospital tentando ver se não estou sonhando. Desesperada chacoalho o ombro do homem que está me dando todo apoio, porém volto para realidade com a voz quase inaudível de Max.

— Shiii... — Sou puxada para um abraço. — Controle essa angústia, tem uma sementinha aí dentro que se assusta cada vez que você se descontrola. Fica aqui quietinha eu conforto você, e vamos passar por tudo isso, juntos, tudo bem?

Entre soluços não sou capaz de dizer uma palavra apenas meneio em concordância, e sinto Max me apertar forte, como quem quer tirar de mim a dor. A única coisa que eu sou capaz de pensar é que mulher de sorte eu sou por ter alguém que me quer tão bem. Perdi tantos anos da minha vida brigando com a pessoa que eu quis ter ao meu lado todos os dias e poder dizer que o amava, mas não sabia a verdade e quando soube fui privada disso, e agora toda essa merda recai sobre mim, e eu o perdi.

Ainda não consigo acreditar eu perdi meu pai biológico, meu pai que eu nunca soube, pois passou a vida me escondendo isso, sendo ruim para mim, mas eu sempre o amei, e hoje eu só queria abraçá-lo. Por que Deus?.... Por que tanta coisa ruim acontece comigo? Apesar de tudo, Marcos sempre me livrava das mãos da mulher dele, lembro-me muito bem dos momentos

em que a megera erguia as mãos para me bater e ele a segurava dizendo que ela jamais iria me machucar, gritava dizendo que a mulher não tinha esse direito porque não era minha mãe.

No final das contas eu sabia o motivo do ódio de Olga, ela não se sentia satisfeita com a proteção de Marcos, por mais que não fosse tão direta, mas ele não a deixava tocar um dedo em mim, e nem o mesmo jamais tocou em mim, se eu disser que o homem que um dia pensei que fosse ser meu tio já pôs as mãos em mim eu estaria mentindo.

— Ele disse que Deus... estava o dando uma segunda... chance para fazer a coisa... certa — Choro. — Poderia fazer isso vivo...

Estou destroçada por saber que nossa última vez juntos foi com ele em meus braços ensanguentado me pedindo perdão pelos seus atos e declarando seu amor por mim.

Compreendo que um dia todos nós iremos morrer, porém, como Olga tirou a vida de Marcos tão brutalmente que não consigo me conformar. Se depender de mim ela vai apodrecer naquela cadeia. Não sou uma pessoa ruim, mas o que aquela assassina fez não merece perdão. Com a ajuda de Max vou prestar uma queixa por ela ter tentado me matar e, também por ter tirado meu pai de mim. Meu único objetivo é conseguir justiça.

Marcos não está mais entre nós, eu não pretendo terminar de ler aquele dossiê que Max me deu, não importa o que foi feito no passado, o que passou, passou. Não quero ter lembranças ruins, já carreguei muitas. O que quero agora é pensar nos poucos momentos bons, quero paz, e para isso é necessário esquecer algumas coisas, sendo assim, vou queimar aquele dossiê.



LARA MORAES

Há dois dias enterrei meu pai. Faz dois dias que estou no escuro, estou tentando juntar os pedaços que restaram de mim. Nesse momento estou lendo a carta que Marcos havia deixado nas mãos de Max, antes de todo acontecimento. Conforme vou lendo as lágrimas vão descendo, essa é a terceira vez que releio o primeiro trecho do texto, emociono-me ao reconhecer a caligrafia de Marcos.

Querida, Lara

Uma vez ouvi dizer que, quando estamos prestes a morrer sentimos; é uma sensação que bate no coração que só nós mesmos somos capazes de saber que algo de ruim vai acontecer... Ou não, talvez seja só mais um, dos muitos ditados que têm por aí. Hoje, estou escrevendo para você, minha filha, porque eu não sei o dia de hoje nem do amanhã. Lara, eu errei muito, não só no passado com sua mãe, a única mulher que foi capaz de ter meu amor e meu coração, mas com você também, meu tesouro. Eu sei que você deve estar estranhando minhas palavras, provavelmente também se encontra confusa. Quero te confessar algo: Quando Ana escolheu meu irmão e não a mim, eu chorei como um bebê, chorei a noite toda porque o amor da minha vida tinha escolhido outro e não a mim, meio egoísta, eu sei, mas ao sentir você a primeira vez no ventre da sua mãe me fez querer voltar no passado e

ter feito tudo certo.

Queria ter sido eu, o namorado de Ana e não meu irmão, gostaria de ter sido o namorado oficial, o único na vida dela, na vida de vocês. Fiz tanta besteira quando jovem e agora já velho, que me envergonho, bom, é uma pena que não possamos voltar no passado e recuperar as coisas perdidas. Minha filha, todos os dias eu morro aos poucos, o remorso está me matando aos poucos. Querida, todas as vezes que te humilhei com palavras duras, não era porque te odiava, era porque eu tinha medo de que você me deixasse igual sua mãe fez, eu não queria te perder, Lara.

Sei que fui cruel. Meu bem, quando eu dizia que você não tinha uma casa própria, estava mentindo, tudo o que é meu é seu, trabalhei durante esses anos pensando em você, e logo depois em meu neto. Ana e meu irmão quando morreram deixaram uma herança para você, eu a escondi com garras para que Olga não tivesse conhecimento disso, porém, foi inútil da minha parte, fui leigo, a mulher sempre soube. Há pouco tempo descobri que ela estava me roubando, na verdade, pegando boa parte que investi do seu dinheiro na empresa para futuramente Lipe e você pudessem ser sócios majoritários dentro da empresa. A coloquei contra a parede perguntando por que estava pegando algo que não era dela, a mulher simplesmente me sugeriu que ficássemos com seu dinheiro e te deixasse na sarjeta, mas recusei, disse que jamais faria isso e que por mais ela estivesse comigo durante tantos anos o que era meu um dia passaria a ser seu, acredito que isso que tenha despertado ainda mais a fúria da mulher.

Quando paro de ler escuto passos atrás de mim, rapidamente limpo meu rosto que está banhado em lágrimas. Depois que passou um dia do enterro de Marcos, Max me contou sobre as duas cartas que meu pai tinha deixado, uma destinada a mim e outra para meu filho. Meu noivo disse que não quis me contar antes porque eu já me encontrava vulnerável demais, não queria me ver sofrer ainda mais. E mais uma vez o entendi, tudo o que Max faz é para meu bem, estive a todo momento ao meu lado no velório de Marcos até a hora do enterro.

Soluço baixinho quando me lembro que ao enterrar meu pai não vi amigos, funcionários, ninguém mesmo, só quem estava do lado dele fui eu e

Max, nem Nicole pôde ir, ela teve que ficar com Felipe e a sogra, dona Isabela.

— Lara, tome esse chá de erva-doce, ele vai te fazer bem — diz Nicole se aproximando com uma xícara nas mãos. Meneio a cabeça e ponho o papel em cima da mesinha de centro.

— Obrigada, Nic, você é um anjo de sogra — Ela sorri e se senta ao meu lado, mas antes me entrega a xícara.

— Tome, vai se sentir melhor.

— Onde está Max? Quando acordei ele já não estava mais na cama — falo já sorvendo o líquido morno.

— Meu filho saiu cedo dizendo que tinha algumas coisas para resolver na rua, mas acredito que não seja nada da empresa porque ele levou o Lipe.

— Sinto que ele está aprontando — brinco e minha sogra sorri, como se já soubesse o que o filho está fazendo.

— Não sei de nada — Nicole gargalha e eu a acompanho.

— Esses dias dona Isabela anda tão quietinha... Logo ela que gosta tanto de conversar.

— É a idade, minha querida — fala.

— Espero que seja somente isso, gosto muito da avó do meu amor, assim como de você, então quero vê-las sorridentes e felizes. Vocês são minha família, já as amo — Toco em sua mão. — Preocupo-me bastante com as duas.

— Você é um anjo nas nossas vidas. Obrigada por tudo, principalmente por estar fazendo meu filho um homem tão realizado — Nicole me abraça.

— Quem deve agradecer aqui sou eu — Sou sincera.

— Que isso, meu bem...

A campainha começa a tocar, prontamente Nic se levanta para atender, e eu aproveito para recolher a carta que ainda está aberta na mesinha de centro.

— Você não vai acreditar quem é Lara — A voz surpresa de Nicole me deixa curiosa. Viro meu rosto em direção a porta, e ligeiramente fixo meus olhos na pessoa que pensei que não veria tão cedo; a ex de Max.

— Olá — fala Thais, entrando em casa assim que minha sogra dá espaço para ela.

Surpreendo-me com a mudança da mulher, faz um bom tempo que não nos vemos. Thais está com os cabelos cortados acima dos ombros, usando um vestido soltinho verde-cana com poucos detalhes, uma rouba simples do dia a dia, porém, o que está mais chamando atenção é sua barriga ondulada que já dá para perceber e muito bem sua gravidez.

— Ah... Oi, venha, sente-se... Aconteceu algo com você? — Gaguejo confusa por não saber o que ela quer em Porto Vermelho.

— Não... Eu estou bem, quer dizer, na medida do possível — Thais sorri timidamente.

— Bom, já que está em companhia vou indo ver como Isabela está — Nicole nos interrompe.

— O que te trouxe aqui? — Inquiro, quando percebo que estamos sozinhas.

— Eu... Vim te dar meus pêsames — sussurra, envergonhada. — Sei que nunca fomos amigas... Isso pode estar soando estranho, mas quando soube da morte de Marcos só pensei em você, em como deveria estar sua cabeça... Apesar de tudo...

— Ele era meu pai — completo.

— Isso.

— Agradeço a solidariedade, Thais, é gentil da sua parte.

— Eu sei que errei muito, não fui uma pessoa de caráter em relação a Max... A tudo — Seus olhos ficam lacrimejados.

— O importante é que você reconhece que errou. O importante é que não repita os mesmos erros — Toco em seu ombro.

— Você é uma pessoa tão cheia de princípios... Depois de tudo... Te admiro.

— Foram tantos desastres em minha vida que acabei me tornando uma mulher forte — confesso.

— Eu sempre a vi como uma pessoa forte, Lara. Você é uma guerreira, passou por tantas coisas e continuou firme, não abaixou a cabeça e nem se deixou afetar — As lágrimas caem no rosto da mulher.

— Ei, não chore. O que está havendo? Me diga a verdade — preocupo-me. — Com quem você veio?

— Vim com alguém — O sorriso dela é murcho. — O pai do meu bebê.

— Ele está te tratando bem? Te fez algo? Por que de repente ficou com o rosto abatido? — passo as mãos em sua face.

— Está sim... Só que é tão estranho... Depois de ter conhecido Marcos Teles a minha vida melhorou e, também piorou.

— Sinto muito pelo o que aconteceu com você, Thais.

— Não sinta, só estou pagando pelo o que fiz.

— Não pense assim, não seja cruel consigo mesma — repreendo-a.

— Uma coisa que aprendi é que Deus não te dá um fardo maior do que você possa carregar.

— É verdade — Thais me abraça e eu retribuo.

— O pai do seu filho está te tratando mal? Me diga, por favor, estou aflita.

— Não, não é isso, o Oscar só não me trata mais como antes, na verdade, estamos em um relacionamento vazio, ele não tem mais o mesmo carinho, nem me trata com amor... É frio, distante. Me pergunto se ele ainda sente algo por mim... Ou está comigo por causa do nosso filho.

— Thais, filho não segura homem, pelo menos eu acho isso. Se Oscar está com você é porque ele ainda tem sentimentos — falo.

— Será?

— É claro que sim! Se ele não gostasse mais de você, não estaria ao seu lado acompanhando a gravidez, simplesmente assumiria a criança quando ela nascesse e nada mais.

— Verdade, realmente — Thais sorri aliviada. — Obrigada... Obrigada mesmo pelas palavras. Eu vim aqui te dar meus pêsames e acabei jogando meus problemas para você.

— Deixe de besteira, mulher!

— Fico besta por você não me odiar...

— Não consigo guardar rancor de ninguém — revelo.

— Não sabe o bem que está fazendo, Lara — ela pega em minhas mãos. — Guardar rancor só destrói, só nos traz sentimentos ruins.

— Meu único desejo é viver em paz e ser feliz.

— Mas você vai ser, eu tenho certeza — Ela me olha dentro dos olhos.

— Seremos, Thais, seremos — reforço. — Obrigada por ter vindo, foi bom conversar com você. Sempre que puder apareça.

— Tudo bem, mas eu não sei se Max vai aceitar isso.

— Assim como eu, Max não guarda rancor, tenho certeza de que ele não te odeia.

— Vocês dois formam um casal tão lindo! Imagine quando tiver filhos juntos?

— Estou grávida! — exclamo.

— Ai meu Deus! — Ela põe as mãos na boca. — Max deve estar tão feliz!

— Estamos felizes! Não vejo a hora de ter meu bebê nos braços.

— Os meses passam rápido que a gente nem percebe.

— Isso é verdade — Meneio a cabeça.

— Meus parabéns!

— Obrigada! — Agradeço com sinceridade. — Você aceita um chá ou um café?

— Vamos deixar para a próxima! Oscar prometeu me levar a um lugar, estou bem ansiosa, já que ele disse ser surpresa — Os olhos dela chegam a brilhar quando fala do homem.

— Ah, então vai logo. Não perde tempo, vai conquistar seu homem! — pisco para ela.

— Pode deixar!



LARA MORAES

Meses mais tarde...

Meses depois e tudo parece que passou como um feixe de luz, aqueles pequenos raios luminosos que passam e a gente nem percebe, porém deixa sua marca na nossa alma. Gostaria que tudo fosse de outra forma, mais se fosse seria um conto de fadas e eu mais que ninguém sei que não existem esses contos.

— Aí... Maaaax... Me ajuda... — faço respiração cachorrinho tentando me concentrar, mas as dores são fortes demais e inesperadas.

— Estou chegando, calma meu amor — Coitado tinha acabado de chegar do trabalho, já estava indo tomar banho para que fôssemos dormir, porém a filha dele decidiu nascer. Sim, é uma menina! Quando descobrimos o sexo do bebê há uns meses, ficamos bobos e muito felizes por saber que Lipe teria uma irmãzinha.

Nós nos mudamos há alguns meses para a casa que ele havia comprado para que pudéssemos construir a nossa família.

— Tô calmaaaa!! Ai o bebê vai nascer, minha bolsa estourou! — Vejo-

o aparecer na porta do quarto desesperado, e nem posso ajudá-lo, as dores são tão fortes que sinto a sensação de desmaio abater meu corpo, mas preciso ajudar o bebê e me manter lúcida.

— Vou pegá-la, tudo bem? Agente firme, já vamos para o hospital — Max me pega nos braços.

— Ai... Vamos, por favor! — acabo gritando e ele assente.



Um tempo passou e eu não sei precisar se foram minutos ou horas, e as dores eram dilacerantes, parecia que minhas entranhas estavam sendo rasgadas sem um prévio aviso do feito, o curioso é que o nascimento do Lipe não me causou tanto sofrimento quanto essa minha segunda gravidez.

Só consigo ouvir bem longe:

— *Força! Vamos lá, mais um pouco, já está coroando, força mãezinha.*

Acredito que seja a médica, sei lá, enfermeira, e certamente ela não sabe o que fala, porque a dor é tanta que eu nem sei se estou acordada de verdade, nem tão pouco se estou fazendo força para ajudar meu bebê a nascer.

Até que uma dor mais acentuada me faz sair do transe em que estou, e um grito de dor sai dos meus lábios me trazendo a realidade da sala de parto. Um choro tão inesperado me acorda para a vida novamente, trouxe-me ao meu momento real, sou mãe novamente e apesar de todo sofrimento anterior.

— Ela é linda, mamãe... parabéns — Uma voz feminina fala.

— Deixe-me... Ver — Arrasto a voz cansada. A mulher se aproxima com minha bebê e ergue em minha direção para que eu possa pegá-la, no mesmo instante sinto a emoção tomar conta de mim.

Já nem sinto nada, apenas vontade de proteger meu ser tão miudinho e

enrugada, branquinha como a neve, com olhinhos espremidos, que em contato com o calor do meu corpo se acalma e eu só sinto amor, de uma forma inexplicável, como se nunca tivesse tido tanto sentido na minha vida até a chegada dessa pequena, presente de Deus.

A única pergunta que me fiz foi:

— Como passei tantos anos sem *esse amor*? É um sentimento arrebatador, exatamente o mesmo sentimento que tenho por Lipe, meu mais velho, nunca pensei que fosse capaz de ter tanto amor em mim, como agora e me sinto completa.

Aguardo por algum tempo, até ser levada a sala de pós-parto. Estou exausta pelo esforço feito, já adormeci pelo que me parecem dias, mas foram apenas algumas horas, e quando acordo é com o chorinho do meu amor, um serzinho tão pequeno indefeso, que já está aquecido e vestido com suas roupinhas tão pequenas quanto ele. Max se aproxima, ele parece tanto quanto eu encantado, tirando o bebê de seu pequeno bercinho e me entregando, em seguida me ajudando a posicionar a cama de forma mais confortável, tudo isso sem que eu dê ao menos um pio. Esse homem foi feito para me amar e cuidar de mim de verdade, conhece-me tão bem, sem que eu precise dizer nada ele cobre nossos corpos e o bebê com fome procura meu mamilo que ofereço de bom grado. Notando a dificuldade da nossa menina, Max fica atento ao que estou fazendo para auxiliar se possível.

— Estou apaixonado, Lara... — ele diz, com os olhos lacrimejados.

— Estamos, amor — Fixo meus olhos nos poucos fios avermelhados de Ana, sim, em homenagem ao nome da minha mãe. Cuidadosamente o pai babão ao meu lado passa a ponta dos dedos na cabeça da menina.

— Não vejo a hora de vê-la me chamando de pai...

— Quanta ansiedade! Ela acabou de nascer, querido — falo bobamente.

— Sou marinheiro de primeira viagem — defende-se sorrindo, ainda emocionado por ver o resultado do nosso amor em meus braços.

— Só estava brincando — Toco em sua mão.

Tantas coisas ruins e boas passamos juntos, umas das melhores notícias que tive nesses meses foi a prisão de Olga Ruiz, ela foi sentenciada a 20 anos de prisão por ter matado meu pai e por ter tentado me matar.

Por quase dois meses a megera estava conseguindo se safar do crime que cometeu, contratou dois advogados bons para tentar livrá-la da cadeia, porém, foi tudo por água abaixo quando Souza, o motorista, de Marcos apareceu em Porto Vermelho com alguns documentos nas mãos, o homem pediu para me ver e disse que esses papéis haviam sido deixados para mim, quem os deixou foi seu patrão, que lhe fez um pedido antes de viajar, o fez prometer que se algo lhe acontecesse os documentos iriam chegar em minhas mãos. Não vou mentir, fiquei surpresa com a honestidade do senhor, afinal o chefe dele já estava morto e ele poderia muito bem ter seguido outro caminho e ter entregado tudo para Olga. Confesso que foi um gesto nobre da parte do senhor Souza.

Por causa dele descobrimos que Marcos não deixou um tostão para a ex-esposa, um mês antes de ele vir me procurar mudou o testamento, não deixando nada para a víbora, tudo dele havia sido passado para meu nome e de Lipe. Devo acrescentar que talvez tenha sido isso que fez a mulher se revoltar tanto, provavelmente descobriu sobre a intenção do marido e quis me fazer mal. No final das contas ela saiu sem direito algum, meu pai acrescentou ao testamento dele que Olga estava o roubando, então não teria direito algum sobre a empresa e o dinheiro dele.



— Que coisa mais linda — Nicole mima a neta nos braços do filho.

— Deus ouviu minhas preces! Estou rica de bisnetos, tenho dois agora!
— A senhora Isabela fala e todos rimos. Felipe não veio, ele ficou com a moça que Max contratou para trabalhar em nossa casa, porém meu menino está muito ansioso para ver o rostinho da irmã dele.

— Está sim, minha avó — Max concorda. — Lara, pegue nossa Ana, vou resolver a documentação para sua liberação.

— Vai lá — Pego minha bebê.

— Te amo — Ele beija minha testa antes de sair.

Estou sentada de ladinho na cama já vestida com a roupa para ir embora, não vejo a hora de ir para casa. Os três dias em que passamos em observação foram tão rápidos que nem me dei conta, mas a vontade de voltar a dormir na minha cama era maior que tudo.

Duas batidas na porta e logo ela se abre:

— Olá, bom dia! Como estão as moças? — pergunta com simpatia a enfermeira.

— Bem — Em uníssono respondemos e todas riem.

— Que bom que todas estão, bem. Mãezinha, vim com algumas recomendações para seu retorno ao lar, preciso que siga à risca todos eles, viu? É para o bem-estar da sua pequena e o seu também, posso contar com sua ajuda? — em tom carinhoso a enfermeira se dirige a mim.

— Sim, claro. Farei tudo como você pedir, e tenho certeza que as duas corujinhas ao lado não vão me deixar esquecer, não é mesmo? — Sorrio ao olhar as duas mulheres mais incríveis que minha filha poderia ter como família.

— Que bom! Em relação ao aleitamento materno é fundamental que você se alimente bem, pois você será a única fonte de nutrientes da pequena Ana, evitar alimentos que prendam o intestino, e carosos também, pelo menos nos três primeiros meses — dando uma pequena pausa ela segue com suas orientações. — Em dez dias faremos o teste do pezinho, e poucos dias depois agendaremos as vacinas do primeiro mês, vamos marcar e fazer o atendimento na sua casa, para que seja confortável a todas.

— Fico mais tranquila assim. Não me leve a mal, Daiane, mas já podemos ir? — pergunto com sutileza.

— Ah, precisamos apenas da autorização, acredito que o senhor Prado

deva estar voltando com a documentação para vocês saírem.

— Não resta opção senão aguardar minha filha — com carinho de mãe Nic, envolve-me em seus braços.

E eu concordo.

A porta do quarto se abre e vejo a Dra. Ellen acompanhada do meu melhor companheiro.

— Ora, ora, quem já está prontinha para estrear seu quartinho e sua casinha, se não é a princesa Ana — a doutora fala sorrindo se dirigindo à minha pérola.

— Isso quer dizer que já podemos ir? — pergunto, olhando para meu noivo que assente.

— Isso. Você e sua criança estão de alta, já podem ir. Acredito que a enfermeira Daiane já tenha te passado as recomendações — A médica confirma.

— Passou sim. Que bom, porque já estava sentindo falta da maciez da minha cama. — Só depois que falo percebo ter pensado alto demais. Para disfarçar eu abro um sorriso. Max se aproxima da cama e pega nas mãozinhas da nossa filha e fala:

— Seremos muito felizes, meu anjo, papai já te ama muito, tá? Na verdade, ele ama toda a família, principalmente a sua mãe, a mulher da vida dele — O homem fixa seus olhos em mim.

— Também te amo — ergo uma mão no rosto dele e acaricio. Max Prado não foi meu primeiro amor, mas tenho certeza que será o último, se depender de mim ficaremos juntos até os nossos últimos dias de vida. Juntos podemos somar. Além de sermos melhores amigos, ele é meu homem, meu noivo e futuro marido. Eu o amo. E que o nosso amor se eternize.



MAX PRADO

Oito anos depois...

— Olhe para o papai, Ana! — Lara pede a nossa filha quando percebe que estou fazendo uma gravação. Desde os primeiros meses do nosso bebê eu faço gravações para acompanhar seu crescimento, não só o da nossa filha, mas também do Lipe. Nosso menino que já está com 16 anos, um garotão inteligente e amoroso que aprendeu a me chamar de pai.

— Vamos, irmãzinha, olhe para o nosso pai — Felipe reforça sorridente e a irmã solta uma risada gostosa.

— Aqui, pai Max! — Ana salta dos braços do irmão, em seguida põe as mãos na boca e fica me mandando beijos.

— Que menina linda eu tenho — Paro de gravar e entrego a câmera para Lipe.

— Amor, amanhã Ana tem aula, já está no horário de ela ir dormir! — Minha ruiva agora está com os cabelos curtos, acima dos ombros, eu a agarro

pela cintura e beijo seus lábios.

Lara e eu estamos casados há oito anos, após tantos acontecimentos tivemos que adiar nosso casamento, porém, isso não foi um problema, o importante é o agora.

— Me sinto tão abençoada com nossa família, é uma pena que Nicole e dona Isabela não possam estar presentes — fala Lara.

Minha avó está bem idosa, infelizmente está há três anos com Alzheimer, os sintomas começaram com o esquecimento, logo depois veio a perda de memórias recentes. Fico triste por saber que a doença não tem cura, todavia, o médico que cuida dela disse que com medicamentos e estratégias de controle podem melhorar os sintomas temporariamente.

Amanhã é o dia da consulta da minha avó em Santa Felipa, então pedi para que minha mãe cuidasse de tudo, elas estavam para vir hoje, mas por causa da consulta, adiaram a vinda para minha casa. Apesar da doença não ter cura, ela pode ser tratada, sendo assim, desejo fazer o possível e impossível pela mãe do meu pai, a senhora que tanto me ama e que sempre me apoiou. Aprendi com o passar dos anos que a gente colhe o que planta, e eu tenho certeza que durante esses tempos eu só plantei coisas boas, por isso, estou aqui ao lado das melhores pessoas. Sentir-me realizado é pouco, é inexplicável, não sei como descrever tudo isso ao meu redor.

— Amanhã elas virão assim que saírem da consulta — sussurro em seu ouvido.

— Que notícia maravilhosa! Então amanhã minha sogra e a bisa de Lipe vão conhecer a namorada dele! — Minha esposa beija meu rosto.

Nosso filho está namorando há dois anos com uma menina que conheceu na escola, o nome dela é Gabriela, é uma boa garota, educada, extrovertida e que passou a chamar minha esposa de *tia* e eu de *tio*.

— Mãe, às vezes a senhora me deixa envergonhado... — Felipe se pronuncia.

— Não é intencional, querido — a mulher fala.

— Só estou brincando, dona Lara — ele fala sorridente. — Mãe, já estou indo dormir, amanhã tenho que fazer um seminário na casa de um dos meus colegas que faz parte da equipe.

— Boa noite, filhão — Pisco para ele.

— Vai lá, meu filho, tenha uma boa-noite de sono — Minha esposa deseja quando vê Felipe seguir para o enorme corredor que dá para os quartos.

— Agora é a sua vez de ir pra cama, sapequinha — aponto para Ana que nos olha com admiração. Seus olhinhos brilham tanto quando vê a mãe e eu juntos.

— Ah, papai! Quero assistir filme com vocês dois! — A criança fica emburrada. — *Por favorzinho...*

Bobo fixo meus olhos na miniatura ruivinha, Ana puxou os cabelos avermelhados da mãe, e os olhos caramelados como os meus.

— Nem pensar. Isso não é hora de você estar acordada — Lara permanece firme, mesmo que nosso anjinho faça birra.

— Poxa, mamãe! — Os olhos de Ana enchem de lágrimas.

— Sem mais. Nos obedeça, filha. Tudo o que fazemos é para o seu bem — digo, agachando-me em sua frente. Toco no rosto pequeno dela e limpo as lágrimas que caem. — Você ainda não entende, mas tudo que os pais fazem para seus filhos é para o bem deles, e, eu e sua mãe só queremos o melhor para você e seu irmão. Agora não questione, e vá para seu quarto.

— Tá certo — Ana concorda.

— Então pare de chorar e me dê um abraço gostoso — peço a puxando para perto de mim e a abraço, aproveito para beijar sua bochecha. — Te amo muito. Tudo o que eu quero é que você cresça sabendo que deve nos

respeitar.

— Posso participar dessa conversa também? — Minha mulher se agacha ao nosso lado com seu sorriso lindo de sempre e nos abraça. — O que eu perdi? Estou com ciúmes já — brinca e Aninha ri.

— Nada, mãe... O papai só disse que me ama e eu também *amo ele*, eu amo vocês dois — A miniatura ruivinha declara. — Ah, e o Lipe também, só um pouquinho porque ele fica grudado naquela namorada dele e não quer mais assistir desenhos comigo.

— Algo a mais para reclamar? — Dou uma risada por estar me divertindo.

— Não, só isso mesmo — a criança constata. — Boa noite — Ana beija meu rosto e, em seguida o da mãe.

— Que beijão gostoso — Lara enche a menina de beijos, logo depois se levanta. Nossa filha corre na mesma direção em que o irmão foi há poucos minutos.

— Nossos filhos estão crescendo rápido. Falta poucos anos para que nosso filho tome posse da herança que o avô deixou.

— Estou ansiosa para esse dia, confesso, Max! Fico orgulhosa quando Lipe diz que vai se esforçar para nos dar orgulho...

— Nosso filho vai ser um grande homem, ele é um tesouro, amor — falo. Vou ao encontro dela e beijo seus lábios.

— Agradeço a você por ele ter crescido assim, a sua educação o fez ser quem é hoje, e olhe que é apenas um adolescente. Imagine quando estiver adulto?

— Posso imaginar sim — Cheiro sua pele, em seguida envolvo meus braços em sua cintura. — Agora podemos ir para o nosso quarto providenciar mais um irmão para nossos filhos? — proponho.

— Se você estiver disposto a carregar a criança por nove meses e depois dar à luz, sim, a gente pode fazer até 20 bebês, Max Prado.

— Que tóxica — gargalho.

— Só estava esperando Ana e Felipe irem dormir para te fazer essa proposta — ela sussurra em minha orelha. — Amor, vamos fabricar mais um bebê?

— Há pouco pensei que a fábrica estava indisponível...

— E estava — Lara inicia uma trilha de beijos por meu rosto. — Mas hoje decidi abrir uma exceção para que possamos fabricar mais uma criança.

— Que tal três? — sugiro, deslizando meu dedo no fecho do vestido dela.

— Uma, Max.

— Duas — insisto, ao começar beijar os ombros dela.

— Uma e não se fala mais nisso — geme quando apalpo suas nádegas.

— Acordo fechado.

— Acordo fechado. Agora vamos para o quarto — fala.

Como dizia uma música que ouvi uma vez: “*Todo mundo tem uma pessoa*”, e Lara é a minha pessoa. Desde o início foi e hoje não é diferente.

♥ SOBRE A AUTORA ♥

JESSICA SANTOS, 18 ANOS. Ama livros de romances, é uma leitora assídua. Futuramente pretende cursar faculdade de letras. Ama animais, principalmente cães. E aos 15 anos escreveu seu primeiro livro de romance, logo em seguida surgiu a ideia da série dos irmãos KNIGHT e outros projetos; depois disso não quis mais largar a escrita.

REDES SOCIAIS

Perfil do facebook: <https://www.facebook.com/Jessie.Autora>

Grupo do facebook: <https://www.facebook.com/groups/278565765949848/>

Instagram: https://www.instagram.com/jessica_autora/

Página do facebook: https://www.facebook.com/JessicaSantosAutora/?modal=admin_todo_tour

Meu e-mail: autorajessicasantos@gmail.com

Perfil no Wattpad: <https://www.wattpad.com/user/AutoraJessicaSantos>

SÉRIE IRMÃOS KNIGHT

LIVRO 1:

KILLZ KNIGHT

<https://amzn.to/2Krijhe>

LIVRO 2:

AXL KNIGHT (COMPLETO NA AMAZON) <https://amzn.to/2XUCzuF>

DAMA SEM HONRA: <https://amzn.to/31aEL25>

O NOIVO NÃO QUER CASAR: <https://amzn.to/35rPOY7>

NAOMI - APRENDENDO A AMAR: <https://amzn.to/35uWfte>

♥ OBRAS NO WATTPAD ♥

NOS BRAÇOS DO CEO (EM FEVEREIRO NA AMAZON): <https://w.tt/34FVi0o>

Para Raul, reputação e prestígio sempre estiveram no topo da lista para qualquer mulher que estivesse disposta a ocupar um lugar de destaque na família Montenegro, e Ananda, filha adotiva do seu irmão não se incluía na longa lista de pretendentes a esposa de seu filho, Douglas. Mas, como o amor gosta de uma confusão, foi justamente pela prima "postiça" que o coração do jovem empresário caiu de quatro, deixando o patriarca furioso e determinado a usar todas as armas que tivesse a sua disposição para acabar com o romance que poderia jogar o nome da sua família no lixo, caso seu filho insistisse no romance.

Uma chantagem.

Um segredo.

E enfim, o término.

Depois de todos os sonhos que Douglas planejou realizar ao lado de Ananda, tudo que sobrou foi a mágoa, a decepção e claro, um vazio profundo deixado pela mulher que prometeu lhe entregar seu coração.

Alguns anos se passaram, mas o amor de Douglas e Ananda continua tão forte quanto o preconceito que os separa. Nessa batalha desleal, quem levará a melhor?

Nos Braços do CEO, promete levar o leitor a um passeio emocionante onde as mentiras, as traições, a inveja e o preconceito serão apenas os convidados especiais, pois o protagonismo fica garantido exclusivamente ao

Amor.

MIL RAZÕES PARA TE AMAR: <https://w.tt/2Ldmw78>

Filho do homem mais importante da cidade, Andreas Ávila é lindo, rico, sexy e mimado. Um jovem imprudente que tem tudo de mão beijada, desde as mulheres mais cobiçadas até os melhores carros, sua grande paixão.

Para ele, tudo é permitido, não existem leis que possam intimidá-lo, afinal seu pai é quem as faz e o velho tem suas próprias regras, que seu filho faz questão de quebrá-las sempre que é possível.

Mas em uma noite qualquer, tudo muda. Inclusive a vida do jovem inconsequente, que vê todas as suas convicções, uma a uma, destruídas.

Um acidente.

Uma mulher grávida.

A vida de dois inocentes em suas mãos.

Um erro do destino, entrelaçando seu caminho ao da garota misteriosa como ele jamais imaginou ser possível.